



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Maria Candida Vargas Frederico

**Tentativas de formação de um campo literário de pequenas editoras:
tramas e casos**

Rio de Janeiro
2016

Maria Candida Vargas Frederico

**Tentativas de formação de um campo literário de pequenas editoras:
tramas e casos**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Rebello de Mendonça.

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CCS/A

F852 Frederico, Maria Candida Vargas.
Tentativas de formação de um campo literário de pequenas editoras: tramas e casos / Maria Candida Vargas Frederico. – 2016.
130 f.

Orientador: Carlos Eduardo Rebello de Mendonça.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
Bibliografia.

1. Editoras pequenas – Estudo de casos - Teses. 2. Escritores – Teses. I. Mendonça, Carlos Eduardo Rebello de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 655.41

Autorizo, somente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Maria Candida Vargas Frederico

**Tentativas de formação de um campo literário de pequenas editoras:
tramas e casos**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Carlos Eduardo Rebello de Mendonça (Orientador)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof.^a Dra. Myriam Sepúlveda dos Santos
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof. Dr. Valter Sinder
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof.^a Dra. Lígia Dabul
Universidade Federal Fluminense – UFF

Rio de Janeiro

2016

DEDICATÓRIA

Para Noel e Tonzinho.

AGRADECIMENTOS

Querido professor Carlos Eduardo, Wagner, Rodrigo Bertamé, Marcele Frossard, Duda, Raphael Santana, Mãe, Pai, Ana Clara, Ana Carolina, Jô, Heloene Ferreira, professora Myriam Sepúlveda, professor Valter Sinder, professor Ronaldo de Castro, professor Dorian, professora Clara Araújo, Sônia e Wagner, Viviane Lugão, Isabela Madrugada, Michele Strzoda, Rômulo Ferreira, David Monsores, Esperando Leitor e Érico Barbosa, agradeço a cada um pelo carinho, aprendizado, atenção, amizade e reconhecimento porque sozinha eu não estaria consciente das minhas capacidades.

Mas a vida literária não é o impossível explorado
com regularidade?

Honoré de Balzac. Ilusões Perdidas.

RESUMO

FREDERICO, Maria Candida Vargas. *Tentativas de formação de um campo literário de pequenas editoras: tramas e casos*. 2016. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

A produção editorial de pequenas editoras independentes criadas por escritores que se auto publicam, lançando também as obras dos seus pares, funciona como um circuito literário que fomenta a abertura de um campo de possibilidades a partir de iniciativas que se cruzam e se fortalecem na cadeia da produção do livro, atualmente – este é o objeto de análise deste trabalho, que apoiou-se no estudo de caso de trajetórias envolvendo escritores iniciantes e pequenos empreendimentos editoriais na cidade do Rio de Janeiro. Tomadas de posição diante do mercado editorial tradicional e do mercado editorial independente evidenciam um paradoxo relacionado aos rumos que cada agente desta produção literária enfrenta para legitimar-se como produtor de cultura. Entende-se que cada uma das três experiências de publicação funciona em estruturas localizadas em dimensões que aspiram, ainda, por reconhecimento social localizando os seus perfis de atividades de produção alinhados à interesses alternativos. As atribuições referentes às funções de autor, editor e editora também foram analisadas, considerando as classificações convencionais dos tradicionais órgãos responsáveis por pesquisas do setor editorial, CBL e SNEL, principalmente, juntamente com as declarações dos autores e editores que são apresentadas nos estudos de caso. Foi empregada a metodologia qualitativa à esta pesquisa através de um trabalho de campo, onde uma aproximação junto ao objeto de pesquisa ocorreu durante dois anos, 2014 e 2015.

Palavras-chave: Campo literário. Pequenas editoras. Estudos de caso. Escritores iniciantes.

ABSTRACT

FREDERICO, Maria Candida Vargas. *Attempts to form a literary field of small publishers: plots and cases*. 2016. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

The editorial production of small independent publishers created by writers who publish on their own, and also launch works by their peers, acting in a literary circuit that promotes a range of possibilities from initiatives that cross and strengthen themselves in the production chain of the book currently, is the subject of this dissertation, that supports itself on the case histories about beginner writers and small publishing enterprises in Rio de Janeiro city. Different stances taken towards publishing, either by traditional publishing or self-publishing enterprises offer evidence of a paradox related to the directions that each producer of literary output faces to legitimize himself as a culture producer. Understanding that each of the three publishing experiences studied not only strives at self-reproduction, but also works into structures located in dimensions that aspire at social recognition, the profiles of their production activities respond to different – even conflicting - interests. Diverse assignments related to the position of writer, editor and publisher were also analyzed and compared to the conventional classifications used by the traditional agencies responsive for the raw statistical data presented that open in the analysis of the case studies. We used a qualitative approach and methodology for this analysis, through a field research in which we approached our research object occurred during two years (2014 -2015).

Keywords: Literary field. Small publishers. Case studies. Beginner writers.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Porte das editoras.....	16
Tabela 2 –	Editoras registradas no Brasil.....	19
Tabela 3 –	Quantidade de obra por tipo de suporte.....	20
Tabela 4 –	Premiações da editora Companhia das Letras no Prêmio Jabuti.....	21
Tabela 5 –	Premiações do Grupo Editorial Record no Prêmio Jabuti.....	22
Tabela 6 –	Selos do Grupo Record.....	23
Tabela 7 –	Selos da Companhia das Letras.....	24
Tabela 8 –	Editoras vencedoras do Concurso Literário Biblioteca Nacional.....	26
Tabela 9 –	873 inscrições habilitadas no Prêmio B.N.....	27
Tabela 10 –	Serviços e preços ISBN.....	30
Tabela 11 –	Editoras associadas à LIBRE.....	38
Tabela 12 –	Tabela de apoio ao Suplemento ACRE.....	101

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Capas de livros da editora Antigo Leblon.....	42
Figura 2 –	Capa do livro <i>O antigo Leblon: Uma aldeia encantada</i>	44
Figura 3 –	Símbolo da <i>Lúdica Apoelística</i>	50
Figura 4 –	Fotos do lançamento do livro <i>Os Dois Prados</i>	52
Figura 5 –	Fotos de <i>Esperando Leitor</i>	76
Figura 6 –	Figurinhas da Lapa: <i>Esperando Leitor</i>	76
Figura 7 –	Cartaz de divulgação de <i>Rasga-Mortalha: poemas dos outros</i>	78
Figura 8 –	Fotos do lançamento de <i>Rasga-Mortalha: poemas dos outros</i>	79
Figura 9 –	Foto da reportagem do jornal <i>O Globo</i>	82
Figura 10 –	Foto da reportagem da <i>Revista Veja</i>	83
Figura 11 –	Foto do blog <i>Acontecimentos</i>	84
Figura 12 –	Ficha técnica do livro <i>Color de Luna</i>	90
Figura 13 –	Rômulo Ferreira e seu ateliê.....	91
Figura 14 –	A produção artesanal da editora <i>Outras Dimensões</i>	91
Figura 15 –	Capa do livro <i>Navios Invisíveis</i>	93
Figura 16 –	Capa do livro <i>Venceslau Valdomiro</i>	93
Figura 17 –	Ateliê e escritório da editora <i>Outras Dimensões</i>	95
Figura 18 –	Capa do livro <i>Frasco de Sonhos</i>	98
Figura 19 –	Capa do livro <i>Egosutra</i>	98
Figura 20 –	Divulgação da <i>Revista ACRE</i>	102

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	PANORAMA E FONTES	15
1.1	Cercando as fontes	15
1.1.1	<u>CBL, SNEL e Instituto Pró-Livro</u>	16
1.1.2	<u>Prêmio Jabuti</u>	20
1.1.3	<u>Prêmio Literário Biblioteca Nacional</u>	25
1.1.4	<u>Bolsa para escritores da Biblioteca Nacional</u>	28
1.1.5	<u>ISBN</u>	28
1.1.6	<u>Bastidores do Livro</u>	30
1.1.7	<u>Estação das Letras</u>	34
1.1.8	<u>LIBRE e Primavera Literária</u>	36
2	EDITORA ANTIGO LEBLON	41
2.1	A criação da própria editora: o promotor de si mesmo	41
2.1.1	<u>Catálogo</u>	42
2.1.2	<u>A gestão de uma pequena editora</u>	45
2.1.3	<u>Os Dois Prados de Lucho Apoelo</u>	47
2.1.4	<u>A invenção de um livro</u>	47
2.1.5	<u>Lançamento e Sugestão</u>	51
2.1.6	<u>A lição</u>	53
2.1.7	<u>Cátedra de Leitura Unesco PUC-Rio</u>	55
2.1.8	<u>“Quem mais fala dos livros?”</u>	57
3	W. B. LEMOS: UM NOVO ESCRITOR	59
3.1	Editora Circuito	60
3.2	A publicação do primeiro livro	63
3.2.1	<u>Dedicatórias</u>	68
3.2.2	<u>O escritor funcionário</u>	69
3.2.3	<u>A Universidade</u>	70
3.2.4	<u>A rua</u>	73
3.2.5	<u>Lançamento</u>	77
3.2.6	<u>Promoção do livro</u>	80
4	EDITORAS ARTESANAIS	85

4.1	Descobrir-se escritor e buscar ser lido.....	86
4.1.1	<u>O livro artesanal.....</u>	88
4.1.2	<u>Editor, produtor e escritor.....</u>	94
4.1.3	<u>A publicação para amigos.....</u>	97
4.1.4	<u>Vender os livros na rua.....</u>	102
	CONCLUSÕES.....	107
	REFERÊNCIAS.....	110
	ANEXO 1 – Finalistas do Prêmio Jabuti 2015.....	115
	ANEXO 2 – Vencedores do Prêmio Jabuti 2015.....	119
	ANEXO 3 – Catálogo da Editora Antigo Leblon.....	124
	ANEXO 4 – Catálogo da Editora Circuito.....	126
	ANEXO 5 – Catálogo da Editora Outras Dimensões.....	130

INTRODUÇÃO

Entre os processos que envolvem a produção de bens culturais na modernidade, a confecção do livro destaca-se por atravessar múltiplas camadas sociais, destacando a sua interlocução com diversos contextos econômicos, políticos e culturais. O livro é um objeto coletivo, fruto da interação entre autor, editor e sociedade; a sua produção não obedece integralmente às leis da comercialização de objetos, ele oscila entre distintos campos de reprodução e percepção.

O objetivo desta dissertação é procurar entender quais seriam os mecanismos de produção e distribuição de literatura que envolve o fenômeno do crescimento de editoras de pequeno porte criadas majoritariamente por escritores que buscam reconhecimento, busca essa que está associada a diversas tentativas de formação de um campo literário no Brasil, e mais especificamente, no Rio de Janeiro, o recorte escolhido para esta investigação. Partimos, então, da prerrogativa de que não existe ainda um campo literário relativamente autônomo no país que seja potencialmente gerido pelos agentes da cadeia do livro, hipótese esta apoiada no conceito de *campo* de Pierre Bourdieu. Ao contrário, esta dissertação entende, *a priori*, que existe atualmente no país um campo amplo da produção cultural que funciona relacionado à esfera dos negócios, esta que direciona a linha de publicação de grande parte das editoras de médio e grande porte.

As editoras de pequeno porte que funcionam com recursos próprios vêm definindo, nos últimos dez anos, de acordo com a CBL – Câmara Brasileira do Livro –, os rumos da produção literária considerada *cult* por uma crítica literária *outsider*, além de estarem alcançando premiações consecutivamente em concursos nacionais como o Prêmio Literário Biblioteca Nacional e Prêmio Jabuti, grandes prêmios com tradição em indicar nomes convencionais. Ainda assim, as edições produzidas por pequenas e micro editoras são distribuídas em dimensões quase invisíveis para os órgãos de pesquisa do setor livreiro, que não alcançam as camadas de propaganda e vendas destas obras, que são pouco comercializadas em livrarias e feiras – locais catalogados pela CBL, por exemplo, no momento do recolhimento de dados para as pesquisas do setor.

De acordo com a CBL, em 2012, 84% das edições produzidas no país correspondiam à produção de editoras de pequeno porte, enquanto 16% das edições eram oriundas de empresas de médio e grande porte, deste modo, por motivos estruturais relacionados à dificuldade que as editoras de pequeno porte enfrentam para distribuírem as suas obras, por exemplo, os livros comercializados em livrarias existentes no círculo convencional de

consumo estão localizados nestes 16% da produção, em redes de livrarias, bancas de revistas e grandes feiras nacionais e internacionais como a Bienal do Livro. Esta pesquisa pretende destacar algumas trajetórias de agentes produtores de literatura incluídos nestes 84% da produção editorial invisíveis para o circuito tradicional de consumo, investigando os motivos que os levam a produzirem alheios ao mercado editorial convencional, o funcionamento das suas atividades, as atribuições relacionadas às suas funções de autor e editor *outsiders*, onde os papéis sociais dos produtores do livro se confundem, se expandem, se revigoram e se reinventam.

Um campo de possibilidades se abriria a partir do momento em que editoras independentes de pequeno porte começam a produzir regularmente, procurando se inserir em nichos pouco explorados tradicionalmente, apostando na bibliodiversidade. Fundar a própria editora torna viável o aumento de iniciativas que colaboram para a democratização e a valorização da publicação para escritores iniciantes, influenciando no avanço de uma conjuntura cultural mais favorável a formação de um campo literário brasileiro gerido por uma multiplicidade de agentes culturais.

A relevância desta pesquisa está na descoberta do funcionamento das editoras de pequeno porte, procurando visibilizar os seus mecanismos de sobrevivência em circuitos pouco novos, destacando a versatilidade das suas atuações e a sociabilidade interativa entre produtores e consumidores. Impulsionada pelo desafio de tentar evidenciar estas produções, esta dissertação pretende, a partir do estudo de caso, relacionar o fenômeno de crescimentos destas iniciativas com as tentativas de formação, mesmo que desorganizadas, de um campo literário carioca de pequenas e micro editoras.

As bases teóricas que orientam este estudo estão relacionadas aos conceitos de *campo* em Pierre Bourdieu, e seus correspondentes, em uma relação de desnaturalização dos mecanismos de dominação; *habitus*, *capital simbólico* e *cultural* em atribuições ligadas à reprodução social. Os papéis. As funções atribuídas socialmente ao autor e ao editor serão investigadas aprofundadas através das teses levantadas por Michel Foucault e Roger Chartier. Os dados estatísticos presentes neste trabalho foram fornecidos por elos órgãos de pesquisa do setor livreiro como a Câmara Brasileira do Livro e o Sindicato dos Editores de Livro, principalmente. A mensuração destes dados e a sua interpretação foram feitas pela autora desta dissertação, assim como o recolhimento das declarações dos casos empíricos. Através de uma metodologia quantitativa, as entrevistas com autores e editores ocorreram ao longo dos anos de 2014 e 2015. Foram realizadas entrevistas semi estruturadas, além disso, acrescento a participação em eventos de formação de agentes da produção do livro, como nos

cursos *Bastidores do Livro* e *O escritor iniciante e o mercado editorial*, organizados pela Babilônia Cultura Editorial e pela Estação das Letras.

O capítulo 1, *Panorama da produção editorial atual*, dedica-se a apresentação da conjuntura atual da produção editorial de grandes, médias e pequenas editoras, mapeando o seu rendimento produtivo em grande escala institucional, as suas entidades de organização, os prêmios e concursos que reconhecem a qualidade e relevância das obras publicadas anualmente no país. Os desafios de produzir literatura em uma conjuntura estrutural que oscila entre a especialização da produção, atendendo a profissionalização da cadeia de produção do livro, e a gestão de empresas que ainda não atendem às demandas do grande mercado editorial e das influências dos negócios literários estrangeiros no país.

O capítulo 2, *A editora Antigo Leblon*, dedica-se ao estudo de caso das experiências de publicação e gestão de uma editora independente de pequeno porte fundada por pai e filho em uma dinâmica de empresa familiar, com auto publicação e edição para amigos. Os desafios estruturais e simbólicos relacionados à manutenção desta editora na formalidade do setor editorial e as táticas de promoção do seu catálogo são investigadas. A Antigo Leblon inventa livros como um escritor cria personagens, como no caso de *Lucho Apoelo* e a sua segunda edição envolvida por uma atmosfera de mistério arqueológico e marketing.

O capítulo 3, *W. B. Lemos: Um novo escritor*, dedica-se ao estudo de caso de um poeta que publica o seu primeiro livro através de uma editora independente de pequeno porte, a Editora Circuito. A edição foi custeada pelo autor que se envolveu em tramas de relacionamentos sociais favoráveis a aceitação de sua obra pela editora, empresa fundada por escritores. Lemos transita entre as esferas acadêmica, cursando o Doutorado em Literatura comparada na UERJ, profissional, trabalhando com escritores e um crítico literário em sua repartição pública, e popular, interpretando como “Esperando leitor”, uma personagem literária pelas ruas da cidade.

O capítulo 4, *As editoras Outras Dimensões e Mar de Rua*, dedica-se ao estudo de caso de escritores que criam as suas próprias editoras para se auto publicarem editando também obras de amigos. São produzidos livros confeccionados artesanalmente com técnicas elaboradas pelos próprios autores, sem registros no ISBN e comercializadas nas ruas da cidade, de mão em mão, em feiras e em eventos de circulação de literatura como saraus. Trata-se da experiência de produção literária que existe em dimensões quase invisíveis ao mercado editorial, no entanto, contribuem para a conjuntura de produção editorial atual relacionada à bibliodiversidade e popularização do livro.

1 PANORAMA E FONTES

A qualquer texto de poesia e de ficção se perguntará de onde ele vem, quem o escreveu, em que data, em que circunstâncias ou a partir de que projeto.

Michel Foucault, *O que é o autor*, 1969.

1.1 Cercando as fontes

No intuito de mapear o cenário da produção editorial na atualidade brasileira este capítulo apresenta dados sobre o setor desta produção e os mecanismos mais recorridos por escritores e editores para publicação literária. Formatos de editoras (pessoa física ou jurídica), seus portes (grandes, médias pequenas e micros editoras) e seu alcance (premiações e distribuição) serão debatidos. As mediações que órgãos como a Biblioteca Nacional, os prêmios, bolsas, associações e concursos fazem para a legitimação de publicações ajudam a demonstrar a transformação atual da cadeia de produção editorial. Esta transformação está relacionada com a hipótese que levanto nesta dissertação, segundo a qual tratar-se-ia de uma possível tomada de posição que escritores e editores vem demonstrando ao utilizarem meios de produção literária em pequenas e micros editoras independentes para se auto publicarem, na tentativa de criação de um campo cultural próprio (BOURDIEU, 1996), e ainda assim, disputar espaço no campo de poder de legitimação correspondente ao espaço das grandes e médias editoras.

Ao longo da pesquisa, questões sobre a composição da cadeia de produção do livro surgiram a respeito da orientação sobre os papéis desenvolvidos por agentes como escritores e editores, atores que constituem o possível campo, ou o campo das possibilidades, que se abre. Existe uma interação entre papéis que ao surgirem imbricados na história (séculos XVIII e XIX), separaram-se com a revolução industrial, de acordo com (CHARTIER, 1977) em *A Aventura do Livro*. Agora, estes agentes se unem novamente em casos de auto publicação, onde escritores-editores marcam suas posições no interior de um ascendente campo das pequenas e microiniciativas editoriais. Comportam-se como um só agente, quando são responsáveis por todas as etapas da produção e publicação, no entanto, em esferas que os dissociam como nos prêmios, por exemplo, onde é necessário declarar, especificamente, quem é o editor, o escritor, a editora, o ilustrador e por aí em diante.

Instituições como a Câmara Brasileira do Livro¹, o Sindicato Nacional dos Editores de Livro², o Instituto Pró-Livro³ e sua pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, a Agência Nacional do ISBN⁴ e a Biblioteca Nacional forneceram, a partir dos seus sites, grande parte das informações estatísticas apresentadas neste capítulo. Estes órgãos são tradicionalmente procurados como fontes de pesquisas relacionadas a produção literária no Brasil, pois a maioria dos seus dados é atualizada e publicada. As informações específicas para associados do SNEL ou do ISBN não puderam ser analisadas, pois somente editores podem ter acesso a estes links; deste modo houve algumas limitações para a construção deste mapa da produção editorial.

1.1.1 CBL, SNEL e Instituto Pró-Livro

Representando as principais fontes de pesquisas sobre o mercado editorial brasileiro, a CBL, o SNEL e a sua parceria com o Instituto Pró-Livro disponibilizam os seguintes dados sobre a conjuntura da produção editorial brasileira correspondente aos anos de 2008 a 2012, de acordo com classificações de porte das editoras registradas no país, a partir da variante do seu faturamento anual:

Tabela 1 – Porte das editoras, quantidade e faturamento.

Porte das Editoras	Nº de Empresas	%	Faturamento anual
Muito grandes	16	3,2	acima de 50 milhões de reais
Grandes	62	12,4	entre 10 e 50 milhões de reais
Médias	189	38,4	Entre 1 e 10 milhões de reais
Pequenas	231	46,4	Inferior a 1 milhão de reais

Fonte: CBL/SNEL/FIPE, 2012.

¹ A CBL foi fundada em 1946 em São Paulo. A CBL é uma associação de editores e produtores de livro que é responsável pelo Prêmio Jabuti. www.cbl.org.br.

² O SNEL foi fundado em 1940 no Rio de Janeiro. Este sindicato tem como finalidade o estudo e a coordenação das atividades editoriais, bem como a proteção e a representação legal da categoria de editores de livros e publicações culturais em todo o Brasil. www.snel.org.br.

³ O Instituto Pró-Livro foi fundado em 2006 em São Paulo e é uma associação mantida com contribuições de entidades do mercado editorial, com o objetivo principal de fomento à leitura e à difusão do livro. O IPL promove pesquisas do setor livreiro e publica a cada quatro anos a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*. www.prolivro.org.br.

⁴ O ISBN - *International Standard Book Number* foi fundado em 1967 na Inglaterra e no Brasil funciona junto à Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. www.isbn.bn.br.

Esta tabela foi publicada na terceira edição do relatório “Retratos da Leitura no Brasil” que é lançado a cada quatro anos pela CBO/SNEL/FIPE. Um parâmetro da distribuição e classificação das empresas editoriais registradas atuantes no país até então, 2012. É possível verificar que a maior parte das editoras apresentadas é de pequeno porte (46,4%), 14 vezes maior que as editoras muito grandes (que são os grupos editoriais com influência internacional e selos de multinacionais no país, *Santilhana, Leya, Penguin* etc.), e 4 vezes maior que grandes editoras (grupos como Companhia das Letras, Record, etc.).

Por outro lado, de acordo com a CBL, nesta mesma pesquisa apresentada *Retratos da Leitura no Brasil*, 16% dos livros distribuídos e vendidos no Brasil são produzidos por grandes e muito grandes editoras e 84% por editoras de pequeno e médio porte. Deste modo, exigiria uma inversão, se pensássemos que o quantitativo de editoras representasse proporcionalmente a produção de livros no país e seu faturamento. O que a tabela mostra é que as muito grandes e grandes editoras faturam anualmente um valor inversamente proporcional ao seu número.

Mas é possível confiar em dados de classificação do porte das editoras sem verificar cada caso editorial e suas trajetórias? Não seria arbitrária a classificação do tamanho destas editoras por estes órgãos (CBL/SNEL) levando em consideração apenas o faturamento? É possível pensar, por exemplo, para questionar estes dados, que uma editora de “grande porte” poderia ter tal faturamento possuindo poucos livros em seu catálogo - no entanto, todos *best sellers* – como é o caso da Editora Intrínseca – enquanto que uma pequena editora poderia chegar a resultados similares possui muitos livros em seu catálogo, quase todos com tiragens pequenas – como é o caso da Editora 34 –, e com vendas regulares. Sendo assim, (BARCELLOS, 2006:27) em sua tese sobre o mercado editorial de pequenas e médias editoras no Brasil, questiona a validade dos dados que encontramos usualmente nestes órgãos de pesquisa do setor:

O mercado do livro brasileiro é carente de pesquisas e de dados capazes de dar visibilidade à situação do setor. As bases estatísticas geralmente não são primárias e a fonte é comumente a mesma: Câmara Brasileira do Livro e Sindicato Nacional dos Editores de Livro. Por outro lado, o acesso a novas informações é difícil por se tratar de noções atuais.

As entrevistas com escritores e editores foram fundamentais para tentar chegar perto de uma suposta realidade da produção editorial carioca que os órgãos coletores de informação ainda não alcançam, por se tratarem dos bastidores desta produção. Este trabalho busca informações que as fichas de registros destas instituições não captam, ainda assim, lidar com

os dados de estatística da CBL/SNEL é importante para identificar parâmetros de percepção tradicionais.

Michelle Strzoda⁵, diretora editorial da *Babilônia Cultura Editorial*, em entrevista, apontava os perigos de noções classificatórias, para Michelle *os parâmetros hoje são muito delicados de se empregar, pois hoje o empreendedor criativo não pode estar em compartimentos isolados*, deste modo, esta agente da produção do livro – que se declara editora, escritora, jornalista e pesquisadora de literatura Brasileira – diz que sua empresa não se encaixa nos padrões apresentados na tabela acima, pois ao analisá-la em entrevista, não pode ver a representação do porte de sua empresa relacionado apenas com o seu faturamento anual. Ressaltando, além disso, a importância de articulações de mercado feitas por grandes grupos editoriais a partir de selos que parecem editoras independentes:

Eu não me encaixo nessas classificações porque eu tenho uma proposta inovadora. Hoje existe uma estrutura de selos dentro de grupos, quando eu trabalhei na editora Casa da Palavra ela era uma editora pequena, hoje ela está no G8 porque ela faz parte do grupo Leya português. Hoje ela é um selo da Leya que é um grande grupo inserido no país. (STRZODA, entrevista, 2015)

Esta dissertação procura entender que editoras podem desenvolver uma política relativa ao seu tamanho tanto a partir de suas trajetórias e de suas inserções objetivas (tamanho de catálogo, faturamento anual, quantidade de funcionários, quantidade de escritores, proporções técnicas da sua produção etc.), quanto por tomadas de posições e pertencimento a associações (escolha de público alvo descentralizado, defesas que englobem proteções a pequenas empresas como a lei do peço fixo etc.). Um exemplo de editora que possui um catálogo grande e uma equipe editorial profissional e que se associa a pequenas editoras por tomada de posição é a editora *Cosac Naify*.

É importante pensar que a discussão sobre parâmetros classificatórios serve para entendermos em que medidas as editoras são compreendidas formalmente em um campo de produção cultural brasileiro que ainda procura fomentar a leitura e a valorização do livro. Tanto os órgãos de pesquisa como as associações de editores, como as próprias editoras ainda não parecem estar estabelecidos e passíveis de classificação, um possível mapa da produção editorial atual e do seu panorama deve ser pensado a partir de histórias das trajetórias e tentativas destas empresas e de seus agentes, o que seria uma forma mais cuidadosa para se mensurar tal conjuntura.

⁵ Michelle Strzoda é jornalista, tradutora, escritora, editora e gestora cultural. Trabalha há treze anos com livros, tendo exercido cargos no Grupo Record, Editora Casa da Palavra, Tinta Negra Bazar Editorial além de repórter freelancer da Folha de São Paulo.

De todo modo, aqui, são consideradas como pequenas e micros editoras, empresas que possuem pequena ou inexistente equipe editorial – por vezes apenas um editor – e empresas de escritores-editores que se auto publicam. Seriam iniciativas de estreantes que procuram se inserir e disputar espaço e posições num campo de possibilidades que se abre com as suas existências em um mercado *outsider*.

Alguns lançamentos de obras literárias não possuem, necessariamente, editoras para publicação ou possuem editoras não registradas no ISBN. Publicações sem editoras, chamadas de “edição do autor” podem disputar posições em prêmios e, possuindo ou não código de barras, são distribuídas em algumas livrarias. O crescimento destas formas de publicação de responsabilidade do próprio escritor pode ser observado a partir da tabela 02 que apresenta registros editoriais de pessoas físicas e jurídicas. Para (BARCELLOS, 2006:30) editoras que podem publicar somente livros do próprio autor, registradas como empresas de pessoa física na Agência Nacional do ISBN, *optam por produzir os próprios livros “sem editoras”, no entanto, esta escolha mostra ou um caminho sem distribuição do livro no mercado, ou em patrocínios e projetos especiais*, para fins exteriores a comercialização, como edição de catálogos de arte para museus. O crescimento destas iniciativas é relevante para pensar que a produção de livro no Brasil é descentralizada de um formato tradicional editorial estabelecido e que, ao contrário, agentes desta produção, escritores e editores produzem em dinâmicas diversas.

Tabela 2 – Editoras registradas do Brasil.

Editoras registradas no Brasil		
Editora	Ano 2006	Ano 2015
Pessoa Física	6.033	27.902
Pessoa Jurídica	7.260	17.626
Total	13.293	45.528

Fonte: ISBN, 2006 e 2015. Dados retirados do site da Biblioteca Nacional em 2015.

A tabela mostra que no período de nove anos as editoras de pessoa física quadruplicaram e de pessoa jurídica não chegaram a triplicar no mesmo intervalo de tempo. Onde circula, então, esta produção de pequenas iniciativas? Uma vez que ela cresce consideravelmente a cada ano e supera o crescimento de registros de empresas de pessoa jurídica. Este dado do panorama da produção editorial atual no Brasil procura ser compreendido a partir das análises e percepções apresentadas nos estudos de caso dos capítulos 2, 3 e 4.

Outra saída atual para publicação de literatura tem sido por meio de ferramentas eletrônicas que convertem uma obra para arquivo digital, os e-books, comercializados na

internet, pertencentes ou não a editoras, podendo ser também publicações do autor. Sua relação digital com a cadeia do livro, inclusive e principalmente com os consumidores deste formato de literatura, é problematizada por críticos e produtores do mercado editorial. Na tabela 03, abaixo, a quantidade de obras por tipo de suporte produzidas anualmente no país e registradas na Agência Nacional do ISBN. É possível perceber, a partir destes dados, que a produção de livro impresso em 2014 é quatro vezes maior do que a produção de livros digitais nesta mesma época, no entanto, o crescimento progressivo dos livros digitais ao longo de oito anos foi maior (1.600%) do que o crescimento de obras de papel (75%). Um dos fatores que produziu este salto na produção de e-books pode ser explicado a partir da popularização de aparelhos tecnológicos transmissores desta mídia, como a venda de *Kindles* no Brasil a partir de 2012. Porém, estes dados de produção anual de obras, tanto virtuais, quanto impressas não correspondem aos dados relativos às suas vendas que atualmente mostram que os e-books não ultrapassam 3% das vendas de obras literárias no Brasil de acordo com a CBL⁶.

Tabela 3 – Quantidade de obras por tipo de suporte publicadas no Brasil.

Quantidade de obras por tipo de suporte publicadas no Brasil			
Ano	Papel	E-book	Outros
2007	44.101	1.156	1.762
2008	50.282	1.507	2.484
2009	56.170	1.833	2.285
2010	57.325	4.524	2.866
2011	65.599	9.209	3.776
2012	69.227	14.280	4.211
2013	63.724	15.598	4.791
2014	64.044	16.650	4.842

Fonte: ISBNB, 2015. Somente o intervalo entre 2007 e 2014 foi divulgado pelo site do ISBN. Os dados “Outros” são referentes a registros de jogos digitais e produtos virtuais não literários.

1.1.2 Prêmio Jabuti

O Prêmio Jabuti foi criado pela Câmara Brasileira do Livro em 1958 e é o mais tradicional prêmio do Brasil, se diferenciando de outros prêmios brasileiros por sua abrangência, pois valoriza além de escritores, toda a cadeia da produção do livro, premiando também editores, tradutores, ilustradores, produtores gráficos e designers. De acordo com a apresentação do Jabuti em seu site⁷, *editoras dos mais diversos segmentos e escritores independentes de todo o Brasil inscrevem milhares de obras em busca da tão cobiçada*

⁶ Dados de produção do setor. CBL, 2015.

⁷ www.premiojabuti.com.br, 2015.

estatueta e do reconhecimento que ela proporciona, deste modo, vencer o concurso representa um reconhecimento diante da comunidade intelectual brasileira atuante no campo da produção literária, significa “ser admitido em uma seleção de notáveis da literatura nacional”, significa se distinguir. Há 57 anos o Jabuti é composto por profissionais especializados com ampla bagagem em suas áreas de atuação, sua votação é aberta em sessões públicas de contagem dos votos, sendo transparente para a sociedade.

Integrante da Comissão Organizadora do Prêmio há dez anos, Marcia Lígia Guidin, Professora de Literatura Brasileira e Editora, fala em sua declaração para a edição do Jabuti 2015 a respeito de sua percepção sobre o funcionamento do prêmio: *vi que a equipe da CBL e a curadoria investem em valor fundamental para qualquer premiação: transparência e isenção. Cartas marcadas? De jeito nenhum!* e ainda afirma o valor atribuído ao Jabuti por sua legitimidade: *espírito democrático e rigor servem a talentos brasileiros há quase 60 anos. É em nome disso que trabalham todos os envolvidos. Talvez seja por isso que um prêmio com valores quase simbólicos é tão desejado*. Sendo assim, a última edição do Prêmio Jabuti, em 2015, será analisada nesta pesquisa.

Antes de analisar os resultados do Prêmio Jabuti 2015, é importante para esta pesquisa, percebermos o histórico de vencedores deste concurso para que seja possível verificarmos suas transformações, aliás, as transformações no mercado editorial e na cadeia de produção do livro atuais que influenciam o conjunto de premiações atuais. Para isto os resultados de edições anteriores foram analisados desde 1994 – ano em que o prêmio começa a divulgar seus vencedores indicando junto, no acervo da CBL que recorri⁸, as suas respectivas editoras. As editoras mais premiadas ao longo deste período, 1994 a 2015, são os dois maiores grupos editoriais brasileiros da atualidade, a Editora Companhia das Letras e o Grupo Editorial Record. Nas tabelas 04 e 05, abaixo, é possível perceber a quantidade de premiações de cada uma destas editoras:

Tabela 4 – Premiação da editora Companhia das Letras no Prêmio Jabuti.

Premiações da editora Companhia das Letras no Prêmio Jabuti							
1994: 07	1997: 06	2000: 07	2003: 06	2006: 06	2009: 10	2012: 07	2015: 02
1995: 05	1998: 10	2001: 06	2004: 07	2007: 05	2010: 10	2013: 09	
1995: 08	1999: 09	2002: 09	2005: 06	2008: 05	2011: 03	2014: 11	

Fonte: Dados fornecidos pelo site do Prêmio Jabuti. Mensuração dos dados feita pela autora desta dissertação.

⁸ CBL. Prêmio Jabuti, Edições Anteriores, 2015.

Tabela 5 – Premiação do Grupo Editorial Record no Prêmio Jabuti.

Premiações do Grupo Editorial Record no Prêmio Jabuti							
1994: 01	1997: 04	2000: 02	2003: 04	2006: 09	2009: 01	2012: 08	2015: 04
1995: 02	1998: 02	2001: 03	2004: 05	2007: 02	2010: 06	2013: 09	
1996: 01	1999: 02	2002: 04	2005: 09	2008: 05	2011: 04	2014: 05	

Fonte: Dados fornecidos pelo site do Prêmio Jabuti. Mensuração dos dados feita pela autora desta dissertação.

A distinção que esta premiação oferece a seus ganhadores está relacionada a uma chancela de qualidade e aprimoramento das edições de cada ano e, ao longo de 57 anos atuante, este prêmio consagrou, por exemplo, editores como José Olympio e Ênio Silveira. Nos últimos vinte anos, estes dois grupos editoriais, Companhia das Letras e Record, alcançaram um prestígio nacional tanto mais valorizado diante da expansão de grupos editoriais estrangeiros no país (*Santillhana, Hachette, Penguin*, etc. que passaram a associar-se a alguns destes grupos editoriais nacionais), por se tratarem de empresas comprometidas com uma produção em larga escala, investindo em publicações de qualidade editorial nacionais e traduções de *best sellers* da literatura mundial.

Tais editoras ainda não eram grupos quando conquistaram grande parte das categorias das edições anteriores do Prêmio Jabuti, deste modo, é possível pensar na hipótese de que estas empresas foram disputadas por grupos estrangeiros precisamente por suas atuações já distintas no Brasil. Houve um aprofundamento de uma política de publicação que estas empresas (Companhia das Letras e Record) já apresentavam. Podemos mobilizar, então, algumas sugestões de (BARCELLOS, 2006: 25), quando a autora diz em sua tese que: *Fenômenos como os de concentração editorial e inserção de capital estrangeiro no país, apontam para uma política de “resultados” no que diz respeito à linha editorial compatível com a gestão de negócios*, e ainda comenta sobre um aprofundamento estrutural referente à linha editorial das editoras inseridas em grupos internacionais: *o surgimento do editor-executivo, aquele que visa o capital financeiro, que orienta a linha editorial e promove a política do best-seller*.

Mas a nova composição em selos das Editoras Companhia das Letras e Record não dizem respeito somente a uma inserção de capital estrangeiro nessas empresas, mas também de negociações em torno de investimentos nacionais, já que a quantidade dos selos indicados nas tabelas abaixo (tabelas 06 e 07) apresenta a entrada de editoras nacionais tradicionais em duas linhas editoriais, possivelmente no intuito de unir forças e atingir a maior parcela de nichos possível com uma diversidade de selos que garanta expansão em lançamentos e distribuição de livros. Exemplo disto foi a junção entre a Record e as Editoras Civilização

Brasileira (não ficção e humanas), Paz e Terra (humanas), José Olympio (literatura brasileira) e Bertrand Brasil (não ficção e literatura brasileira), que já atendiam a um nicho definido de consumidores de livro. A Record recebe cerca de 20 originais mensalmente por correio e 30 por e-mail que resultariam em cerca de 25 lançamentos por ano da Record e um total de 400 títulos publicados por todos os selos anualmente⁹.

Mas nem todos os 400 títulos são vendáveis, as editoras, tradicionalmente, funcionam publicando livros que correspondem às demandas de mercado para pagarem uma série de outros que são editados para atender a objetivos particulares, que vendem em ciclos longos ou não atingem uma vendagem suficiente para se auto financiarem; como afirma (DIDEROT, 2002:35), em *Carta sobre o Comércio do Livro*:

Algumas de suas obras foram apreciadas e vendidas com uma rapidez proporcionada por uma infinidade de circunstâncias diversas; outras foram negligenciadas e houve aquelas cuja edição se fez com total prejuízo para o impressor. Mas o volume de obras bem-sucedidas e a venda permanente dos livros necessários e cotidianos compensaram essa perda com retornos contínuos, e foi o recurso sempre presente desses retornos que inspirou a ideia de fazer um acervo. Um acervo de livraria é, portanto, a posse de um número mais ou menos considerável de livros adequados a diferentes estados da sociedade, e associados de maneira que a venda segura, mas lenta de alguns, compensada com vantagem pela venda também segura, porém mais rápida de outros, favoreça o crescimento daquela primeira posse. Quando um acervo não atende a todas essas condições, ele é ruinoso.

Tabela 6 – Selos do Grupo Editorial Record.

Selos do Grupo Editorial Record – Selo / ano de entrada no grupo			
Record	1940	Harlequin	2005
Bertrand Brasil	1996	Galera Record	2007
Best Seller	2004	Edições Best Bolso	2011
Civilização Brasileira	2000	Best Business	2004
Nova Era	1991	Verus Editora	2000
Difel	1996	Viva Livros	2015
Rosa dos Ventos	1990	Paz e Terra	2012
Galerinha Record	2007	José Olympio	2001

Fonte: Selos do Grupo Editorial Record. Dados fornecidos pelo site do Grupo Editorial Record em 2015.

⁹ Informações retiradas da página *Cultura e Literatura* do Jornal O Estado de São Paulo em 23 de janeiro de 2016.

Tabela 7 – Selos da editora Companhia das Letras.

Selos da editora Companhia das Letras – Selo / ano de entrada no grupo			
Companhia das Letras	1986	Penguin-Companhia	2009
Cia. Das Letras	1994	Editora Claro Enigma	2009
Companhia das Letrinhas	1992	Editora Paralela	2012
Companhia de Bolso	2006	Editora Seguinte	2012
Quadrinhos na Cia.	2009	Breve Companhia	2012
Boa Companhia	2012	Editora Panelinha	2012

Fonte: Dados fornecidos pelo site da Editora Companhia das Letras em 2015.

Estes quadros de união entre editoras e o seu vasto alcance, demonstrado inclusive nas premiações do Prêmio Jabuti, ajudam na argumentação a respeito da informação levantada pela CBL em sua pesquisa do setor. Os 16% da produção que circula em livrarias, computados como vendas, são inclusive fruto de uma junção de selos que formam grupos editoriais, neste sentido então, este número ainda demonstra que existe uma concentração dentro destes 16%, já que esta produção é majoritariamente advinda de poucos grupos editoriais que se dividem em selos e alcançam nichos diversos de consumo de livro. É possível pensar na urgência da compreensão da produção livreira, buscando localizar e interpretar quais seriam os agentes da produção e a própria produção de livro dos outros 84% que fogem a esta estrutura grande que comporta o mercado e define os padrões de leitura no país atualmente. A bibliodiversidade dos selos dos grandes grupos, ainda assim, não é suficiente para satisfazer o interesse atual por produção de livro no país, já que o escritor iniciante e o editor versátil em seu nicho particular ainda estão de fora dos negócios do livro.

As premiações alcançadas no Jabuti 2015 pelas pequenas editoras demonstram que existe também uma dupla relação: o alcance simbólico, que chancelaria estas pequenas editoras, e ao mesmo tempo, um entrave econômico que as distanciariam de um patamar de igualdade entre as grandes editoras que também são premiadas no Jabuti. Não significa, então, que ganhar categorias no prêmio torne suas produções circuláveis, por exemplo, ou bem vendidas, já que os livros participantes são inscritos no prêmio e não recolhidos de lugares tradicionais de distribuição, como livrarias. Esta pode ser uma questão de dupla posição a alcançar pelas pequenas editoras, o valor do capital simbólico de suas obras e o valor do capital econômico de suas obras. As pequenas editoras têm demonstrado que possuem somente um capital simbólico ganhando prêmios e, no entanto, ainda se mantêm entre os que não

circulam e não vendem fora de um nicho independente. Participação e resultado do Prêmio Jabuti 2015 em 27 categorias:

- 27 editoras pequenas associadas à LIBRE;
- 69 editoras pequenas (não) associadas à LIBRE;
- 149 inscrições de editoras de médio e grande porte;
- 03 edições do autor.
- 64 premiações para editoras entre médias e grandes;
- 17 premiações para editoras pequenas.

1.1.3 Prêmio Literário Biblioteca Nacional

O Prêmio Literário Biblioteca Nacional contempla, anualmente, desde 1994, escritores, tradutores e designers brasileiros reconhecendo a qualidade intelectual e estética da produção brasileira editorial nos últimos 21 anos. As categorias de publicação avaliadas são poesia, conto, ensaio social, ensaio literário, tradução, projeto gráfico, literatura infantil e literatura juvenil. Os critérios de análise da comissão julgadora são a qualidade literária das obras, a originalidade, a contribuição à cultura nacional, a criatividade de recursos gráficos e excelência da tradução. As obras inscritas neste prêmio devem ser inéditas e publicadas no Brasil e a inscrição é gratuita. Autores independentes de todo o país podem se inscrever desde que suas obras possuam registro no depósito legal da B.N e tragam impresso o número do ISBN. Cada categoria de premiação é composta por três julgadores ligados ao meio cultural, com notório reconhecimento em suas áreas, são eles críticos literários, professores universitários, personalidades destacadas no meio literário e profissionais do mercado editorial do país. Cada categoria é contemplada com um prêmio no valor de 30 mil reais, sendo assim, proibida a inscrição de obras que possuam incentivos da B.N para a sua produção, como bolsas, ou que sejam coeditadas pela Instituição.

A última edição deste prêmio, em 2015, apresentou um resultado surpreendente, tendo em vista a tradição de ganhadores publicados por grandes editoras. Dentre as nove categorias premiadas, sete delas foram de escritores publicados por pequenas editoras, duas delas por escritores publicados por grandes editoras. O Prêmio Literário B.N premia profissionais do livro e não editoras propriamente, o resultado publicado pelo site do prêmio privilegia as informações referentes ao nome o escritor e título da obra. (Alameda Casa

Editorial, Editora Autêntica, e outras cinco editoras são independentes. A editora Mondrongo é uma pequena editora do interior da Bahia; a Editora Edith foi também finalista da edição 2015 do Prêmio Jabuti e a Editora Alameda foi também ganhadora do Prêmio Jabuti 2015 em primeiro lugar na categoria Reportagem e Documentário

Tradicional ganhadores do Prêmio Jabuti, a Editora Companhia das Letras ganhou a categoria Romance do Prêmio Literário B.N, enquanto a Editora Scipione, tradicional produtora no nicho de didáticos e literatura infantil e juvenil foi vencedora da categoria Literatura Juvenil. A semelhança entre indicados e vencedores de algumas categorias destes dois prêmios (Jabuti e B.N) demonstra que existe alguma afinidade de critérios entre estes dois órgãos de consagração nacional, pensando que as editoras Edith e Alameda estiveram na disputa entre os dois. Ou que estas editoras que conseguiram chegar a este patamar de reconhecimento possuem alguma estratégia de produção que se filie as das grandes editoras já reconhecidas por estes prêmios. Deste modo, é possível pensar que o porte necessariamente das editoras pequenas não as limitam de disputarem posições no campo da produção cultural de grandes publicações, voltando a pensar que existe uma dupla posição a ser alcançada, simbólica e cultural, o seu *habitus*. Afinal, editoras pequenas estão cada vez mais investindo em design gráfico e fino acabamento dos livros, ainda assim, uma segunda posição a ser alcançada diz respeito ao capital econômico e social desta produção, onde a chancela de prêmios não basta para fazer as obras circularem, deste modo, o livro além de ser considerado suficientemente bom para a crítica especializada, necessita de investimento em distribuição e publicidade.

Tabela 8 – Editoras vencedoras do Prêmio Literário Biblioteca Nacional 2015.

Editoras vencedoras do Prêmio Literário Biblioteca Nacional 2015		
Categorias	Editoras pequenas	Editoras médias e grandes
Poesia	Editora Mondrongo	
Romance		Editora Companhia das Letras
Conto	Editora Edith	
Ensaio Literário	Editora Annablume	
Ensaio Social	Alameda Casa Editorial	
Tradução	Editora Autêntica	
Projeto Gráfico	Editora Arte & Letra	
Literatura Infantil	Editora Abacatte	
Literatura Juvenil		Editora Scipione

Fonte: Dados retirados do site da Biblioteca Nacional em 2015.

Entre as 873 inscrições habilitadas no PLBN 2015, (tabela 09 abaixo) 75,3% das inscrições habilitadas são de editoras de pequeno porte, 20% de editoras de médio e grande portes e 4,7% de edições do autor. O resultado de vencedores é quase proporcional ao número de habilitados por porte de editoras (das nove categorias, sete foram vencidas por pequenas representando 77,8% e duas vencidas por grandes, representando 22,2%). É possível pensar, então, que as editoras habilitadas, independente de seus portes, estão afinadas em uma produção editorial literária comprometida com os critérios da instituição premiadora, senão não estariam entre as vencedoras, e que este resultado não é simplesmente proporções estatísticas.

Atualmente, através de mecanismos híbridos de manufatura e recursos digitais, com diversas ferramentas tecnológicas e intelectuais disponíveis com mais facilidade à agentes da cadeia do livro, através da internet, por exemplo, produzir um objeto de qualidade conferida, convencionalmente, já não é o principal obstáculo que separaria as produções grandes das pequenas. Neste caso, o que afastaria uma da outra seria a estrutura necessária para distribuir e fazer propaganda dos livros. As grandes editoras também ocupam espaços de prestígio no campo cultural atual brasileiro porque estão nas frentes de produção do que é lido pela maioria das pessoas alfabetizadas no país, os *best sellers* traduzidos do exterior. Mas por que uma editora de pequeno porte não disputa o nicho de traduções de *best sellers*? Porque existem leilões para a obtenção dos direitos de publicação e tradução destas obras que acontecem em circuitos fechados entre os grandes grupos editoriais que podem custear as ofertas em leilões.

Tabela 9 – Inscrições no Prêmio Literário Biblioteca Nacional 2015.

873 Inscrições habilitadas no Prêmio Literário Biblioteca Nacional 2015				
Pequenas editoras	Médias e grandes editoras	Edição do Autor	Editoras pequenas com maior número de inscrições	Editoras médias e grandes com maior número de inscrições
263 editoras somando 658 inscrições em categorias diferentes	36 editoras somando 174 inscrições em categorias diferentes	41 inscrições somadas em todas as categorias	Cosac Naify: 39 Patuá: 27 Editora 34: 15 7Letras: 12 Giostri: 12 Multifoco: 07 Oito e Meio: 06 Confraria do Vento: 05	Companhia das Letras = 27 Record = 25 Positivo = 13 Zahar = 10 Intrínseca = 10 Rocco = 09 Civilização Brasileira = 08 FTD = 07

Fonte: Dados retirados do site da Biblioteca Nacional em 2015. Mensuração dos dados feita pela autora desta dissertação.

1.1.4 Bolsa para escritores Biblioteca Nacional

Anualmente é aberto um edital público com os critérios e exigências para obtenção da bolsa concedida pela Fundação Biblioteca Nacional destinada a escritores iniciantes. Esta bolsa de fomento a Literatura alinha-se aos objetivos do PNLL (Plano Nacional do Livro e Leitura) com ênfase no fortalecimento da cadeia do livro e na promoção e difusão literária nacional. Este plano busca fomentar a formação e a sustentabilidade de escritores brasileiros, valorizar e promover a bibliodiversidade, apoiar a pesquisa no campo da literatura brasileira e estimular a leitura literária.

A bolsa de Criação Literária é destinada a produção de textos inéditos correspondentes aos gêneros: lírico (poesia) ou narrativo (romance, conto e crônica). O edital entende como escritores iniciantes aqueles que não possuem títulos de autoria principal com ISBN ou que possuam no máximo dois títulos de autoria principal publicados com ISBN até o final do prazo de inscrição no processo seletivo para as bolsas. As bolsas de Criação Literária têm o valor de 15 mil reais cada com durabilidade de seis meses. Estas bolsas são distribuídas entre as cinco regiões do país, sendo cinco bolsas para a região Norte, sete bolsas para a região Nordeste, quatro bolsas para a região Centro-Oeste, seis bolsas para a região Sul e oito bolsas para a região Sudeste.

As bolsas seriam possibilidades para a publicação de escritores iniciantes que não procuram montar sua própria editora para auto publicação. São escritores independentes que, com o auxílio de bolsas, conseguem ter a estrutura necessária, tempo e recursos financeiros para terminarem suas obras, já que o edital prevê que já exista um projeto de obra a ser executado ou terminado. Neste sentido, estas ferramentas de publicação, que são as bolsas também são importantes para pensarmos no crescimento do número de publicações de escritores novos se lançando atualmente. Esta bolsa também serve como chancela para as publicações advindas de sua ajuda, pois elas carregam o selo da Biblioteca Nacional, e por questões relacionadas à prestação de contas sobre a bolsa, os escritores precisam participar de pelo menos dois eventos realizados pela B.N, deste modo, suas obras já nascem sendo vinculadas a uma instituição de consagração literária.

1.1.5 ISBN

O ISBN, *International Standard Book Number*, é um sistema internacional padronizado que identifica numericamente os livros segundo o título, autor, país, editora,

individualizando-os inclusive por edição. A agência brasileira, com a função de atribuir o número de identificação aos livros editados no país é desde 1978 a Fundação Biblioteca Nacional. O ISBN se torna obrigatório a partir da Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003, onde foi instituída a Política Nacional do Livro em seu Capítulo III, amparando legalmente a publicação de um livro. Além disto, o ISBN oferece uma normatização para o comércio do livro controlando a produção editorial a partir dos seguintes sistemas: Identificação das Editoras (pequenas, médias, grandes e estados de origem); transações econômicas (valores dos livros e controle de vendas); controle de estoque (facilidade de contagem virtual dos estoques); código de barras universal e padronizado e facilidade de acesso ao livro sem barreiras linguísticas (na procura pelo código sem o título). A Fundação Biblioteca Nacional também é responsável pelo Escritório de Direitos Autorais (EAD), onde a política pública de registros é executada garantindo a preservação da obra do autor e a memória intelectual brasileira, de acordo com a Lei nº. 9.610/98. Os registros do ISBN referentes à publicação literária no Brasil apresentam dados importantes para investigar possíveis funcionamentos da produção e mercado de livros.

A tabela, abaixo, demonstra que os valores para o cadastro de um livro são acessíveis e populares, caso um escritor decida abrir uma empresa editorial para se auto publicar, ele faria um investimento de 235 reais de cadastramento do seu CPF no ISBN, depois obteria um número individual para seu livro por 16 reais e um código de barras por 27 reais, somando 278 reais na Agência Nacional do ISBN, mais os gastos com gráfica aonde o valor das impressões em A4 (tamanho padrão de publicações literárias) em papel offset simples variam entre 25 centavos e 1 real¹⁰, dependendo da quantidade de impressões encomendadas.

¹⁰ Média dos valores de impressões em gráficas na cidade do Rio de Janeiro em 2015.

Tabela 10 – Serviços e preços ISBN.

Tabela de serviços e preços ISBN	
Número de ISBN	R\$ 16,00
Código de Barras – Fitolito	R\$ 27,00
Código de Barras – JPEG	R\$ 27,00
Código de Barras – JPEG e Fitolito	R\$ 49,00
Cadastramento	R\$ 235,00
Alteração de dados	R\$ 14,00
2ª Via Manual Editor	R\$ 15,00
2ª Via Número ISBN	R\$ 6,00
Código de Barras - 2ª Via	R\$ 24,00
Declaração	R\$ 12,00
Remessa de serviços por carta registrada	R\$ 6,00
Carta de exclusividade	R\$ 12,00
Levantamento da produção editorial por assunto	R\$ 80,00

Fonte: Dados fornecidos pelo site do ISBN em 2015.

1.1.6 Bastidores do Livro

A editora e produtora cultural Babilônia Cultura Editorial¹¹, organizadora do curso de formação para profissionais do livro, Bastidores do Livro, que acontece há três edições, aponta, que o mercado editorial hoje admite equipes que precisam entender e participar de novas concepções de atuação. De acordo com o *Publish News* em um artigo de 2014¹², a cadeia do livro no Brasil ainda é bastante amadora e tem forte presença de empresas familiares, ele diz que ainda estamos há anos luz do profissionalismo visto nos mercados de países como EUA, Alemanha, França e Espanha, *o caminho logístico e comercial do livro desde o autor até o leitor no Brasil ainda é repleto de ineficiências que causam perdas e prejudicam a todos, incluindo o leitor.*

Esta necessidade de formação pode ser explicada a partir da análise do crescimento da produção editorial no país, que de acordo com o Sindicato de Editores de Livros¹³ em 2014 o faturamento geral com venda de livros atingiu uma média de cinco bilhões de reais, um crescimento de 110% nos últimos dez anos, aonde em 2005 as vendas de livros chegavam em média a dois bilhões e meio de reais. Além disso, a chegada de grandes grupos editoriais estrangeiros no Brasil como, por exemplo, a *Santillana*, a *Leya*, a *Penguin* também

¹¹ A Produtora Cultural e Editora Babilônia Cultura Editorial foi fundada em 2012, sendo lançada na Bienal do Livro de São Paulo neste ano. Tem residência no Rio de Janeiro e é dirigida pelos sócios, Michelle Strzoda, Rafael Nobre e Kátia Regina Silva.

¹² Publish News, 2015.

¹³ SNEL, 2015. Dados do Setor. Produção e venda do setor editorial brasileiro entre 2005 e 2014.

pressionou os produtores de livro a se adequarem ao mercado em crescimento e as exigências de empresas europeias que possuem um relacionamento com a produção do livro mais profissional e estabelecida do que a brasileira até então.

Este avanço no crescimento de vendas do setor e no interesse de grupos de fora alcançando nichos de produção no Brasil, como o de sagas, por exemplo, pode ser explicado por uma abertura atual do mercado livreiro brasileiro de vendas para o governo com os projetos PNBE, PNLD, PNLEM, PNLA, PNDE e PNLL¹⁴, pois a partir destes programas o Brasil passa a ser o maior governo comprador de livros do mundo, de acordo com a CBL, e distribuidor de livros de todos os assuntos, inclusive de ficção, para escolas de todos os municípios brasileiros.

Na entrevista realizada com Michelle Strzoda, diretora editorial da Babilônia Cultura Editorial e escritora da editora Casa da Palavra (recentemente incluída do Grupo Editorial português *Leya*), em linhas gerais, a proposta do curso Bastidores do Livro era fazer o que as especializações e cursos de graduação atualmente não fazem no Brasil – segundo ela poucos agentes da produção editorial faziam esses cursos e os que se formavam não tinham experiência, saíam sem saber editar livro –, pois, em sua visão, os cursos deveriam apresentar as experiências desta cadeia de produção a partir de casos de publicação reais, ela diz que *“partimos das nossas agruras, das dificuldades que passamos, do que enxergávamos do mercado, eu trabalho tanto com o BNDES quanto com micro editoras, então a gente tem um panorama das diferentes necessidades”*.

A terceira edição do curso Bastidores do Livro, em 2015, aconteceu entre os dias seis de julho a seis de agosto de 2015 na Casa do Cortejo em Laranjeiras, durante este período de um mês o curso de dividia em sete módulos de workshops de gestão, produção e empreendedorismo editorial e gráfico. Durante minha participação neste curso observei uma média de quinze inscritos que se deslocavam entre os módulos, eram estudantes do curso de Comunicação da UFRJ (ECO com ênfase em produção editorial), donos de editoras, profissionais da cadeia do livro como tradutores, escritores, editores, agentes literários, e jornalistas. 21 convidados para ministrarem workshops, entre eles estavam jornalistas, editores, escritores, gestor de rede de livrarias, designer gráfico e ilustrador, tradutora, revisores, agente literária e representantes de editoras grandes, médias e pequenas. Na visão dos produtores do curso, nem todas as empresas que se autodeclaram editoras podem ser identificadas pelo mercado editorial como tal, porque as concepções atuais desse mercado de

¹⁴ SNEL, 2015. Dados de Programas do Governo.

profissionais e especialistas reconhece um grupo como editora a partir do cumprimento de algumas exigências estruturais em sua composição, deste modo, os papéis dos agentes da cadeia de produção do livro precisam estar muito bem estabelecidos, diferenciados e atuantes. Exige-se desses grupos a presença de uma equipe editorial. A gestão editorial foi apresentada nestes termos, relacionada a um parâmetro de empresa editorial reconhecida por tais critérios, neste caso, as editoras pequenas e micros que não apresentam divisões internas de papéis e atividades ou que não possuam equipe editorial não estão inseridas no quadro de experiências de gestão editorial.

Para apresentar este conceito de gestão, tradicionalmente abordado em cursos de formação administrativa e de negócios, o primeiro workshop do módulo 1 (Gestão e Empreendedorismo Editorial) debateu sobre as atribuições de um gestor editorial. Este módulo se iniciava com as seguintes máximas: "O autor bem-sucedido não está sozinho" e "trabalhar com livro é gestão", neste sentido, ele estaria acompanhado de agentes da cadeia do livro em especial do gestor editorial que pensa o desenvolvimento desta realização. O gestor precisaria, então, corresponder às seguintes habilidades: auto realização; satisfação no trabalho; responsabilidade; antecipar tendências; vislumbrar oportunidades e parcerias; evitar rótulos e reprodução de modelos já desgastados; observação astuta da realidade social e do mercado do livro; elaboração e constante revisão de estratégias; conhecimento do mercado aonde atua; criação de um catálogo adequado a sua concepção e perfil de empresa; criação de uma linha editorial e planejamento de execução da empresa.

O Agente Literário foi caracterizado como um profissional tradicional na França e nos Estados Unidos que descobre e apresenta talentos para editoras e tem uma atuação recente no Brasil, pois as parcerias e apresentações de escritores que historicamente ocorrem em nosso mercado se desenvolvem por afinidade entre parceiros, por camaradagens e trocas de contatos no meio da produção literária. O Agente Literário como profissional formado para atender as demandas do mercado editorial, que sobrevive das mediações entre autores e editoras tem atuado neste movimento de mudança de concepção da produção literária no Brasil, que se desenvolve atendendo as necessidades de profissionalização e especialização das etapas da produção atual, quando o autor não procuraria mais uma editora e sim um agente que faria para ele esse serviço.

Neste sentido e seguindo este raciocínio, se as editoras forem esperar a apresentação de originais e autores pelos agentes literários para preencherem seus catálogos, o escritor iniciante que não conhece estes serviços, ou que não possa contratar um agente, não teria acesso a uma publicação em editoras de grande e médio porte, que passam a utilizar estes

serviços de mediação. O Agente Literário trabalha para o autor, media a relação entre o autor e a editora em favor do autor; ele ganha 10% em cima dos ganhos do autor; é um profissional que deve seguir sua intuição de apostar em uma obra ou autor, mas que não precisa necessariamente se identificar com esta obra, não precisa existir afinidade intelectual no seu serviço prestado; ele deve descobrir talentos, facilitar o caminho entre o autor e a editora; ele administra, gere, organiza, fiscaliza os contratos; é responsável pela cobrança dos direitos autorais do autor, encontrar a maneira mais viável e apropriada para publicar o livro do seu cliente.

No módulo chamado “Comercial” a escritora e editora Raquel Menezes da Editora Oficina Raquel foi palestrante, apresentando a experiência da LIBRE e da gestão de pequenas editoras na cadeia do livro. Esta editora da qual Raquel faz parte é uma empresa independente que possui 27 autores e 60 livros em seu catálogo. Presidente da LIBRE na gestão 2015-2017, associação de editoras pequenas e independentes fundada em 2002, Raquel defende como estratégia de produção e relacionamento com o mercado editorial o conceito de bibliodiversidade, orientador das ações da associação e da sua gestão que reconhece a diversidade literária produzida por editoras que atendem a nichos pouco valorizados ou que não são prioridades para os grandes grupos editoriais como a poesia, por exemplo, ou a admissão de escritores iniciantes.

Para este módulo a frase de abertura foi a seguinte: “o mercado editorial tem vários mercados dentro dele”, isto quer dizer que as pequenas editoras não formam um mercado isolado, mas sim são parte da produção literária que disputa lugar dentro do mercado editorial, para isso, tentam criar mecanismos que facilitam a abertura de espaço dentro deste mercado sendo aliadas na exploração de nichos que os grandes grupos editoriais ainda não ocupam. Empreendedorismo editorial na busca de crescer e se profissionalizar na cadeia do livro; bibliodiversidade na produção e valorização literária; a defesa da lei do preço fixo no Brasil; as saídas para a distribuição de livros publicados por pequenas editoras buscando escoá-los em eventos de formação de público leitor dentro dos nichos explorados; formação de equipe editorial onde as tarefas de cada agente da produção literária sejam respeitadas e delimitadas, entendendo a concepção de editora defendida pela organização do curso e pela palestrante deste módulo.

Pensando a auto publicação como “vitrine” para os olhares de editoras, o curso convidou a escritora independente F.M.L Pepper autora da sua trilogia juvenil *Não Pare!*, para falar de sua experiência de *self-publishing*. Pepper publicou o primeiro livro da trilogia

na *Amazon*¹⁵, site americano que vende livros digitais (e-books) publicados por editoras e também possui uma plataforma de auto publicação disponível para seus usuários. De acordo com a *Amazon* americana, Pepper foi escolhida a representante do Brasil como “gente que faz” pela literatura em 2015. Depois de ser considerada uma autora de *best seller* na plataforma e-book, Pepper recebeu alguns convites para a publicação de seu livro físico: em 2015 a autora assinou um contrato com a Editora Valentina. Os assuntos relacionados ao tema da auto publicação foram debatidos no curso sob a ótica do empreendedorismo pessoal e da publicação independente inserida em plataformas que contribuem para o negócio do livro. A concepção de auto publicação apresentada no curso carrega em si uma noção estratégica de ser uma etapa para o alcance dos meios tradicionais de publicação.

1.1.7 Estação das Letras

A Estação das Letras no Rio de Janeiro promove cursos de formação extra acadêmica sobre literatura e produção editorial, fundada em 1996 pela escritora Suzana Vargas, que é diretora do espaço e coordenadora de projetos de leitura. As oficinas oferecidas pela Estação das Letras abrangem todo o universo da escrita, além de cursos específicos voltados à formação de profissionais para o mercado editorial. Em seu quadro de professores e colaboradores estão nomes consagrados da literatura brasileira, entre eles, Maria Amélia Mello, Ana Maria Machado, Carola Saavedra, Eucanaã Feraz, Ruy Castro, Carlito Azevedo e Luiz Ruffato.

O curso “O Escritor e o Mercado Editorial” ministrado por Maria Amélia Mello esteve em evidência em 2015, tanto pela importância de sua participação, como a editora de José Lins do Rego e Ferreira Gullar, quanto por sua atual mudança de editora depois de vinte anos na Editora José Olympio mudando-se para a Editora Autêntica¹⁶.

O curso aconteceu entre os dias treze e quinze de julho de 2015, estavam presentes cerca de dez pessoas, sendo elas: escritores iniciantes, estudantes do curso de Letras da UFRJ, escritor e filósofo, tradutora e interessados em literatura, alguns sem a intenção de profissionalizarem-se. Os temas debatidos no curso foram principalmente a trajetória de Maria Amélia Mello como profissional do livro, evidenciando também sua relação com

¹⁵ Dados sobre Amazon no Brasil.

¹⁶ Maria Amélia Mello deixa a Editora José Olympio (onde trabalhou durante vinte anos), no Grupo Record desde 2001 para entrar na Editora Autêntica em fevereiro de 2015.

escritores; a virada editorial dos anos 80 e 90 com criação da Editora Nova Fronteira e da Editora Companhia das Letras e os papéis atuais de Editor e Publisher.

Maria Amélia diz que em 1985 quando entrou para a Editora J.O prevalecia uma visão “romântica” do trabalho editorial no Brasil, publicavam-se livros por afinidades ideológicas ou de estilo, existia uma divisão clara entre os dois nichos “explorados” na época: José Olympio com literatura brasileira e a Civilização Brasileira com textos ideológicos e politizados. Durante o curso Maria Amélia aponta este como o principal problema a ser resolvido dentro da cadeia de produção do livro, o que seria abandonar as relações de afinidade e ideologia que ainda cercam parte da produção do livro hoje e buscar formar profissionais que entendam o livro como um objeto cultural, como produto de um negócio.

Maria Amélia Mello relembra a recusa de original que ficou conhecida internacionalmente: *A Folha de São Paulo* envia em 1999 para seis das maiores editoras do país um original de uma novela de Machado de Assis intitulado “Casa Velha”. Não reconhecendo este texto, todas elas o recusaram. Como autor constava um nome desconhecido e de contato só existia um e-mail criado para isso. Este fato foi denunciado numa matéria da *Folha de São Paulo* de 21 de abril de 1999. Seis meses depois do envio, a Companhia das Letras, a Objetiva e a Rocco responderam dizendo que não tinham interesse no manuscrito. A Record, a L&PM e a Ediouro não responderam, nem acusaram recebimento. Nenhuma delas reconheceu que se tratava de um texto de Machado de Assis.

Maria Amélia diz que a ideia da *Folha de São Paulo* possivelmente foi inspirada numa coluna bem-humorada que Umberto Eco tinha em um jornal literário em 1959 na Itália. Suas paródias foram organizadas em 1960 sob o título “Infelizmente, estamos devolvendo o seu...”, onde livros consagrados da literatura universal eram enviados com outros nomes e autores para editores avaliarem. Dentre eles, nas paródias de Eco, estavam a Bíblia, considerada pelos editores como um romance de ação e aventura recusado por problemas relacionados aos direitos autorais, pois se tratavam de doze escritores da obra; a Odisseia, considerada uma trama com muitos momentos dramáticos e excitantes, porém a confusão autoral o fez ser recusado, e por aí vai, nas descrições de obras e enredos recusados nesta coluna literária que Umberto Eco assinava em 1959.

A partir dos anos 80 o mercado editorial começa a se profissionalizar com a fundação da Editora Nova Fronteira e Companhia das Letras que se especializavam em edições de qualidade gráfica e traduções de clássicos, obedecendo ao estilo e textos originais, tentando chegar a mais fiel possível tradução das obras, respeitando os traços culturais do texto. Este rigor nas traduções e edições dessas empresas trouxe para o mercado editorial, segundo Maria

Amélia Mello, um parâmetro para se editar livro no Brasil, inclusive ressaltando uma preocupação gráfica, pois as capas dos livros da Nova Fronteira e Companhia das Letras eram bonitas e inovadoras, sendo produzidas pelo designer Vitor Burton¹⁷ que revolucionava, naquela época, o aspecto gráfico dos livros.

O editor, para Amélia Mello, deve ser o membro da editora que possui um olhar generoso e atento às mudanças, um editor deve ser aquele que tem agilidade, informação, contatos e que valoriza o marketing da empresa. Ela diz que hoje o mercado do livro é um negócio e que o editor precisa saber viabilizar os projetos da editora acompanhando as tendências atuais que se filiam ao perfil de sua editora, o editor precisa ser a retaguarda do livro, trabalhar nos seus bastidores para fazer o livro dar certo, pois quando um original chega até uma editora, o editor precisa ter um bom instinto para saber reconhecer ou não aquela obra dentro do seu catálogo, apostando nela se for interessante para a editora, fazendo aquele original virar livro.

O Publisher, profissional que é membro do corpo editorial, tem a liberdade de criar um livro, de propor livros, de criar um projeto, Maria Amélia exemplifica a prática deste profissional com sua própria experiência de Publisher, quando em 2006 cria a coleção “Sabor Literário” publicada pela editora José Olympio, que já pertencia à Record nesta época. Por esta coleção, Maria Amélia ganhou o prêmio “Faz diferença” do jornal O Globo em 2007, pois se tratava de uma longa pesquisa sua por sebos brasileiros e estrangeiros na busca de obras de grandes autores de todo o mundo que eram desconhecidas ou não publicadas no Brasil, a ideia era (re)apresentar aos leitores textos inéditos, esquecidos ou inusitados destes autores. Maria Amélia compilou estas obras na coleção conhecida como “cerejinhas”. Este foi um trabalho de Publisher de inventar livros, de criar coleções, de procurar escritores ou de propor para eles escrever algo.

1.1.8 LIBRE e Primavera Literária

A Liga Brasileira de Editores é uma rede de editoras independentes voltada para atender aos interesses de pequenos e médios editores de livro que procuram saídas alternativas ao modelo de produção literária do mercado editorial tradicional. Entendendo que as pequenas iniciativas editoriais buscam outros nichos ainda não ocupados no mercado editorial, a LIBRE

¹⁷ Vitor Burton é um artista gráfico italiano que reside no Brasil desde 1979. Responsável por mais de três mil capas de livros, o designer trabalhou com as editoras, Nova Fronteira, Companhia das Letras, Record, Objetiva e Ediouro.

tem um compromisso com a bibliodiversidade, incentivando publicações afinadas com o propósito de democratização dos meios de distribuição e publicidade de obras dentro de contextos próprios. A LIBRE foi fundada com o intuito de garantir a existência de um espaço de circulação e valorização de publicações que não correspondem aos modelos de produção editoriais que visam o livro como um objeto de negócio. Foi fundada em 2002, fruto da insatisfação de alguns editores diante da organização da Bienal do Livro do Rio de Janeiro que, de acordo com (BARCELLOS, 2006:106) *na Bienal em 2001, a relação custo-benefício era injusta neste tipo de feira, em que o grande editor ocupa espaço e posição privilegiados no evento e os preços do estande não correspondem ao porte da editora.*

A reflexão que levou editores a esta tomada de posição diante do circuito das grandes feiras resultou na Primavera dos Livros que ocorre há quinze anos nos jardins do Museu do Catete no Rio de Janeiro, além de algumas edições em Belo Horizonte, Salvador e São Paulo. Presidente da LIBRE na gestão 2015-2017, Raquel Menezes, da Editora Oficina Raquel, diz em sua declaração de posse¹⁸ que o papel da LIBRE é defender um mercado editorial mais justo e equilibrado. Raquel conheceu a LIBRE na Primavera dos Livros de 2012 e diz ter sido muito acolhida e que desde o começo percebeu uma entidade aberta à participação de todos os sócios. Na visão da atual gestão o papel da entidade seria movimentar o mercado livreiro buscando o fortalecimento do editor independente, aquele que idealiza sua política editorial com plena autonomia, ou seja, livre da pressão de grandes grupos empresariais e das demandas marqueteiras.

Caberia a LIBRE cobrar condições de efetiva igualdade nas compras governamentais, por exemplo, e discutir publicamente com setores da cultura o papel do editor independente. Além disso, seria preciso, na visão da gestão atual, estar engajada no debate sobre a lei do preço fixo do livro que já existe em alguns países da Europa desde os anos setenta, inclusive a França, como uma medida de proteção do pequeno editor que diante da concorrência com grandes grupos não tem uma margem de lucro suficiente para disputar preços no atendimento ao consumidor. De acordo com (GERLACH, M, 2003: 40) em *Desafios culturais, econômicos e políticos do preço fixo*, a sua história teve início no século XIX na França, resultante das seguintes condições:

¹⁸ Declaração feita no dia 09/04/2015. Dados retirados do site da LIBRE em 2015.

A separação entre atividades de produção e difusão levou à criação das primeiras associações que defendiam os interesses dos diferentes grupos, autores, editores, livreiros. Com a lenta democratização da leitura e a chegada das grandes tiragens, as práticas dos descontos começaram a suscitar perturbações entre os livreiros interessados em vendas estáveis. Foi em 1829 que os editores, no intuito de combater os varejistas que concediam descontos demasiadamente altos, aplicaram pela primeira vez o preço fixo, justificando essa medida com a necessidade de remunerar os livreiros que cediam espaço aos livros mais difíceis.

Tabela 11 – Editoras associadas à LIBRE.

Editoras associadas à LIBRE				
7Letras	Cânone Editorial	Estação Liberdade	Matrix	Peixoto Neto
Alameda Casa Editorial	Cidade Viva	Evoluir Cultural	Mauad	Pinakothke
Aleph	Claridade	Fino Traço	Mazza Edições	Pinaúna
Aletria	Cobogó	Formar	Memória Visual	Ponteiro
Alis Editora	Contra Capa	Gaivota	Mercuryo Jovem	Prazerdeler
Almádena Editora	Contraponto Editora	Garamond	Metanoia Editora	Publisher Brasil
Andrea JakobssonEstudio	Cosac Naify	Giz Editorial	Mourthé	Pulo do Gato
Andross Editora	Cuca Fresca	Gamma Livraria e Editora	Mórula	Relicário Edições
Anita Garibaldi	Cuore	Gryphus	Musa	Revan
Apicuri	Dedo de Prosa	Guarda-Chuva	Mynha	Roça Nova
Armazém da Cultura	Dubolsinho	IbisLibris	Nitpress	Solisluna
Artes e Ofícios	Duna Dueto	Jaguatirica Digital	Nova Alexandria	Sundermann
Autêntica	Edições Casa de Rui Barbosa	Jobim Music	Odysseus	Terceiro Nome
Azougue Editorial	Editora 34	Jujuba Editora	Oficina de Textos	Terra Virgem
Balão Editorial	Editora Canguru	Lazuli	Oficina Raquel	UniDuni Editora
Bem-Te-Vi	Editora Draco	Letras do Brasil	Oito e Meio	Usina de Letras
BibliASPA	Editora Evora – EPP	Letreiro	Ouro sobreAzul	Valentina
Biruta	Editora Fundação Perseu Abramo	LiteraRUA	Outras Letras	Versal Editores

Boitempo Editorial	Editora Horizonte	Livro Falante	Palas Athena	Viajante do Tempo
Brinque-Book	Editora Jovem	Língua Geral	Pallas	Vieira & Lent Casa Editorial
C/ Arte	Editora veneta	Maco	Panda Books - Original	Viva Livraria e Editora
Callis	Elementar	Manati	Papagaio	Zit Editora
Capivara	Escarlate	Mar de Ideias	Parábola	
Casa da Prosa	Estação das Letras e Cores	Marsupial	Peirópolis	

Fonte: Dados retirados do site: libre.org.br em 2015.

As editoras associadas à LIBRE são divididas em três faixas de colaboração, a faixa A equivale as editoras com catálogos que contenham até trinta títulos, a faixa B até cem títulos e a faixa C acima de cem títulos. Algumas editoras listadas na tabela acima, podem ser consideradas de médio porte pela quantidade de títulos em seus catálogos, como é o caso da Editora Cosac Naify, 7Letras, Boitempo Editorial, Autêntica, Editora 34, Garamond, dentre outras. A Cosac Naify se mantém associada à entidade, por exemplo, por uma questão de tomada de posição diante do mercado editorial que visa o livro como negócio cultural, privilegiando lançamentos de fácil aceitação comercial. Outro motivo que leva editoras que já possuem um lugar na cadeia de produção do livro a se associarem a LIBRE é a afinidade que elas percebem com as publicações alinhadas as editoras independentes que primam pela qualidade gráfica e acabamento cuidadoso das edições.

Tanto a criação desta entidade, quanto a escolha de editoras independentes por se associarem a ela são relativos a abertura de um campo de possibilidades explorado por este setor de produção das pequenas e médias editoras independentes que pretende agrupar interessados em vincular suas obras em patamar de distinção que as valorizem e protejam em um circuito próprio, como o espaço da Primavera Literária. As editoras associadas a este projeto de entidade se adequam a um tipo de empresa de produção cultural orientadas por ciclos de produção longos, de acordo com (BOURDIEU, 1992: 170), seriam produções viradas para o futuro, editoras que produzem visando uma durabilidade da obra para além do consumo imediato, diferente da produção referente aos livros da moda, por exemplo. Bourdieu diz que, desde o século XIX, a produção literária já obedecia a estes dois eixos de publicações, as de ciclo curto e longo:

Empresas de ciclo de produção curto, visando minimizar os riscos através de um ajustamento antecipado a procura detectável, e dotadas de circuitos de comercialização e de medidas de rentabilização (publicidade, relações públicas, etc) destinadas a garantirem o ingresso acelerado dos ganhos por meio de uma circulação rápida de produtos votados a uma obsolescência rápida; e, por outro lado, empresas de ciclo de produção longo, assente na aceitação do risco inerente aos investimentos culturais e, sobretudo na submissão as leis específicas do comercio de arte: sem ter mercado no presente, esta produção inteiramente virada para o futuro tende a construir estoques de produtos sempre ameaçados de recaída no estado de objetos materiais (avaliados enquanto tais, quer dizer, por exemplo, segundo o peso do papel).

As publicações de ciclo curto são aquelas que proporcionam para o editor e para o escritor lucro imediato, porém momentâneo. São os investimentos dos grandes grupos, mas também é interessante pensar que esta orientação para produção também corresponde a uma estratégia de editoras de pequeno porte que precisam alavancar as vendas de uma obra que possa cobrir a publicação de outras tantas que não vendem em ciclos curtos, investimentos particulares de um escritor. As estratégias de publicação que mais se adequam aos filiados da LIBRE parecem ser aquelas ligadas aos ciclos longos, ocorrendo caso ou outro de publicarem *best sellers*. O agrupamento destas editoras vem no sentido de dar suporte, umas às outras, dentro da entidade, aproveitando a possibilidade de publicarem obras que não disputam o mercado de circulação imediata, seriam editoras com interesses em produzir obras ainda sem classificação no mercado de nichos tradicionais, por isso a principal bandeira da LIBRE é a bibliodiversidade. De acordo com (BOURDIEU, 1992: 268) seriam “tomadas de posição que se anunciam como potencialidades objetivas, coisas ‘a fazer’, ‘movimentos’ a lançar, revistas a criar, adversários a combater, tomadas de posição estabelecidas a ‘superar’”. Assim, abre-se com a fundação da LIBRE e a Primavera Literária, uma estrutura de probabilidades, de ganhos ou perdas prováveis, tanto materiais como no plano simbólico.

2 EDITORA ANTIGO LEBLON

A editora Antigo Leblon é uma empresa de pequeno porte fundada em 2002 que se auto financia, sendo classificada como independente pela CBL/SNEL, é de estrutura e gestão familiar, construída por pai e filho para a auto publicação. Foram realizadas duas entrevistas com Érico, escritor fundador da editora Antigo Leblon, o filho, nos dias 13/07/2015 e 21/07/2015 na biblioteca da Cátedra de Leitura Unesco na PUC Rio, local onde Érico trabalha como Coordenador de Projetos, durante duas tardes. Nesta ocasião pude gravar uma conversa entre nós dois, orientada por um questionário por mim produzido conforme a metodologia de pesquisa qualitativa com entrevistas semi estruturadas. A entrevista com Rogério, escritor, sócio na editora e pai de Érico, foi enviada por e-mail e respondida no dia 24/07/2015. Outras informações como fotos, declarações sobre a editora e sobre os livros do seu catálogo foram retiradas do site da editora. A editora Antigo Leblon doa alguns de seus livros para bibliotecas de escolas e de bairro. Por uma ocasionalidade, um exemplar do livro *Estilhaços de Babel*, de autoria de Érico, veio parar na minha casa, junto a outros empréstimos vindos da Biblioteca Popular do Rio Comprido. Eu não conhecia o escritor nem as suas obras até este momento. Por volta de duas semanas depois, estive no lançamento do seu último livro de poesia publicado pela Antigo Leblon chamado *Luzes* que ocorreu na Biblioteca da Cátedra na PUC Rio. Meu interesse surgiu quando percebi que algumas informações sobre a editora e sobre o autor escritos na orelha do livro, apresentava também o caráter das publicações de editoras perfiladas com o campo que eu gostaria de investigar. Durante o evento, pude conversar com Érico sobre os motivos que os levaram a criarem a sua própria editora.

2.1 A criação da própria editora

Érico é escritor, editor e engenheiro, Mestre e Doutor em Literatura Brasileira, professor na PUC Rio em cursos oferecidos na Faculdade de Comunicação sobre produção editorial e práticas de leitura e na Cátedra Unesco de Leitura, onde é coordenador. Rogério é Advogado e escritor. Érico já havia publicado o livro *Cenas de Mortes Vulgares*, com a ajuda de um amigo, pela editora Ibis Libris¹⁹ (associada à LIBRE) antes de fundar a Antigo Leblon.

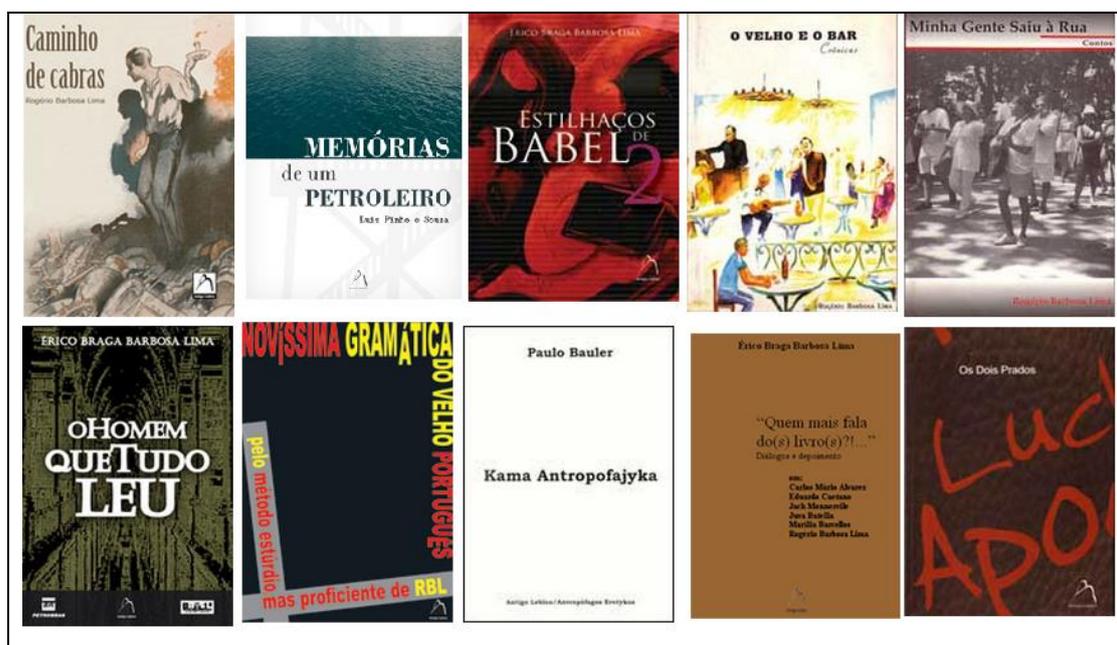
¹⁹ A Editora Ibis Libris é uma pequena editora de poesia, conto e romance, além de relatos autobiográficos, antologias poéticas, peças de teatro e estudos relacionados ao universo da cultura, reunindo mais de 200 autores reconhecidos e estreados. Está localizada em Copacabana no Rio de Janeiro. libre.org.br/editora/59/ibis-libris.

O autor diz que após esta publicação sentiu vontade de montar a sua própria empresa editorial, por ter divergido do seu modelo de publicação. Neste tempo, Rogério teria sofrido um “destrambelho das coronárias”, como afirma, que o levou a aposentar-se prematuramente aos cinquenta anos de idade, decidindo dedicar-se integralmente à literatura. Rogério também estava interessado em ver publicados seus próprios livros. Ambos insatisfeitos com os serviços editoriais lhes oferecidos, pai e filho, resolveram se juntar porque eram um para o outro “a única pessoa que eu confiava e vice-versa para fazer negócio”

A editora Antigo Leblon possui em 2015 um catálogo com 17 livros publicados, entre eles 9 livros de autoria de Rogério, 5 livros de Érico e 3 livros de autoria de amigos dos sócios, Luiz Pinho, Carlos Costa e Paulo Bauler. Descrita como: “uma editora que propunha pelo desenvolvimento da linguagem, ferramenta primeira do aprimoramento e enriquecimento da consciência crítica, e ainda diz que visa abrir campo para a ponderação isenta de dogmatismo, privilegiando o saudável e judicioso princípio do contraditório, buscando transformar o leitor-consumidor, alvo da artilharia editorial-publicitária, num ‘leitor de berço’, com o gosto de instruir-se.”

2.1.1 Catálogo

Figura 1 – Capas do Catálogo da Editora Leblon.



Fonte: www.antigoleblon.com.br em 2016. Capas da esquerda para direita: “Caminho das Cabras”, “Memórias de um Petroleiro”, “estilhaços de Babel 2”, “O Velho e o Bar”, “Minha gente saiu às ruas”, “O homem que tudo leu”, “Novíssima Gramática do velho português”, “Kama Antropofajyka”, “Quem mais fala dos livros” e “Os Dois Prados”.

Os livros do Catálogo da Antigo Leblon foram produzidos graficamente por profissionais convidados para cada projeto, já que a equipe que contribui com a editora é fluante, formando-se de acordo com a demanda. Em princípio, especializada em livros de ficção, conto, crônica e poesia, não obstante, também publicou duas biografias uma tese de doutorado, um livro de esoterismo e uma gramática, demonstrando que a sua linha editorial não é fixa, sendo constituída de acordo com as demandas que surgem, tanto da produção dos sócios, quanto de interesse de conhecidos da editora. Deste modo, é possível perceber também a versatilidade dos editores pai e filho, “sentimos necessidade de desovar nossas ideias. A editora foi criada para isso”, afirma Érico.

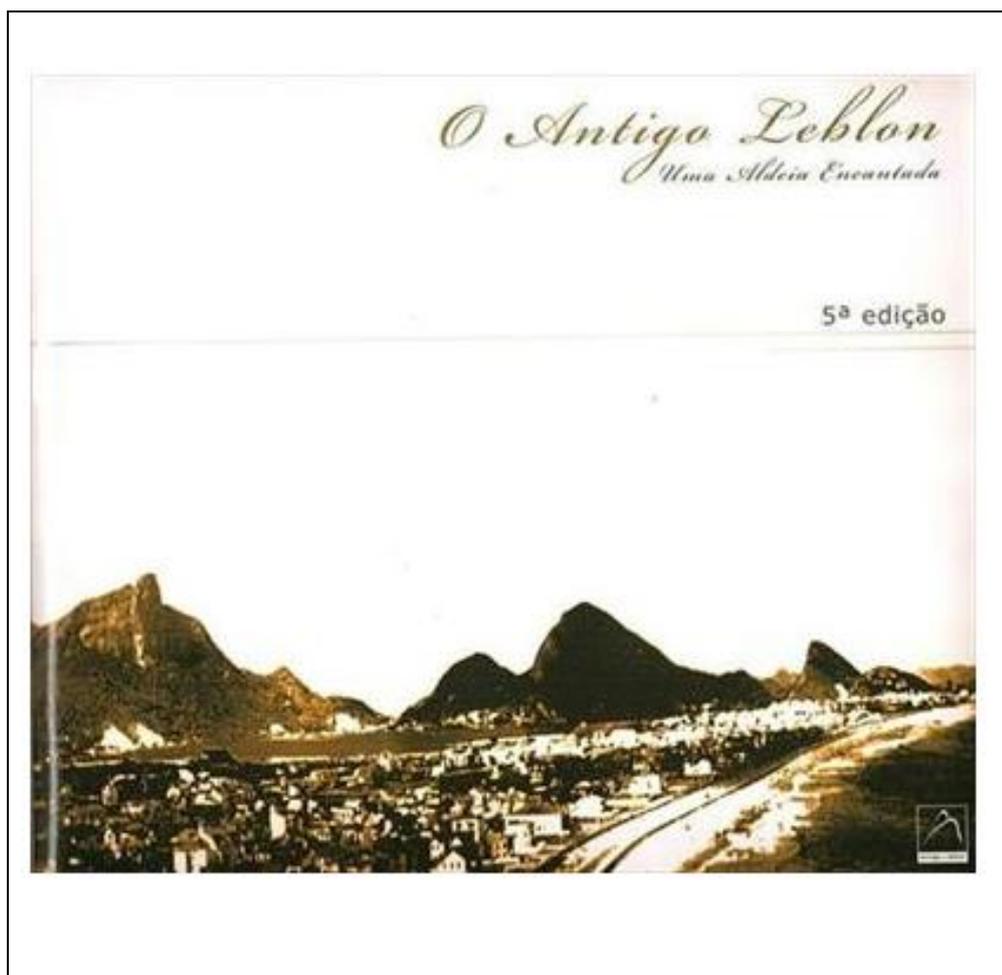
O Antigo Leblon: Uma Aldeia Encantada de autoria de Rogério Barbosa foi o primeiro lançamento e o livro que teve a maior quantidade de vendas da editora (7 mil exemplares), de acordo com a entrevista realizada com Érico, *O Antigo Leblon* vende dois exemplares por dia nas livrarias onde foi distribuído²⁰. É um livro de crônicas publicado pela editora em 2004 com 138 páginas, vendido por 29 reais e está em sua quinta edição. Foi lançado como obra do autor, inicialmente em 1999 sem nota fiscal e registros de empresa. Érico afirma que foi muito difícil distribuir o livro nas livrarias que exigiam uma documentação e uma apresentação mais tradicional da publicação para poder comercializá-la, *como foi impossível fazer a distribuição, a gente pensou em de repente ter uma editora para poder emitir nota fiscal*. O cenário do livro é o Leblon das décadas de 1940 e 1950 Os sócios dizem que este livro vende porque é um livro ilustrado com fotografias da época, muito bonito e que “serve como presente de natal” para enfeitar a estande. No entanto, em nenhum momento das entrevistas com Rogério ou Érico foi mencionado que a publicação deste livro visava atender a um nicho do mercado que procurava este tipo de lançamento para consumir, eles afirmam que esta publicação foi espontânea e sem expectativas de grandes vendas e que, por surpresa, acabou atendendo a este público alvo que o compra até hoje.

De autoria de Rogério são 8 livros: *O Velho e o Bar* e *Minha Gente saiu à rua* são livros de crônicas publicados em 1996 e 1998, esgotados. Foram edições do autor, incluídos no catálogo da editora na época da sua fundação. *Sem caminhos de volta*, crônica, de 2000, e *O olhar matreiro do Serafim*, contos, 2002, ambos esgotados. Sendo o último ganhador do concurso Novos Talentos da Academia Brasileira de Letras, neste ano. *Paulo Fortes - Um brasileiro na Ópera* é o seu livro de biografia publicado em 2004. Em *Novíssima Gramática*

²⁰ O livro “O Antigo Leblon: Uma Aldeia Encantada” está disponível para vendas nas seguintes lojas: Livraria Argumento, Leblon; Livraria da Travessa, Leblon; Toca do Vinícius, Ipanema; Livraria Cultura São Conrado e Livraria Argumento, Barra da Tijuca.

do Velho Português, Rogério satiriza em ficção a gramática tradicional de norma culta do português, publicada em 2008 e esgotada. *Caminho de Cabras*, de 2011, biografia ficcional e *Os Dois Prados*, ficção esotérica, de 2007, o trunfo publicitário da editora, investigado mais à frente, neste trabalho. De autoria de Érico, *Quem mais fala dos Livro(s)?!...*, de 2006, é um livro de entrevistas com profissionais da literatura sobre o universo literário e editorial, organizado por Érico, artesanal e esgotado. *Estilhaços de Babel*, de 2006, poesia. *O homem que tudo leu*, de 2009, a publicação de sua tese de doutoramento com 634 páginas; e *Luzes*, poesia, de 2014. Outros três livros de autores convidados foram publicados pela Antigo Leblon: *Kama Antropofájika*, romance-poesia, de 2004 de autoria de Paulo Bauer; *Tempo Desejo*, poesia, de 2006, por Carlos Costa; e *Memórias de um Petroleiro*, 2014, biografia, por Luiz Pinho.

Figura 2 – Capa do livro *O Antigo Leblon: Uma Aldeia Encantada*.



Fonte: www.travessa.com.br em janeiro de 2016.

2.1.2 A Gestão de uma pequena editora

Érico diz centralizar muitas das tarefas da editora em torno de si, *Eu sempre sismo de produzir, eu sou meio “Chapliniano” que é o cara que faz o roteiro, dirige e atua a faz a música do filme também e no final termina pobre, não o Chaplin, mas o Carlitos*, no entanto, ao longo da conversa, Érico também reconhece a importância da divisão de tarefas internas inerentes ao processo de produção do livro, pois afirma que aprendeu muito com os erros desta concentração na gerência de projetos, *se você vai organizar, não participe do processo porque você não vai conseguir fazer nem uma coisa nem outra*. Érico afirma também:

Quanto mais especializado, quanto mais particionado, mais eficiente se torna o processo, mas em compensação se torna mais cansativo e tem mais dinheiro envolvido e tem que ter mais tempo de investimento e eu não dou este tempo para a editora e para este tipo de projeto, então a gente fica sem assessor, sem distribuidor, eu sempre quis trabalhar com estes profissionais, mas demanda muito esforço da gente e demanda um tino também e um empenho que a gente não tem e que de repente também não quer dar.

Nem Érico, nem Rogério se declaram somente escritores ou editores, nem mesmo se declaram editores profissionais, eles apostam na criação da editora como uma alternativa para se auto publicarem produzindo de acordo com suas próprias regras, escolhendo as obras que compõem seu catálogo, trabalhando com equipes de amigos que flutuam entre um projeto e outro e sustentando uma liberdade de criação proporcionada pela fundação da editora como um meio facilitador da produção particular. Rogério diz pensar sobre ser um bom redator, em entrevista afirma que *muita gente boa me considera escritor*, se referindo aos escritores, críticos e jornalistas que já prefaciaram seus livros ou declararam algo a respeito em notas de jornal como, por exemplo, Antônio Olinto (Poeta e acadêmico) sobre seu livro *O olhar matreiro do serafim*; Carlos Dantas (jornalista e crítico musical) sobre o livro *Paulo Fortes: Um brasileiro na Ópera*, Cora Ronai (cronista e jornalista) sobre o livro *O Antigo Leblon: Uma Aldeia Encantada*, entre outros²¹.

Declarações de Érico e Rogério Barbosa a respeito da função da Antigo Leblon e das suas correspondências profissionais aparecem sempre, nas entrevistas, acompanhadas de discursos afirmativos do caráter independente da editora, mas também entre as concepções de produção literária e gestão que tendem, as vezes, a uma atividade de hobby (descompromissada com negócios), e outras interessada em expandir-se como empresa (como na tentativa de publicação de livros como *Memórias de um Petroleiro* e *Paulo Fortes: Um*

²¹ As declarações destas personalidades estão publicadas no site da Antigo Leblon em um link sobre cada um dos sócios da editora. www.antigoleblon.com.br/editora/socios em 2015.

brasileiro na Ópera) além da preocupação que demonstram ter com a administração jurídica da editora, quando Rogério afirma que, *cuido da papelada, me entendo com livreiros e órgãos públicos, redijo os contratos, cuida da área fiscal, etc.* e ao mesmo tempo *não me sinto envolvido na relação de comércio, não por que seja algo condenável, porém acho que não nasci para ser comerciante: não levo jeito para isso.* Deste modo, é possível perceber uma confusão de papéis que oscila entre afirmar-se e agir como empresa e resguardar-se como produtora facilitadora de interesses subjetivos de produção artística particular. Demonstrando sua falta de inclinação para os negócios, Rogério afirma: *uma vez o livro feito, quero apenas que leiam e, se possível, que gostem e, melhor ainda, que me digam isso, porém não me interessa em buscar divulgação, não peço nada a ninguém, não corro atrás. Gosto apenas de fazer o livro.*

A convivência entre pai e filho nos projetos da editora é levantada pelos escritores: de acordo com Rogério Barbosa *a camaradagem, o humor e a afinidade intelectual estão sempre presentes em todo o processo de produção. Às vezes facilita buscar as soluções que procuramos, às vezes atrapalha, mas que é divertido lá isso é*, ressaltando aspectos da sua parceria com Érico, e ainda afirma que *fica fácil encontrar soluções? Na maior parte das vezes, acho que sim. Quando a coisa encrenca demais, Érico pula fora e eu sou obrigado a meter a cara e achar um jeitinho, Ele, depois, na moita, vem e melhora o que eu fiz.* O advogado e escritor Rogério aponta que a genialidade do Érico tem um peso mais expressivo nesse casamento, dizendo que *sempre será mais fácil arranjar um substituto para mim.* Afirma que sempre serão uma editora familiar e modesta, afirma, o que inclui, os serviços que sua esposa (e mãe de Érico) presta, voluntariamente, à editora Antigo Leblon: *no mais, minha mulher, comunicativa e boa-praça, se encarrega da distribuição. Distribuidores de médio e grande porte nos ignoram. Os demais, dispensio: já tive algumas experiências desagradáveis.* Respondendo, Érico diz: *a distribuição por livrarias é o grande problema e o grande impedimento de todas as pequenas e médias editoras, e ainda, o livreiro trata o editor e o autor como se fosse um mendigo na porta da igreja, o meu pai cansou de mandar em letras garrafais para aquele lugar um monte de gente.* Misturando relações de cunho íntimo da convivência que resulta das atividades na editora e das atribuições relacionadas ao parentesco que tem entre si, a gestão de pequenas empresas se dá muito mais orientada pelas concepções subjetivas dos envolvidos do que pelas leis do mercado editorial, pelo que as entrevistas puderam apresentar neste caso, sendo então, nos parece um desafio sobreviverem como empreendimento produzindo um objeto que transita nas camadas que compõe a satisfação

peçoal em fazer livro e a vontade de ser lido, que resulta na publicação e tentativa de distribuição e vendas das obras.

2.1.3 Os Dois Prados de Lucho Apoelo

A editora Antigo Leblon publicou em 2006 o livro de esoterismo *Os Dois Prados* do suposto autor Lucho Apoelo, um Guru Brasileiro que viveu quinze anos da sua juventude no Nepal sob os ensinamentos de um Mago Chamado Mahamud. Nos anos de 1940, este guru volta para o Brasil e inicia uma peregrinação pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro acompanhado por algumas dezenas de seguidores que, nas madrugadas, recebiam as lições advindas do chamado “Mago dos Magos”. Este título foi uma grande aposta de sucesso e vendas para a editora, com o intuito de explorar um gênero literário ainda não existente entre os livros publicados por ela. A sua publicação é exemplar para a compreensão das estratégias que uma editora pode recorrer para ampliar seu catálogo e investir em um nicho de consumo literário que alcança vendas. *Os Dois Prados* está na 2ª edição, possui 125 páginas, na época de seu lançamento era vendido no site da editora Antigo Leblon e por um site próprio do livro por 19 reais. Foi impresso em gráfica com miolo pólen bold (90) e capa cartão supremo 250. Na ficha catalográfica é classificado no assunto “Ciências Ocultas”, o lançamento do livro ocorreu em 7 de maio de 2007 no Leblon em uma passeata de artistas fantasiados de místicos culminando em um sarau na Livraria Letras e Expressões²².

2.1.4 Invenção de um Livro

“Lucho Apoelo” é um anagrama de Paulo Coelho. O livro *Os Dois Prados* é uma invenção editorial sem fundamentação na realidade, um exercício de criatividade de um dos sócios da editora Antigo Leblon. Impulsionado pelo desejo de compilar uma porção de histórias de misticismo que costumava ler, depois de aposentado, Rogério decide costurar as narrativas e adaptá-las a uma atmosfera de mistério que envolveria a descoberta de uma primeira edição perdida em um incêndio entre os sebos da Praça Tiradentes, no centro do Rio de Janeiro, a qual, vindo à tona nos dias atuais, seria oferecida para publicação em sua editora. Tanto na divulgação do livro no site oficial da Antigo Leblon como no site criado especialmente para o lançamento de *Os Dois Prados* as informações, entrevistas, citações e

²² A livraria Letras e Expressões funcionava no Leblon até 2011, nesta livraria ocorria um sarau chamado Corujão da Poesia que acontecia durante a madrugada.

referências sobre sua publicação não revelam dados precisos sobre a existência de Lucho Apoelo, nem tampouco, sobre a veracidade do conteúdo veiculado.

A intenção da editora era lançar informações nebulosas sobre a criação deste livro, não revelando sua invenção, mas também não se comprometendo com nenhuma verdade relativa à autoria da publicação. Érico afirma que *eu dei ênfase na realidade da criação literária sem nunca afirmar se a coisa era verdade ou não*. E conta como foi que surgiu a ideia: *após ter lançado uns cinco livros, o meu pai começou a ler uma coleção antiga da Revista O Cruzeiro²³ e começou também a ler estes livros místicos de autoajuda e leu o Paulo Coelho de curiosidade*. Érico explica que seu pai percebeu que estas estórias “copiavam-se umas às outras” e, em sua opinião, mal. Motivado por um desafio de recontar estas narrativas, ele começou a recriar as estórias, principalmente das edições de *O Cruzeiro*, agregando a elas fragmentos de uma ou outra, reescrevendo algumas máximas e, de acordo com Érico, *acrescentava algumas coisas adocicadas e outras muito interessantes, algumas tinham parábolas, mas nem sempre uma moral no final*, assim, *Os Dois Prados* foi escrito e assinado, para fins de registro no ISBN, com a assinatura de Rogério, que durante o lançamento do livro os autografava com a justificativa de ser o editor responsável.

Em entrevista para o site *Aguarras*, sobre o lançamento de *Os Dois Prados*, Érico, como editor e proprietário da editora Antigo Leblon, afirma que foram inicialmente sondados por um representante de uma associação que, de acordo com ele, “insiste em permanecer no anonimato”, e atende pela sigla C.L.A (Confraria Lucho Apoelo). Esta entidade teria encontrado todo este acervo em um casarão da Praça Tiradentes que sofreu um incêndio, e que poderia ter sido também o prédio que deu lugar ao clube Estudantina, posteriormente. Diz que foram seduzidos imediatamente pela história, pela fartura do material, pelas possibilidades de sucesso e, principalmente, pela qualidade literária. *A CLA nos forneceu cópias digitalizadas do acervo apoelístico: uma biografia, a primeira edição de Os Dois Prados, um diário e alguns documentos esparsos*. Nesta entrevista, Érico afirma que a editora Antigo Leblon pretende, para meados de 2008, publicar o diário de um dos discípulos de Lucho Apoelo – entregues à editora pela C.L.A – e que provavelmente em 2009 publicaria também uma biografia do místico.

A ideia de publicar *Os Dois Prados* foi uma ambiciosa combinação entre ironizar os lançamentos deste gênero, publicando uma miscelânea deles, e tentar alavancar o prestígio da

²³ A revista *O Cruzeiro* é uma publicação dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand que circulou entre 1928 e 1975 no Brasil.

editora, por ter sido considerada a escolhida para publicação de um tesouro editorial supostamente recuperado depois de décadas desaparecido. Além de ser, para os sócios da Antigo Leblon, uma brincadeira. Érico diz ter se encontrado na Livraria Argumento, um amigo que possuía conhecimentos nas áreas de negócios, conversaram sobre o interesse que tinham em publicar o manuscrito de seu pai. Érico diz que propôs uma brincadeira, e de acordo com ele *se a gente chegasse e colocasse essas histórias e inventasse, para os bobos que tem por aí, que eram de um mago, isso ia vender horrores por causa da qualidade literária e porque iam acreditar que tinha sido escrito pelo místico*, ainda afirma sobre a reação de seu amigo, *então ele bateu na mesa e disse que estava feita a aposta e que tinha uns amigos que dariam um pouco de apoio pra eles verem no que ia dar*. Deste modo a publicação do livro foi financiada por amigos dos sócios da editora Antigo Leblon que juntos arrecadaram entre 15 mil reais para a edição.

A Antigo Leblon fez um plano de marketing apostando na diversidade, no ecletismo e na variedade de informações que poderiam alcançar dentro de um nicho de consumo literário que vai da autoajuda ao ocultismo. Érico afirma que o texto por si só seria mais um texto, mas um texto que tivesse uma história como essas das garrafas perdidas teria seu potencial distintivo e intrigante. Uma jogada de marketing e uma estratégia de convencimento a partir do imaginário sobre o livro, não apenas sobre o conteúdo do livro. E afirma: *quando se coloca baseado em fatos reais você sente aquele arrepio no final do filme*, mas também reconhece que é importante ressaltar detalhes que convençam sobre a veracidade desta aventura editorial quando afirma que: *eu vou fazer como os realistas e os românticos, eu vou encher de detalhes porque o realismo mora nos detalhes e estes detalhes vão ser de todas as camadas possíveis e imaginárias, ensaística, artística, biográfica e também na história do próprio livro*, afirmando que a aventura da descoberta do livro talvez seja mais importante que o próprio livro. Além disso, seria indispensável agregar a este livro uma série de símbolos e mensagens místicas que expressassem a possibilidade de desvendar o passado e prever o futuro dos leitores num jogo acoplado ao livro, com regras e orientações disponíveis no site oficial. É curioso perceber que nenhum dos símbolos apresentados, a Lúdica Apoelística, – a árvore, o baú, as moedas, o símbolo do Lucho Apoelo – foram citados no livro, mas de acordo com Érico, eles não souberam da existência de ninguém que tenha se preocupado em procurá-los no texto. *Foi simplesmente uma criação a parte, absolutamente sem conectivo nenhum, era supor que havia uma simbologia mística. Essa é uma camada que está aqui só para dar uma dimensão mística efetiva ao que na verdade são ensinamentos literários*”, afirma.

Figura 3 – Símbolos da Lúdica Apoelística.



Fonte: www.antigoleblon.com.br em 2016.

Na primeira página da nota do editor, em *Os Dois Prados*, destaca-se uma informação a respeito da primeira edição do livro – desaparecida desde os anos de 1940 – diz que a sua primeira editora era especializada em livros científicos, na tentativa de associá-lo a um campo de ensinamentos influência confiáveis. O trecho diz o seguinte: *seus ensinamentos foram cuidadosamente transcritos por um de seus acólitos, responsável por um documento que se tornou o único e confiável evangelho da doutrina disseminada. Publicadas por um editor de livros científicos, em tiragem de 119 exemplares.* A invenção do número desta tiragem também é proposital, afinal, as tiragens costumam ter números redondos, no entanto, a escolha pelo número 119 também diz respeito àqueles muitos detalhes sugestivos que Rogério pretendia empregar ao texto. A nota do editor segue dizendo que: *a especificação numerológica permanece no aguardo de uma interpretação alegórica.*

Outro mistério sobre a primeira edição encontrada após 76 anos pela C.L.A, foi revelado, por Rogério, na nota do editor: *pelo cuidado com a conservação e os apetrechos utilizados, seria patente o auto poder aquisitivo do guardião da relíquia, indício expressivo do perfil dos integrantes do segmento social que buscava a orientação do ‘Governador de Almas’*”. Esta informação inventada – como todo o conjunto que forma o livro e sua ideia editorial – demonstra a escolha do público alvo que esta publicação pretendia alcançar (pessoas que se reconhecessem pertencentes a este segmento social proposto que poderia conservar a relíquia, outra sugestão de distinção que o texto propõe), fato que seu lançamento

tenha ocorrido na Zona Sul do Rio de Janeiro, em uma livraria no Leblon. Somando-se ao propósito desta citação, a nota do editor diz que: *o livro arrola os nomes dos frequentadores mais íntimos do círculo holístico-hermenêutico, gente ‘graúda’ da política e das artes, (...) personalidades nos meios cultural e administrativo do país.* No prefácio, sobre o sucesso da primeira edição: *foi possível constatar que as unidades distribuídas desapareceram das estantes dos livreiros em um mês, apenas, depois de consignadas,* outra sugestão sobre as possibilidades de um novo sucesso de vendas com a segunda edição. Por fim, o prefácio do livro justifica a publicação desta segunda edição pela editora Antigo Leblon, afirmando que *o que nos anima aqui, todavia, é repartir também com o leitor a herança impar do insigne educador: a matéria pura tal qual veio ao mundo e nos foi legada em linguagem, intenção e escrita,* – supostamente a intenção de prestarem um serviço essencial à sociedade, que precisaria ter acesso ao conteúdo deste livro.

2.1.5 Lançamento e sugestão

Lucho Apoelo peregrinava pela rua da cidade e, quando do lançamento da suposta segunda edição de seu livro, foi homenageado precisamente com uma caminhada de pretensos seguidores de sua doutrina pelas ruas do Leblon. Os editores gostariam que a publicação de *Os Dois Prados* ganhasse as ruas por se tratar de uma grande festa dedicada ao descobrimento dos textos sagrados que viriam à tona nos dias atuais. Motivada pela brincadeira editorial e pela possível chance de emplacar vendas, a Antigo Leblon em parceria com o *Retiro dos Artistas*²⁴ – por intermédio de contatos dos editores –, realizou um mega lançamento para a segunda edição do livro. No dia 07 de maio de 2007, uma passeata de 30 artistas do Retiro caracterizados de monges, padres, islâmicos, wiccas, mães de santo, ciganas etc., percorre toda a Avenida Ataulfo de Paiva, seguindo as 17:30h da esquina da rua Afrânio de Mello Franco até o canal da Visconde de Albuquerque, para às 19:30h, concentrar-se em frente à Livraria Letras e Expressões em um ato dramático de consagração múltipla de crenças em comunhão pela descoberta do místico Lucho Apoelo. Somavam-se aos atores, aproximadamente 25 poetas convidados para o sarau que ocorreria na Livraria.

Lançar “Os Dois Prados” em uma passeata e sarau significava um diferencial na estratégia promocional da editora Antigo Leblon, em comparação com os lançamentos

²⁴ Retiro dos Artistas é uma instituição acolhedora de artistas idosos de todas as artes. Está localizado em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, em parceria com a Emissora televisiva Rede Globo.

tradicionais com buffet e mesa de autógrafos. A aposta dos editores em fazer o “primeiro sarau de poesia mística do Leblon” foi, de acordo com Érico, *um belo exercício de coordenação, pois foram duas horas de ‘peregrinação’ com uma equipe (entre artistas, distribuidores de panfletos, fotógrafos, câmeras de filmagem e assessores) de quase cinquenta pessoas. E isso era só a primeira etapa da noite.* Ele diz que foram ensaiados com os artistas os textos de *Os Dois Prados* na oficina de teatro do Retiro dos Artistas, sendo compiladas 70 falas distribuídas entre os atores que as incorporavam e as adaptavam às “personalidades e trejeitos” de cada personagem. A editora Antigo Leblon havia pensado, como estratégia editorial, planejar com uns cinco atores, mas foram surpreendidos com a adesão voluntária de toda a companhia da oficina de teatro do Retiro, o que acabou virando uma atuação desafiadora, afirma. Durante o sarau de poesia mística na Livraria Letras e Expressões, Érico diz ter percebido que algumas pessoas demonstravam acreditar na existência de Lucho Apoelo. Um poeta idoso afirmou tê-lo conhecido e outro jurou que seu pai lhe falava e recitava versos do guru quando ele era criança. Assim, Érico afirma que a sugestão produzida pela editora, com os detalhes sobre a vida e a obra de Lucho Apoelo, estava surtindo efeito em meio ao turbilhão de atividades do lançamento e que as pessoas presentes geravam espontaneamente uma mitologia, deslocando da editora a responsabilidade total sobre a crença que as pessoas demonstravam ter diante da encenação do lançamento.

Figura 4 – Atores do Retiro dos Artistas no lançamento do livro *Os Dois Prados*.



Fonte: www.antigobleblon.com.br em 2016.

2.1.6 A lição

As lições e a moral da história são lugares comuns na literatura de esoterismo e autoajuda por meio de ensinamentos oriundos de uma busca interior ou metafísica e os desafios da realização de um desejo etc., mas a editora Antigo Leblon ao inventar *Os Dois Prados* também teve a sua lição. O fato é que a editora Antigo Leblon publicou um livro com financiamento de apoiadores no valor de 15 mil reais resultando na venda de 17 unidades (no valor de 19 reais) no dia do seu “mega” lançamento. Érico possui caixas da tiragem de 300 exemplares de *Os Dois Prados* fechadas em casa. Mas o que deu errado? Por que a “segunda edição” não foi um sucesso editorial?

Estratégias de publicidade foram implementadas na época do seu lançamento (2007): A editora encomendou anúncios em ônibus (*busdoor*), divulgou com panfletos nas ruas do Leblon e Gávea dias antes do evento, filmou as atividades do lançamento e disponibilizou no *youtube*, no lançamento estiveram presentes 30 atores e 25 poetas, um produto à parte foi integrado ao livro, o jogo de símbolos místicos, além de um site próprio para a publicação. No entanto, a conclusão desta brincadeira toda foi que o dinheiro acabou e depois não puderam dar continuidade ao projeto, que desapareceu da mesma maneira que surgiu, como Lucho Apoelo na década de 1940, afirma Érico, *mandamos e-mail para as pessoas, contratamos dois ghost-writers com depoimentos sobre Lucho Apoelo. Não houve assessoria de imprensa, o projeto foi um estardalhaço fantástico e imenso, uma festa, e da mesma forma como chegou, sumiu.*

Para a editora, o grande problema deste livro foram duas coisas: Em primeiro lugar, a simultaneidade dele ter sido lançado ao mesmo tempo que o *The Secret (O segredo* da editora Ediouro), *era curiosíssimo ver na Livraria Letras e Expressões, uma pilha do The Secret de um lado e uma pilha de livros Lucho Apoelo do outro*”, mas afirma que a pilha do *Segredo* só diminuía, enquanto a pilha de *Os Dois Prados* continuava intacta. Esta pilha que vendia estava em todas as livrarias do Brasil e a pilha de Lucho Apoelo só estava na Letras e Expressões. Em segundo lugar, *O Segredo* tinha sido um investimento de um milhão de dólares das editoras espanholas (grupo da Editora Ediouro), afirmando que, *a pilha do meu livro tinha sido um investimento de quinze mil reais, de um bando de malucos empresários que estavam a fim de se divertir com aquilo, inclusive foram a festa e se divertiram horrores vendo aquela papagaiada toda*, assumindo os limites da competição de vendas entre editoras de grande e pequeno portes.

A Antigo Leblon diz ter errado quando não apostou em assessoria de imprensa, pelos poucos recursos que tinha, também por isso não apostou na maior circulação do livro, como uma estratégia de consignação em outras livrarias. Eles apostaram em uma reação espontânea, uma “viral”, acharam que a concentração de todos os esforços em um só lugar (o Leblon) formaria uma rede que se alastraria pela cidade como “uma lente de aumento para matar formiga”, diz Érico, e ainda: *contamos que as pessoas que fossem ao lançamento seriam as responsáveis pela disseminação da informação sobre o livro*. Não levou em consideração que nesta época de espetáculos, tudo é visto e tomado como performance em um dia, no outro, como afirma Érico, *as pessoas esquecem e buscam outra coisa para fazer*. Editoras de grande porte com recursos de promoção em massa promovem o lançamento de seus livros com meses de antecedência, com propaganda que orienta as vendas porque cria um perfil de leitores para aquele produto, como foi o caso das sagas de vampiro e de zumbis recentemente.

A continuidade dos eventos de promoção de *Os dois Prados* resultaria na necessidade de mais investimentos, mas os recursos efetivamente disponíveis, no entanto, haviam sido gastos até o lançamento do livro. Os editores afirmam também, que seria essencial ter saído alguma menção na imprensa: *tinha que ter saído uma notinha no segundo caderno, aí poderia ter sido diferente*. Afirmam que o erro de marketing foi muito grande, no entanto, Érico diz, ao mesmo tempo, que também não teria paciência de sair enrolando as pessoas dizendo que *Lucho Apoelo* realmente existiu, caso a coisa crescesse. Sua estratégia, caso isto acontecesse, seria deixar a repercussão desta invenção crescer espontaneamente e, posteriormente, desmascarar esta “brincadeira” porque diz não querer bancar o picareta também, pois afirma que uma coisa seria se divertir com a publicação e o lançamento do livro, e outra seria levar a brincadeira longe demais. Durante o lançamento, Érico já percebia, ele e a produção do evento que, enquanto andavam e brincavam, “as pessoas corriam pra casa para assistir o jornal” e que, decepcionado, contou que no sarau nenhum dos 25 poetas comprou o livro.

A publicação de *Os Dois Prados* serviu como um caso editorial que demonstra em sua trajetória de criação os limites que a falta de profissionalização imprime nas tentativas de lançamento no mercado. A falta de pesquisa do setor antes de publicar uma obra, ou a deficiência de publicidade e estratégias de marketing são entraves para que uma editora de pequeno porte com baixo orçamento consiga disputar um nicho do mercado. Atualmente, (depois de 8 anos da publicação do livro) a editora Antigo Leblon ainda o mantém no catálogo da editora, disponível no site da Antigo Leblon e no site oficial do lançamento, que se mantem no ar. Uma parte da tiragem foi doada para bibliotecas de escolas e de bairros e outra é presenteada pelos sócios aos amigos. Érico finaliza sua entrevista dizendo que o

grande legado da publicação de *Lucho Apoelo* foi o aprendizado, a respeito das divisões de tarefas necessárias para a execução de projetos, e para trabalhar as camadas de ficcionalidade da teoria literária, quanto, em suas aulas ministradas na PUC Rio pela Cátedra Unesco de Leitura, Érico aborda temas como a ilusão do biográfico, o funcionamento do sistema literário, e a criação do autor, não apenas nas entrelinhas, mas nas “extralinhas” principalmente (fazendo referência as relações sociais inseridas nesta criação).

2.1.7 Cátedra Unesco de Leitura PUC Rio

Depois de concluir seu doutorado em Literatura Brasileira na PUC Rio (2002), Érico atua como professor de literatura e crítica literária em algumas universidades do Rio de Janeiro, na Santa Úrsula e na UniverCidade com professor-adjunto e na PUC Rio como professor de alguns cursos e disciplinas de Pós-Graduação junto à Cátedra Unesco de Leitura. Concluiu o curso de Pós-Doutorado na PUC Rio em 2015 no Departamento de Letras. Desenvolveu (2002 - 2012) a pesquisa “Perfil do Leitor Universitário”, que consiste, dentre outros objetivos, na compilação, catalogação, desenvolvimento de metodologia de análise objetiva e subjetiva dos mais de 5.000 depoimentos e registros textuais e audiovisuais de alunos das disciplinas de Formação de Leitores, Conscientização literária e Metodologia do Texto Acadêmico das turmas da UniverCidade, UGF, USU e PUC-Rio.

Érico, acompanhado de dois professores tentaram captar recursos junto ao SESC, BNDS e FINEP com o intuito de apresentarem um projeto junto à PUC-Rio visando a abertura de um espaço dedicado à literatura e pesquisa literária. Através de uma professora do departamento de Educação da PUC-Rio, este projeto recebeu a chancela da Unesco e um espaço físico para funcionamento. De acordo com Érico, eles descobriram um lugar no telhado de um dos prédios da PUC, “a casa das vassouras”, onde “tudo que não prestava ou que estava quebrado ou que um dia seria reformado ia pra lá”. Em 2006 entraram Érico e uma equipe de cinco professores e pesquisadores que tinham em mente a execução do projeto “Estação de Leitura on-line”, tratando-se de ilhas de atendimento ao público para tirar dúvidas sobre leitura. Érico diz ter sido colocado para organizar, inicialmente, os sistemas de informação, no entanto ele e toda a equipe, praticamente, trabalhavam em tudo. Na Cátedra Érico é gerente de projetos, sendo responsável pela captação de recursos para a Cátedra e organizador de um acervo com as memórias dos projetos realizados.

O trabalho na Cátedra pode proporcionar para Érico uma rede de contatos e trocas privilegiadas entre profissionais ligados à produção literária, interagindo no meio acadêmico e

editorial, Érico diz que no trânsito entre estes dois espaços de produção, academia e editora, é natural que exista uma aproximação entre profissionais em uma rede que necessariamente interliga a crítica literária especializada e o trabalho de acadêmicos Letras. Como professor universitário, ele diz existir um caminho rigorosamente composto por críticos e parceiros das obras um dos outros, sendo um ensaísta ou um crítico literário. Estas instâncias, para Érico, seriam interdependentes, defendendo que no Brasil a crítica literária confunde-se com a acadêmica, mas que, em grande parte, dependeria de relações interpessoais no meio literário mais amplo: *todo dia você precisa estar em um lançamento porque ele é do seu parceiro ou do seu potencial parceiro.*

Algumas declarações sobre as publicações das obras de literatura de Érico no site na editora Antigo Leblon apresentam textos de professores universitários como da coordenadora da Cátedra, sobre o livro *Cena de Morte Vulgares*. *Érico, que saltou das relatividades matemáticas às letras sem metafísicas, arrisca no poema a ciência sem fronteira da vida intertexto; trans-tudo. Poesias, geometrias, músicas, filosofias artimanham-se em rede.* Professor de Literatura da UFC, amigo de Érico, também comenta sobre as publicações de poesia de Érico, onde diz: *Sua poesia incomoda, desafia. Literatura é reflexo social, sim, que passa como a de Érico, pelo crivo pessoal de um autor consciente da importância do poema longo e se constitui em marca própria e estilo inconfundível.* No entanto, mesmo recebendo apoio as suas produções literárias por profissionais da academia, Érico critica o conjunto das relações possíveis neste meio que possibilitam o sucesso interligando a produção obrigatória ao exercício das suas atividades profissionais e a livre produção de literatura que promove com a fundação da Antigo Leblon. Érico aponta estar entre estas duas esferas de produção que podem uma legitimar a qualidade da outra contanto com parcerias e obedecendo a algumas regras específicas de cada uma delas, uma junção intelectual. Ele diz: *existe um mercado editorial acadêmico das editoras universitárias e o interesse dos professores universitários que se espremem para tentarem lançar os seus ensaios acadêmicos, não só em revistas, mas em livros.* Sobre a condução desta relação de apoios mútuos na academia, Érico diz: *se eu passar meia hora no telefone tentando convencer meia dúzia de vaidosos, este meu trabalho de três dias no telefone vale mais do que as mil páginas que eu escrevi.* O papel da academia na promoção e legitimação de lançamentos literários integra atividades onde os profissionais acadêmicos precisam de apoio e sustentação entre si na produção de conhecimento por um caráter intrínseco da academia em produzir e chancelar estas publicações, no entanto, quando ocorre esta junção intelectual (academia e criação literária particular) e os pares destes

espaços se reconhecem, como parece acontecer com Érico, um circuito de reconhecimento é facilitado.

2.1.8 “Quem mais fala dos Livros”

Lançado em junho de 2006, ano de fundação da Cátedra Unesco de Leitura PUC Rio e um ano antes do lançamento de *Os Dois Prados*, a coletânea de entrevistas organizada por Érico *Quem mais fala dos Livro (s)!?...*, foi produzida como material de suporte didático para o curso “O Mercado Editorial do ponto de vista do Autor”, ministrado por Érico, neste ano, como disciplina da Cátedra na PUC para o curso de Comunicação. Esta coletânea foi publicada pela editora Antigo Leblon e financiada com recursos próprios e da Cátedra. Um livro impresso em gráfica com papel simples branco e capa de papel cartão reciclado, não possui figuras e foi diagramado pelo próprio organizador. Personalidades ligadas à área editorial, autores e professores versam sobre a situação contemporânea do livro, as entrevistas foram feitas durante os anos de 2005 e 2006.

Em nota explicativa, Érico destaca a orientação dos debates expostos nas entrevistas: *o imbricamento de atividades, as influências mútuas e a diversidade das funções, aliados às limitações conceituais classificatórias, conspiram para uma abrangência maior das questões a serem assinaladas e para o hibridismo dos papéis e serem assumidos*, concordando com a conjuntura de confusão que existe sobre as atribuições e papéis dos envolvidos na cadeia de produção do livro. Érico também explica na nota de abertura da coletânea o seu papel descolado de autor para editor, neste processo e em outros dentro dos trabalhos da editora Antigo Leblon: *como autor que se promoveu a editor para dar continuidade a sua própria obra e a dos seus, todas as atividades do universo da produção do livro me interessam (todos os fatores discutidos infundem e abordam produções discursivas)*, e ainda afirma sobre como as inter-relações que ocorrem em redes de relacionamentos no setor influem na produção do livro: *assim como interessa compreender os níveis de influência sofridos pela forma como os textos me acossam e se impõe, desde a publicidade até a cumplicidade, desde a distribuição ostensiva à descoberta inesperada*.

Os entrevistados nesta coletânea são conhecidos de Érico, pessoas que transitam na PUC Rio e produtores editoriais da contemporaneidade. Seriam eles: Carlos Mario Alvarez (professor e psicanalista especializado em comportamentos do consumidor) que afirma que o mercado livreiro é um grande supermercado da cultura consumista atual; Eduardo Caetano (gerente de marketing e vendas da Livraria Letras e Expressões – onde ocorreu o lançamento

de *Os Dois Prados* em 2007); Jack Monnerville (professor de filosofia) fala sobre a disseminação do conhecimento através do livro; Juva Batella (escritor) fala de sua relação com o mercado editorial; Marília Barcellos (professora e editora de livros – pesquisadora da produção editorial atual de pequenas editoras que fornece um suporte teórico para algumas análises desta dissertação com sua tese de doutorado sobre o assunto) e Rogério Barbosa (escritor e sócio na editora Antigo Leblon). A segunda edição da coletânea “Quem mais fala dos Livro(s)!?...” estava prevista para ser publicada logo após a primeira, no entanto o livro não saiu (Érico não explica o motivo na sua entrevista), as entrevistas foram feitas para esta edição com seis professores universitários que debateriam sobre assuntos relacionados ao mercado editorial do ponto de vista deles como autores de literatura e de textos acadêmicos, seria uma edição especializada para analisar e mapear as experiências das publicações universitárias, suas relações com o mercado editorial específico deste seguimento de informação.

3 W. B. LEMOS: UM NOVO ESCRITOR

Rasga-Mortalha: Poemas dos Outros do autor W. B. Lemos é a primeira publicação de um escritor iniciante. Sua trajetória em busca da editora e do seu reconhecimento como poeta são os seus desafios. A editora Circuito, empresa independente de pequeno porte especializada em obras de poesia e arte, carioca, fundada por escritor e artista plástica, demonstrando, assim, o seu crivo, publica Lemos em setembro de 2014. Lemos também é conhecido como “Esperando Leitor”, personagem teatral que circula nas ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro, no exercício de uma performance literária, distribuindo fragmentos de textos aos passantes. Em 2011 o conheci no bairro da Lapa, através de suas atividades de ator, e desde então – até 2014, ano da publicação de *Rasga-Mortalha* – Lemos prometia a publicação do seu primeiro livro.

Em 2014, Lemos estava cursando o Doutorado em Literatura Comparada na UERJ, foi quando nos encontramos novamente. Sabendo que Lemos pretendia publicar um livro e que estava conversando com uma editora, propus para ele a inclusão do seu caso de publicação em minha dissertação. Lemos me apresentou, por redes sociais na internet, para algumas pessoas importantes para a publicação do seu livro: o editor da Circuito, Renato Rezende, e o crítico literário e seu amigo Ricardo Vieira Lima. Entrevistei Lemos em duas ocasiões, num período de dois anos entre 2014 e 2015: uma presencialmente, com áudio gravado, e outra através de e-mail. A primeira entrevista ocorreu no dia 11 de novembro de 2014 na UERJ e a segunda foi respondida no dia 12 de janeiro de 2015. A entrevista com o editor da Circuito foi marcada para acontecer presencialmente, mas por motivo de viagem do editor ela foi cancelada, sendo respondida por e-mail e reenviada para mim no dia 16 de junho de 2015. A entrevista com Ricardo Vieira Lima se deu por e-mail no dia 05 de setembro de 2015.

Lemos dividiu a mesa de autógrafos com o escritor Carlos Henrique Costa, no entanto, não pude entrevistá-lo por desencontros pessoais e virtuais. Carlos Henrique Costa é escritor e músico, possui seu primeiro livro *Tempo Desejo* publicado pela editora Antigo Leblon em 2006, ano de fundação desta editora. Gostaria de ter relacionado estes dois casos de publicação que se cruzam entre os capítulos 2 e 3 desta dissertação, representando um elo as editoras Antigo Leblon e Circuito. No entanto, a partir de informações que obtive com a entrevista de Érico Barbosa, suponho que a primeira publicação de Carlos aconteceu na editora Antigo Leblon por afinidades musicais entre o editor e o autor, os dois produzem música experimental e já participaram do circuito carioca de eventos deste gênero. Sua segunda publicação na editora Circuito é resultado de sua amizade com o escritor W. B.

Lemos que, sendo apresentado pelo crítico literário Ricardo Vieira ao editor Renato Rezende, da Circuito, o apresentou também. As duas publicações de Carlos Henrique aconteceram em editoras de pequeno porte orientadas por relações de cunho particular, característica que permeia o funcionamento e gestão nestes tipos de empresa.

As chances de um escritor sem experiência no mercado editorial publicar seu livro através de uma editora sem precisar recorrer a uma edição do autor, vem sendo mais facilitada com o crescimento de empresas editoriais pequenas que procuram “novos talentos”. A editora Circuito foi criada por um escritor que se tornou editor ao fundar a sua própria editora. No encontro entre a pequena editora e o escritor iniciante, tanto o envio do original, assim como o contato entre escritor e editor foram menos burocráticos e demorados. A confiança pessoal é preponderante neste tipo de negociação, pois o que está em jogo não é somente mais um investimento em publicação, mas sim uma aposta que pode virar este jogo caso o livro alcance algum reconhecimento na cena onde se pretende apresentar a obra. Se o livro obtiver sucesso, os rumos da editora também são modificados. Os lançamentos em editoras pequenas são apostas porque, tendo à disposição poucos recursos para a condução da obra em direção ao caminho da legitimação (como publicidade, distribuição e contrato de assessoria imprensa etc.), o editor precisa, antes de admitir um escritor iniciante, avaliar se vale ou não expandir seu catálogo ou se o crescimento da editora está relacionado somente à quantidade de títulos lançados, ou mesmo se a vontade do editor é de permanecer como editora pequena. A publicação de *Rasga-Mortalha* vendeu 70 unidades no dia do lançamento. Recebeu algumas notas em jornais e em redes sociais de internet anunciando o lançamento. De acordo com o autor, depois deste evento ele fora distribuído aos amigos e grande parte da tiragem de 400 exemplares ainda está em posse do autor que custeou sua edição.

3.1 **Editora Circuito**

A editora Circuito, de Renato Resende e Fernanda Gentil, foi fundada em 2010 e funciona com recursos próprios.

Renato Rezende é autor de *Ímpar*, editora Lamparina, 2005, ganhador do Prêmio Alphonsus Guimarães da Biblioteca Nacional, neste ano. Também escreveu os livros *Memórias e Curiosidades do bairro de Laranjeiras*, editora João Fortes, 1999; *Parques do Rio de Janeiro: um olhar poético*, editora João Fortes, 2000; *Passeio*, editora Record, 2001; *Avenida Rio Branco - um projeto de futuro: 100 anos*, editora Usina das Artes, 2002; *Noiva*, editora Azougue, 2008; *Guilherme Zarvos - Coleção Ciranda da Poesia*, Eduerj, 2010; *No*

Contemporâneo: arte e escrita expandidas com Renato Correa dos Santos, editora Circuito, 2011; *Experiência e arte contemporânea*, organizado por ele e mais dois autores; e *Conversas com curadores e críticos de arte*, editora Circuito, 2012; *Caroço*, editora Azougue, 2013, entre outros. São livros de poesia, ensaios e teoria da arte contemporânea. Além de poeta e acadêmico, Renato realizou alguns trabalhos em exposições de arte contemporânea; entre as suas principais realizações como artista visual está o projeto MY HEART, em parceria com Dirk Vollenbroich, Fundação Baldreit, em Baden-Baden, Alemanha, 2010; e no Instituto Oi Futuro, 2011; além do poema visual *Eu posso perfeitamente mastigar abelhas vivas*, Oi Futuro, Ipanema, Rio de Janeiro, 2010. Fernanda Gentil é autora dos romances: *Barreado*, editora Topbooks, 2004; *Língua de Trapos*, editora Topbooks, 1999; *Vertigens*, editora Circuito, 2011 e *Nós somos uma correspondência*, editora Circuito, 2010. Idealizadora e sócia-fundadora da Circuito, é graduada em Comunicação Social na ECO/UFRJ, mestra em Antropologia no Museu Nacional/UFRJ e doutora em Letras na PUC–Rio. É responsável principalmente pelos projetos digitais da editora. A editora Circuito possui um conselho editorial e equipe de designers, assessores de imprensa.

Seu catálogo é composto por 74 títulos e oito coleções. Não possui escritório e os editores trabalham em casa. É cadastrada no ISBN e não é filiada à LIBRE nem ao SNEL. É distribuída pela editora Lamparina²⁵, sua parceira, em eventos de literatura e feiras. Aceita originais de autores que possam custear suas publicações. Oferece para estes escritores 10% de direitos autorais sobre o título vendido. O perfil de publicação da editora é: Arte contemporânea, livros de artistas, teoria literária e experiências de escrita. A editora Circuito não foi criada com o objetivo da auto publicação, pois seus sócios já possuem livros publicados por outras editoras. A motivação que levou à sua fundação está relacionada à liberdade de criação e publicação de obras de cunho artístico e experimental e ao desejo de incentivar discussões em torno da arte e da cultura contemporânea, contribuindo com estudos críticos e materiais de fontes primárias, de acordo com a sua apresentação em site próprio. A Circuito foi descrita por Renato Rezende, em entrevista, como uma editora “Cult” que não tem pretensões de crescimento no mercado editorial tradicional, que possui seu próprio nicho e que atende a uma demanda particular de publicação dentro de um circuito de artistas, poetas, professores universitários de artes e literatura, editores e produtores culturais. Ele afirma

²⁵ A Lamparina é uma editora independente de pequeno para médio porte localizada no bairro da Lapa na cidade do Rio de Janeiro. Foi fundada em 2004. Seu catálogo abrange [antropologia](#), [ciências sociais](#), [cinema](#), [comunicação](#), [dança](#), [direito](#), [educação](#), [filosofia](#), [geografia](#), [história](#), [infantis](#), [juvenis](#), [literatura](#), [música](#), [pedagogia](#), [política](#), [teatro](#) e [urbanismo](#).

querer continuar pequeno, assegurando a qualidade dos seus livros e o seu prazer pessoal em publicar.

Renato afirma que a ideia de montar uma editora surgiu com a possibilidade da criação de uma revista sobre arte contemporânea, em parceria com a galeria Gentil Carioca²⁶. Renato conta que Fernanda Gentil, que era então casada com Márcio Botner, um dos sócios da Gentil Carioca, o chamou para fazer parte da equipe, que contava também com Sergio Cohn²⁷ e os outros sócios da galeria. Criaram a revista *Bola*, que participou de um edital do MinC. No entanto, o edital que fomentaria esta revista foi cancelado. *A revista ganhou, mas não levou*, afirma Renato que, no entanto, e por esta experiência, nasce a ideia real da Circuito. Lançaram oficialmente a editora numa festa no Parque Lage, em outubro de 2010, com a publicação dos livros *Passagem Secreta* da artista Brígida Baltar e o livro *Coletivos*.

Para Renato, os critérios para admissão de escritores e obras são *ousadia, e, se possível, algum tipo de patrocínio*, para ele o processo de crescimento de editoras independentes na atualidade é “heroico e maravilhoso”. Ser editor é uma “cachaça”, afirma, e ao mesmo tempo um risco grande. A acumulação de atividades dentro de uma editora independente é uma tendência contemporânea, que diz considerar positiva, sem explicar detalhes das suas atribuições de escritor e editor. Evita burocracias e permite que os autores publiquem em outras editoras, procura “facilitar ao máximo a vida do autor e os seus direitos”.

Em *As Regras da Arte*, (Bourdieu, 1992: 175) diz que: *enquanto a recepção dos produtos ditos ‘comerciais’ é quase independente do nível de instrução dos receptores, as obras de arte ‘puras’ são acessíveis apenas aos consumidores dotados da disposição e da competência que formam a sua apreciação*. A Circuito funciona para atender a uma demanda de produtores e estudiosos de arte capazes de se relacionarem com estas obras estético e instrutivo, onde o ciclo de produção e consumo começa e termina no mesmo ambiente de convívio dos produtores. O catálogo da editora Circuito é composto por artistas e intelectuais que escrevem para seus pares.

A inclusão de *Rasga-Mortalha* no catálogo da editora Circuito é uma aposta para Renato por se tratar de *um poeta interessante, que trabalha a poesia com muito apuro*”, para ele o livro não é rentável e que sua publicação ocorreu devido a responsabilidade do autor pelo custeio de sua edição. Lemos afirma que Renato leu sua poesia, recomendada por

²⁶ A Gentil Carioca é uma galeria de Arte Contemporânea localizada na Praça Tiradentes na cidade do rio de Janeiro.

²⁷ Sergio Cohn é escritor e editor, dono da Azougue, uma editora independente de pequeno porte.

Ricardo Vieira Lima, crítico literário e amigo de Lemos, e teve a intenção de publicá-lo porque, na visão de Lemos, ele percebeu que sua poesia valia a pena, que não era ingênua ou artificial ou *mais uma banalidade dessas que são lançadas a torto e a direito*, diz o autor.

3.2 A publicação do primeiro livro

W. B. Lemos tem seu olhar despertado para a poesia contemporânea – Cláudia Roquette Pinto, Alberto Pucheu, Marcos Siscar – quando conhece um dos seus melhores amigos, o poeta e crítico literário, Ricardo Vieira Lima. Antes Lemos gostava dos clássicos da literatura universal, lia de Dostoievsky, a Drummond. A Lemos percebeu, ao conversar com Ricardo sobre seus poemas, que poderia um dia entrar para a “roda de conversa” que existe entre os autores que ele conhecia, para tal deveria publicar o seu livro tendo a chance de ser um artista que poderia “falar” no seu tempo sobre as obras que o rodeavam, este era o seu desejo.

Lemos considerava o lançamento do seu livro como uma tomada de posição simbólica que poderia lhe proporcionar, diante de um campo formado por artistas contemporâneos que ele admirava, uma possibilidade de reconhecimento pelos membros desse clube, caso seu livro fosse publicado por uma editora respeitada neste nicho do setor editorial. No entanto, apenas o ato da publicação de um livro não garante para um autor a chancela destes membros para a possibilidade de “conversa” no interior de um campo de autores consagrados, Lemos precisaria ser apresentado a este grupo, ele precisaria ter uma posição a oferecer, ganhando prêmios ou batendo recorde de vendas, por exemplo, o que não aconteceu, Lemos deveria compartilhar do seu *habitus*. O escritor explica que gostaria que a sua obra permanecesse, que atravessasse gerações e se incluísse entre os seus ídolos. No entanto, *Rasga-Mortalha*, como a maioria das publicações incluídas nos 84%, de acordo com a CBL, circula em dimensões quase “invisíveis”, são obras distribuídas de mão em mão, oferecidas como presente para amigos, são vendidas através de blogs ou vendidas na rua, ou mesmo, permanecem encaixotadas na casa do autor após o lançamento.

A editora Cosac Naify publicava a revista de poesia *Inimigo Rumor*²⁸, onde Lemos havia publicado seu primeiro poema em 2005. Sua participação foi resultado da sua

²⁸ Texto: "Memento d'Ângelo" na Revista *Inimigo Rumor* n° 17, ano 2005.

experiência na oficina literária de Carlito Azevedo²⁹ na UERJ em 1999. Lemos afirma que *quando eu tive meu primeiro texto publicado, de alguma maneira foi um reconhecimento e um valor literário sobre algo que eu escrevi*, foi uma experiência de publicação coletiva que carregava um poder de distinção sobre a sua trajetória ao se tratar da sua inclusão em uma revista editada por intelectuais consagrados no meio da poesia contemporânea e, ao mesmo tempo, representava que a seleção de seu texto por Carlito Azevedo – depois de cinco anos da sua participação na oficina Literária – marcou Carlito, positivamente. A publicação na *Inimigo Rumor* pode ter significado uma apresentação sua no circuito atual de literatura, sendo um bom antecedente que lhe causaria boa impressão, como uma carta de referências, ou de recomendação, diante da possibilidade de publicação do seu primeiro livro na editora Circuito.

O desejo de publicação de Lemos era constituído de alguns critérios para sua realização pois, para ele, não bastava ter um livro em mãos, ele gostaria de ter um bom livro, editado com capricho, que atendesse as exigências estéticas recorrentes no meio ao qual ele gostaria de interagir. Esta publicação precisaria ser editada por um artista que entendesse de poesia contemporânea para poder corrigir, selecionar e saber reconhecer as qualidades dos seus poemas, finalizando o livro. Lemos procurava editor que ele respeitasse pelo “bom gosto”. Ele afirma que sua estreia acontece tardiamente”, aos quarenta e dois anos de idade, afirmando que tal fato lhe exigiria ainda mais cuidados com a edição, dizendo: *quando você estreia com essa idade acho que é natural querer que este resultado artístico tenha certas características relacionadas a beleza, ao bom gosto, a um certo refinamento*. Lemos não gostaria que sua obra fosse confundida com as primeiras publicações juvenis que ocorrem sem muito cuidado, por isso também o autor esteve trabalhando durante sete anos na composição dos poemas de *Rasga-Mortalha*.

Ricardo Vieira Lima pensa que nunca foi tão fácil publicar um livro, seja impresso ou virtual. Ele afirma existirem centenas de pequenas editoras espalhadas por todos os cantos do país possibilitando a realização de projetos de publicação para novos escritores. Mas demonstra também uma preocupação de crítico quando aponta que *a facilidade é tão grande, que infelizmente chega a interferir na questão da qualidade*, deste modo, Ricardo cita um trecho do livro *Lira dos Sentidos*³⁰, publicado conjuntamente ao de Lemos: “Há mais livros

²⁹ Carlito Azevedo é um editor, crítico e poeta brasileiro que ministra cursos de formação poética e oficinas literárias em algumas instituições como, por exemplo, na Estação das Letras (Instituição analisada no Capítulo 1 desta dissertação).

³⁰ Trecho retirado do livro “Lira dos Sentidos” de Carlos Henrique Costa. “DAS PUBLICAÇÕES”. Página 94, Editora Circuito, Rio de Janeiro, 2014.

publicados do que escritos” e “há mais livros escritos do que lidos”. De todo modo, estas frases resumem um aspecto da conjuntura atual da produção literária no país, demonstrando a facilidade em publicar livros que, no entanto, enfrentam dificuldades de venda e não atendem, necessariamente, às demandas de consumo, nem a critérios convencionados pelos críticos sobre qualidade literária, afirma Ricardo.

Lemos diz ter pensado, de início, em procurar a editora 7Letras para publicar o seu livro, pois ela já vem lançando nomes importantes da poesia contemporânea como Claudia Roquette Pinto, Guilherme Zarvos e Nuno Ramos, e possui uma relevância no mercado editorial e no contexto das premiações como no Prêmio Jabuti e B.N. No entanto, de acordo com Lemos, a 7Letras já vem apresentando algumas dificuldades em receber originais, por exemplo: a procura pela editora vem se tornado enorme, ocasionando uma falta de atenção a autores iniciantes, o que na opinião de Lemos faz com que ela perca a chance de descobrir talentos como ela vinha fazendo nos últimos anos e, sendo assim, afirma ter pensado em outras possibilidades devido às dificuldades iniciais encontradas de contato com a 7Letras.

Ricardo Vieira Lima apresentou W. B. Lemos para Renato Rezende, seu conhecido há mais de quinze anos no meio literário carioca. Ricardo afirma que *independentemente da sua atividade editorial, Renato é um dos melhores poetas da nossa geração. Conheci-o, de fato, como poeta, e logo ficamos amigos. Aprecio muito a sua obra*, e diz que foram apresentados um ou outro pelo poeta Alberto Pucheu. Quando soube da criação da editora Circuito, em 2010, encontrou Renato e pensaram na ideia da publicação de seu livro. Lemos teve a chance de entrar em contato com uma editora que recebeu seu original das mãos de uma pessoa que poderia pôr seu texto em uma posição de destaque diante do editor; Lemos foi apresentado por seu amigo Ricardo diretamente à Renato Resende, em uma relação que não oferecia as dificuldades observadas por Lemos diante da tentativa de contato com a editora 7Letras, por exemplo. Lemos e Carlos Henrique Costa foram apresentados ao editor e dono da Circuito sob a chancela de Ricardo, assinando contrato de publicação dos seus livros em 2014.

A edição de *Rasga-Mortalha* foi custeada pelo autor, Lemos afirma que a editora se esforçou para viabilizar a publicação para que nenhum deles tivesse tantos gastos, destacando que *um livro de poesia é prejuízo do ponto de vista mercadológico porque é um grupo muito pequeno de pessoas que lê poesia e é menor ainda o que lê poesia contemporânea, é como se os poetas contemporâneos publicassem para serem lidos por seus pares*. O aspecto comercial da cobrança da editora Circuito foi muito minimizado, Lemos diz que houve uma relação de confiança mútua e tranquilidade quanto ao cumprimento dos prazos de pagamento em parcelas do valor acertado, 18 mil reais por uma tiragem de 400 exemplares.

O relacionamento entre autor e editor foi perdendo o caráter da formalidade, prática comum em editoras de pequeno porte onde a equipe editorial conhece os escritores do catálogo. Lemos diz que o contrato foi redigido por Renato e depois lido conjuntamente e analisado; ambos fizeram algumas modificações em cláusulas diversas, até chegarem a um consenso sobre o projeto da publicação no período aproximado de quatro meses, desde a assinatura do contrato em abril e lançamento do livro em setembro de 2014. Para Lemos, Renato trata o seu trabalho de poeta e editor em uma constância onde a interação das duas atividades resulta na possibilidade de gestão da editora sem tanta burocracia, pois não percebe Renato Rezende como um proprietário ou administrador que esteja publicando exclusivamente preocupado com o lucro, afirmando ainda que é possível que a Circuito não tivesse nenhuma vantagem financeira com a publicação de seu livro, lembrando que a sua edição exigiu materiais caros para capa e miolo e ilustrações coloridas³¹ que, além de valorizarem a edição, aumentam o valor da publicação.

O contrato de publicação do livro *Rasga-Mortalha: Poema dos Outros* pela editora Circuito obedeceu às seguintes cláusulas:

1 – Direito exclusivo de edição e publicação da obra em formato impresso. Dependendo da prévia autorização da editora para a publicação em outros formatos, como digital;

2 – O autor compromete-se a não contratar nenhuma outra edição, nem dispor da obra sem acordo e autorização da editora, durante o prazo de vigência deste contrato;

3 – O autor declara a exclusiva autoria da obra, bem como a sua autenticidade, e garante que está habilitado a dispor dos seus referidos direitos autorais sem nenhuma violação de direitos de terceiros;

4 – Como pagamento dos direitos autorais, o autor receberá a quantidade equivalente a 90% da tiragem de 400 exemplares. Os exemplares serão entregues ao autor acompanhados de nota de remessa;

5 – A editora poderá distribuir gratuitamente exemplares da obra a título de divulgação, até o máximo de 10% de cada tiragem, não incluindo direitos autorais sobre tais exemplares;

³¹ As ilustrações do livro foram feitas pelo artista Rodrigo Barrales, amigo de W. B. Lemos.

6 – O autor poderá, a qualquer tempo, adquirir, na editora, exemplares da obra com desconto de 50% sobre o preço de capa. A fixação do preço de capa e a sua atualização ficam a critério do autor;

7 – O presente contrato vigorará pelo prazo de 12 meses, contando a partir da publicação e entrega ao autor dos exemplares que lhe couberem da obra, renovando-se automaticamente pelo mesmo período, desde que as não se manifestem pelo contrário, por escrito, com a antecedência de 60 dias do término do contrato, ou renovando-se após o período acima citado, mediante acordo entre as partes, podendo a editora publicar tantas edições ou reimpressões quantas desejar durante este período, desde que os direitos autorais sejam renegociados;

8 – A editora deverá publicar a obra dentro do prazo máximo de 4 meses, a contar da data de assinatura deste contrato;

9 – O autor deve entregar para a editora Circuito no prazo estipulado (dois meses antes da primeira data possível de lançamento) todo o conteúdo do livro (textos e imagens, quando houver), revisado e ordenado para diagramação;

10 – O projeto gráfico obedecerá às sugestões do autor dentro das possibilidades padrão de gráfica e papel (tamanho padrão, orelhas, papel do miolo Pólen Bold 90g/m², capa 4 cores, miolo PB, tipo do texto Walbaum 14/13). Eventuais elementos fora do padrão serão orçados separadamente;

11 – O autor receberá o pdf final do livro para aprovação e poderá fazer, no máximo, 6 alterações no conteúdo do texto, a seu desejo, ou quaisquer emendas necessárias, decorrentes de equívocos cometidos pela editora durante o processo de diagramação, assinalando-as no próprio pdf;

12 – O autor pagará à editora Circuito, pelo serviço completo de edição, a quantia de R\$ 18.000,00 até trinta dias após a data de o livro entrar em gráfica;

13 – O autor autoriza a editora a negociar os direitos autorais da obra em outros idiomas, e em qualquer meio de comunicação que não seja o livro, desde que lhe seja dado conhecimento prévio, em cada caso, das condições tratadas e estas obtenham a sua concordância. Resguarda-se o autor, contudo, quanto ao direito de negociar a adaptação da obra para outros meios ou os direitos de sua publicação no exterior sem intermitência da editora, desde que para tanto obtenha a sua concordância.

3.2.1 Dedicatórias

Lemos dedica alguns dos 38 poemas de *Rasga-Mortalha* à célebres da literatura contemporânea carioca. Estas dedicatórias são homenagens que o autor gostaria de prestar aos seus escritores favoritos. O autor revela que ao terminar de selecionar os poemas para o livro procurou algumas pessoas que confiava e admirava, literariamente, para opinarem sobre a sua qualidade; dentre eles estava o professor João César de Castro Rocha, seu orientador no Doutorado e o escritor e professor Ítalo Moriconi, que também leciona no seu departamento. Os poemas elogiados por estes professores foram, então, dedicados a cada um deles. Lemos também procurou o escritor e professor do departamento de Letras da PUC Rio, Paulo Henriques Brito escolheu como melhor poema e que viria dar no nome do livro, “*Rasga-Mortalha*”. Lemos diz que:

Ele foi simpático, acho até que ele ficou um pouco surpreso né, alguém com três exemplares de autoria dele levando para ele autografar, ele foi gentil e receptivo. Eu fiquei agradecido ao Paulo pelo comentário porque eu não era alguém das relações dele, um aluno dele ou algo assim e o fato dele ter gostado muito do poema e a percepção que ele teve do meu livro foi importante no meu processo de elaboração, ele sugeriu que eu retirasse dois ou três poemas em prosa que ele achava que não estavam à altura do conjunto.

Outra dedicatória foi feita para Renato Rezende, durante o processo de publicação do livro, Lemos diz o seguinte:

Quando eu mostrei para o Renato, era um dos últimos poemas inclusos no livro, isso já no processo de edição, já finalizando alguns poemas, mas trabalhando ainda em alguns deles e o Renato quando leu este poema que é o “*Senhor Pestana, o perpétuo*”, ele já havia lido praticamente todo o livro e disse que gostaria muito de ter escrito este poema. Renato é um poeta que eu já admirava e eu fiquei feliz de ouvir alguém que eu admiro dizendo que gostaria de ter escrito um poema meu, eu naturalmente acabei dedicando.

Também dedicou poemas aos seus amigos Ricardo Vieira Lima, quem o apresentou à editora Circuito, e a Carlos Henrique Costa, que dividiu contigo o evento de lançamento dos seus livros. O livro *Rasga-Mortalha* foi dedicado à “*Namorada, minha Caroline*”, os poemas “*Senhor Pestana, o Perpétuo*” para Renato Rezende; “*Eu, Whitman em pessoa, breve biografema*” para Ítalo Moriconi; “*Passeio completo, esporte fino e andrajos*” para Carlos Henrique Costa e Ricardo Vieira Lima; “*Index*” para Ivan Junqueira e “*Calaveras Desposadas*” para João Cezar de Castro Rocha.

3.2.2 O escritor-funcionário

De acordo com Sergio Miceli em *Os Intelectuais à Brasileira*, existe no Brasil um caso típico de escritores-funcionários aquele que busca unir no trabalho intelectual a satisfação de poder escrever criativamente e a segurança da remuneração e reconhecimento social. Em escritórios que são aparatos da criação literária, esta que demanda um suporte exterior para a sua manutenção. Poucos escritores, tradicionalmente, e no Brasil, se profissionalizam e se sustentam de literatura, recorrendo a outras ocupações para se manter. Os escritores, historicamente, precisam de uma segunda atividade que lhes garanta a sobrevivência e segurança financeira. O ambiente do escritório de repartições públicas serve de ateliê e biblioteca para alguns autores que procuram estes espaços como subterfúgio; (MICELI, 2001: 195-6) diz tratar-se de um mercado de postos públicos, cita Carlos Drummond de Andrade em “Passeios na ilha” (pp. 658-9), dizendo o seguinte a este respeito:

Observe-se que quase toda a literatura, no passado como no presente, é uma literatura de funcionários públicos. Nossa figura máxima, aquela que podemos mostrar ao mundo (...) foi um diretor geral de contabilidade do Ministério da Viação, Machado de Assis. O que talvez só um escritor-funcionário, ou um funcionário-escritor, seja capaz de oferecer-nos, ele que constrói, sob a proteção da Ordem Burocrática, o seu edifício de nuvens, como um louco manso e subvencionado.

Ricardo Vieira Lima e Carlos Henrique Costa trabalham na mesma repartição que W. B. Lemos, são funcionários do Tribunal da Justiça do Rio de Janeiro. Juntos, os três escreviam para a revista *Interação*, uma publicação do órgão oficial do TJRJ. Ricardo diz ter conhecido Lemos em fevereiro de 2009, quando pediu transferência de setor, ele afirma que apesar da sua formação jurídica, sempre gostou de literatura e escreve desde os dez anos de idade. Neste ano, Ricardo foi transferido para a área de jornalismo – uma vez que também é jornalista profissional –, e conheceu Lemos na redação da revista, tornando-se amigos. Ele diz:

Trabalhamos no mesmo setor até o final de 2012 e, nesse período, escrevemos várias matérias para a revista do TJ, mas, simultaneamente, trocamos informações e impressões de leituras, escrevemos muita poesia, lemos criticamente a produção literária um do outro, enfim, a partir dessa amizade, nos “profissionalizamos literariamente”: Lemos entrou para o mestrado em Literatura Brasileira na UERJ, e hoje cursa o doutorado na mesma universidade. Criou o personagem Esperando Leitor e lançou seu primeiro livro, *Rasga-mortalha – poemas dos outros*. Eu também fiz mestrado em Literatura Brasileira na UERJ e, hoje, sou doutorando na UFRJ. Meu livro *Aríete – poemas escolhidos* sairá até o fim deste ano. Na área da performance, criamos um coletivo, o “Poesia na Justa Medida”, que é formado por mim, pelo Lemos e pelo Carlos Henrique Costa, outro colega do TJRJ que também é poeta, além de cantor e compositor.

Se por um lado, Ricardo Vieira Lima recomendou a obra de W. B. Lemos para o editor da Circuito, Carlos Henrique Costa proporcionou-lhe o prazer do lançamento conjunto dos seus livros – contribuindo para a lotação da casa –, e uma declaração em homenagem à sua trajetória de escritor e ator, criador do personagem literário “Esperando Leitor”, em “sobre o autor” na última página de *Rasga-Mortalha: poemas dos Outros*:

Todos os livros, muitos, não cabem no pai,
mesmo biblioteca de oráculos sendo.
Obras-primas inúmeras estão à espera.
Ânima singular, batismo plural: Lemos.
Em flerte permanente com a erudição,
teve com ela um filho: Esperando Leitor.
Não poderia haver mais dedicado assecla.
Carcado de volumes, clássicos e opúsculos,
paciente incurável de literatite,
espirra Scliar, Shakespeare, Nietzsche, Miller, Milton...
O nariz furta-cor é um reflexo das páginas.
Quincas, seu fiel escudeiro transeunte,
e a escadaria de ladrilhos nos confirmam:
Esperando Leitor guarda a saga de Lemos.

3.2.3 A Universidade

O campo acadêmico poderia ser o responsável pela chancela das produções literárias por se tratar do espaço das formulações de conhecimento especializadas sobre obras literárias e sobre movimentos e trajetórias de escritores, estando então, numa posição de dominação com relação à crítica e a admissão de obras e autores. As adequações as quais estas obras e autores poderiam possuir para atender aos requisitos formulados por este campo seriam advindas de uma rede de relacionamentos interiores ao próprio convívio acadêmico, onde a conduta de cada crítica ou chancela estivesse ligada aos pressupostos de funcionamento da universidade. No entanto, não é pressuposto para a atividade de escritor frequentar o espaço acadêmico e a maior parte dos produtores de literatura atualmente não estão relacionados a este meio, nem mesmo os consumidores de literatura. Caso a maioria dos autores frequentasse a universidade para delas adquirirem e compartilharem seu *habitus*, seria possível, então, a existência de um campo literário regido por produtores de textos e críticos especializados. Mas em que esfera de consagração se enquadrariam os autores que rejeitam a universidade? Os autores que optam por permanecerem em âmbitos particulares de produção? Eles não obteriam a chancela e o reconhecimento desse possível campo literário acadêmico? Que outra esfera lhes consagraria?

Não existe uma rivalidade entre a produção de obras comerciais e de obras de cunho intelectual, os agentes envolvidos nas linhas editoriais que dizem respeito a estas duas produções pouco disputam vendas ou postos de prestígio na cadeia de produção do livro porque os órgãos responsáveis pelo reconhecimento destas obras residem em esferas diferentes. Existem os prêmios que concedem méritos a um seguimento específico de produção – aquela comprometida com a qualidade literária e com a contribuição crítica da obra – e as listas dos mais vendidos das redes de grandes livrarias que consagram obras de entretenimento de grandes editoras, os *best selles*. Esta relação de distinção entre a produção e gestão de “literatura de massa” e “literatura culta” foi analisada por Munis Sodré no livro *Best-Seller: A literatura de mercado*, onde o autor diz o seguinte:

A literatura de massa não tem nenhum suporte escolar acadêmico: seus estímulos de produção e consumo partem do jogo econômico da oferta e procura, isto é, do próprio mercado. (...) os textos que estamos habituados a considerar como cultos ou de grande alcance simbólico, são institucionalmente reconhecidos (por escolas ou quaisquer outros mecanismos institucionais), e os efeitos desse reconhecimento realimentam a sua produção. (SODRE, 1988: 06)

O espaço de consagração das obras de entretenimento é, historicamente no Brasil, o jornalismo popular e sua crítica literária que promove as listas dos mais vendidos resenhando livros para os principais jornais do país. Esta percepção das esferas de dominação do campo de consagração de obras e autores é analisada por Sergio Miceli na época da República Velha, onde o autor poderia identificar as instituições que conferiam posições de prestígio entre os literatos deste período. (MICELI, 2001) analisa a transferência do *habitus* organizador do campo literário brasileiro da academia para a imprensa, esta que nunca deixou de disputar o espaço da crítica literária desde as primeiras publicações distribuídas pelos editores Laemmerts, Garnier e Francisco Alves no período da belle époque carioca, nos anos de 1900.

Brito Broca descreve a vida literária no Brasil relacionando o lugar da chancela intelectual conquistada por autores de fins do século XIX às suas relações e posições sustentadas em ambientes como a Rua do Ouvidor, a Confeitaria Colombo, salões e botequins onde frequentava a boemia. Neste período, diz (BROCA, 2004), os autores estavam autorizados a participar das redes de contatos literários se pertencessem a algum movimento artístico ou se fossem recomendados por algum membro.

A partir da década de 1940 com a fundação da José Olympio e da Civilização Brasileira, editores “bem formados” academicamente e dotados de cultura geral estiveram à frente das publicações, com linhas editoriais de teoria, política e literatura universal e brasileira comprometidas com um cunho intelectual e político. Editoras como a Zahar e a

Perspectiva também publicam obras que atendem à demanda acadêmica, no entanto, não são classificadas como universitárias porque não são institucionais e não estão ligadas a nenhuma universidade. Já as editoras puramente universitárias, atendem a critérios de produção diferentes das editoras com editores formados na academia, como os últimos citados; de acordo com Jacó Guinsburg, fundador da editora Perspectiva e ator na coletânea *Livros, Editoras e Projetos*:

As primeiras editoras universitárias começaram a publicar na década de 1960, dirigidas fundamentalmente para a produção do campus. Como tem de penetrar em áreas onde a lucratividade está fora de questão, devem correr certos riscos e contar com certa margem de perda. Seus diretores não precisam demonstrar grande habilidade como administradores. Sua política deve, antes, estar voltada para o atendimento didático de certas áreas e para a comunidade universitária. (GUINSBURG, 1999: 30).

Considerando esta relação de indeterminação das posições de dominação de instituições consagradas de literatura no Brasil, a trajetória do caso de publicação do livro de W. B. Lemos contribui para este debate porque transita entre as esferas da academia, do trabalho institucional e de círculos particulares de amizade. Lemos cursa o Doutorado em Literatura Comparada na UERJ sendo aluno do escritor Ítalo Moriconi que possui obras publicados por um dos maiores grupos editoriais brasileiros que é a Companhia das Letras. Ítalo reconhecendo a obra de Lemos como merecedora do prestígio de suas declarações, que são distintivas no meio literário acadêmico e não acadêmico, escreve a orelha de *Rasga-Mortalha*, dizendo: *é trabalho de um poeta autêntico, aplicado, amadurecido na busca de linguagem própria.*

Seu professor e orientador no Mestrado em Literatura Brasileira, na mesma instituição, e do Doutorado, João Cesar de Castro Rocha, recebe o original da obra de Lemos e contribui com as declarações de Ítalo. Lemos afirmou que ao entregar seu original para João Cesar ouviu de seu orientador que ele só escreveria algo caso realmente gostasse porque além de professor ele também atuava como crítico, fazendo de sua declaração uma responsabilidade profissional. Assim diz sua apresentação em *Rasga-Mortalha* sobre as influências da sua escrita:

Os poemas aqui reunidos revelam um leitor obsessivo, à espera de Beckett e Godot; Fernando e suas múltiplas pessoas; Baudelaire e seus passantes; Blake e suas iluminações; Drummond e a vocação pelo avesso; Murilo Mendes e o universo surreal; Mário de Sá-Carneiro e o não sentido como modo de próxima inexistência; Leminski e sua dupla inscrição popular e erudita; Machado e o além, da prosa; Gertrude Stein e a impossibilidade da impossibilidade; Bukowski e o fracasso como projeto exitoso; Platão/Sócrates e a porta-voz oportuna, Diotima; etc., etc., etc.” (p.12) e “Exercícios poéticos como desdobramentos de exercícios de leitura: eis a potência de Rasga-Mortalha.

Lemos diz ter certeza sobre o que foi escrito por seus dois professores a respeito da qualidade do seu livro. Ele afirma que estas declarações, ao mesmo tempo, o tornam convicto de que houve critério e isenção e diz que se não fosse assim ele não gostaria, confiando na sinceridade da disponibilidade dos acadêmicos em avaliarem e apostarem em sua obra, “assinando em baixo”, comprometendo os seus nomes com a circulação desta publicação. Lemos diz sobre a conquista destas declarações:

Quando o Ítalo fez uma leitura inicial do meu livro, ele disse que se distanciava muito de certas concepções poéticas dele, da estética com a qual talvez ele tenha maior familiaridade e pela qual ele tenha certa predileção. Eu achei que ele não fosse escrever a orelha, mas ele me surpreendeu. De alguma maneira o livro o conquistou, eu não sei como, eu não sou amigo do Ítalo Moriconi, eu não sou amigo do João Cesar de Castro Rocha.

A chegada do original de *Rasga-Mortalha* às mãos de Renato Rezende, editor da Circuito, já se deu com a inclusão dos textos de Ítalo e João Cesar para a orelha e apresentação do livro. No catálogo da editora Circuito muitas obras são de autoria e organização de professores universitários, inclusive da UERJ, mesma instituição onde Lemos estuda e se relaciona academicamente com estes dois escritores. A interlocução entre a obra de Lemos e a assinatura de seus professores construiu pontes relacionadas à confiança literária conferida ao livro deste autor. Além da recomendação do crítico Ricardo Vieira Lima o original de “Rasga-Mortalha” também chegou às mãos de Renato acompanhado da chancela simbólica da academia. As tramas que conduzem à publicação deste livro não retiram a sua potencialidade, mas colaboram para a sua aceitação em uma esfera especializada de admissão de obras e de autores.

3.2.4 A rua

O excêntrico Esperando

I

A ti me perdoo –
que assim mesmo me vês,
xamânico ímã,
desindo sem canto.

Sob vário disfarce,
eu sempre chegando,
por nada exemplar,
tresmalhado bufão.

Sibilino-oracular,
um outro é o que sou –

santo barroco, boneco de pau,
lance de dados, reverso clochard.

II

Exilado de si,
sobrevive, desnudo,
ao desabrigo perpétuo,
o anti-herói vagabundo:

dodô volatim em ação,
baobá filhote extirpado,
cavaleiro a pé sem cabresto,
andarilho de nariz transtornado;

ágrafo-brincante – leitor
(ou de autoria nem dística),
vira-lata encharcado,
a rir sem-vergonha de ruim.

W. B. Lemos, Rasga-Mortalha: Poemas dos Outros

Se Lemos escreve, *Esperando* lê. São dois pseudónimos que se completam em atividade literária de um autor que também é ator e mistura a personagem ao seu convívio diário nas ruas da cidade do Rio de Janeiro. Este estudo de caso privilegia a sua atuação como escritor e não se compromete em analisar a figura teatral. No entanto, “Esperando Leitor” é analisado, assim, por sua intervenção literária constante que contribui para a distribuição do livro de Lemos nas ruas e para a abertura de alguns contatos que, na época do lançamento, ajudaram a promover o livro. Lemos disse que seu trabalho no escritório era uma espécie de “disfarce social” que lhe garantiria o sustento para que ele pudesse ser quem era, um ator escritor no tempo livre.

“Esperando leitor” é uma personagem criada por Lemos na época em que ele frequentou a escola de teatro Martins Pena no Rio de Janeiro. Sua existência data de 2010, continuando ativa, indeterminadamente. Um bufão, palhaço, clown, flaner, vagabundo, andarilho, anti-herói, leitor e distribuidor de fragmentos de textos literários aos passantes do centro da cidade. Esperando veste um nariz azul, coletes, bengala e uma caixinha de dobradura japonesa (origami) feita de cartão *Mica*, ou “oráculo” (assim chamada por ele) contendo uma série de misteriosos textos ocultos em papezinhos dobradinhos misturados, como em um sorteio de amigo oculto. Esta distribuição é gratuita e ocorre quando, por acaso, alguém se comunica com ele, nos seus momentos de leitura ou na escadaria Selarón, na Lapa, ou em algum meio fio de calçada das ruas do centro ou em saraus diversos frequentados por *Esperando*. Sendo uma intervenção urbana diária que assume a forma de uma contínua

performance interativa de prática disseminatória da leitura e discussão de todas as formas de literatura brasileira e estrangeira:

Mas creio que eu, Esperando Leitor, já estava sendo, há muito tempo, gestado como um ser ficcional, nutrido pela leitura (principalmente Pessoa, Machado, Kafka, Dostoiévski, Beckett e Cervantes, além dos Evangelhos e o Eclesiastes), pela cinefilia (Chaplin, Buster Keaton, Irmãos Marx, Os Três Patetas, O Gordo e o Magro, Woody Allen, Fellini, Kubrick, etc.) e pela experiência formativa teatral (em que o contato com Shakespeare, ou mais precisamente com o seu Hamlet foi crucial) e de palhaçaria (adquirida com Marcio Libar e Ana Luisa Cardoso e como espectador, desde 2009, do Festival Internacional de Palhaços Anjos do Picadeiro).

Na orelha de *Rasga-Mortalha*, no trecho que apresenta o autor, um texto afirma que “W. B. Lemos não é Esperando Leitor”, mostrando, no entanto, uma caricatura pintada à guache da personagem e um resumo das atividades acadêmicas exercidas pelo escritor. Os pseudônimos se misturam neste momento, e não por acaso, Esperando Leitor é mais conhecido do que W. B. Lemos que surgiu para assinar o livro e “despistar” o seu nome de batismo. A apresentação do seu orientador de doutorado João Cesar de Castro Rocha se remete ao escritor como “Esperando leitor” ao dizer: *Esperando Leitor renova metodicamente seu repertório e Esperando Leitor evoca o narrador proustiano.*

Ora Lemos, ora Esperando, o que não parece ser um pseudônimo comum entre escritores como Fernando Pessoa, por exemplo, que separava claramente o conjunto da sua obra através dos seus pseudônimos, no caso da edição de *Rasga-Mortalha*, esses nomes convivem, numa confusão de identidade não programada pelo autor, nem pelo editor do livro, nem mesmo sendo uma espécie de tática comercial para causar polêmica e curiosidade sobre quem de fato é o autor do livro. Isto acontece devido a uma necessidade objetiva de respaldar a publicação com uma assinatura real, sendo as iniciais do nome do autor, e ao mesmo tempo contemplar as relações de figura pública do exercício teatral do autor, que contribuíram para a publicação do livro pela sua notoriedade entre apreciadores de literatura que conheciam a sua dinâmica teatral e que a reconheceriam assinando o livro também.

Lemos havia dito para algumas pessoas nas ruas que estava prestes a publicar um livro e que haveria um lançamento, o autor fez a promoção da publicação do seu livro em ocasiões onde ele estava caracterizado de *Esperando Leitor*. Ele começou a anunciar a data e o local e as pessoas confirmavam presença. Lemos diz: *Eu não tenho nenhuma dúvida que um certo número considerável de pessoas foi ao lançamento e tem interesse em ler o que eu publiquei porque já sabia desse meu exercício de difusão, de propagação, de proliferação de literatura, e ainda:*

Essa ação, estética, ética e política (no sentido socrático e/ou platônico do termo) apresenta a leitura como forma vida; a leitura como vivência de uma segunda natureza; leitura como modo de existir mais e melhor; ler como forma de ser, e de interpretar vivências; ler como maneira de conviver com o outro, compartilhando pensamento e afetos.

Figura 5 – Esperando Leitor em performance na Escadaria Selarón.



Fonte: Foto cedida pelo Esperando Leitor em 2015.

Figura 6 – Figurinhas da Lapa de Ota Assunção.



Fonte: Foto cedida pelo Esperando Leitor em 2015.

Para ele, as pessoas já associavam o seu exercício teatral a imagem de um poeta vagante pelas ruas, ainda que sua personagem seja um “ser clownesco”, um palhaço. No dia da entrevista, Lemos – que vestia o nariz azul – disse conceber o seu contato com o mundo sob este seu aspecto fantasioso: a minha existência como palhaço ela entremeia, ela integra visceralmente todo esse processo de edição, de editoração, publicação, não se desvincula, está intimamente relacionada.

3.2.5 Lançamento

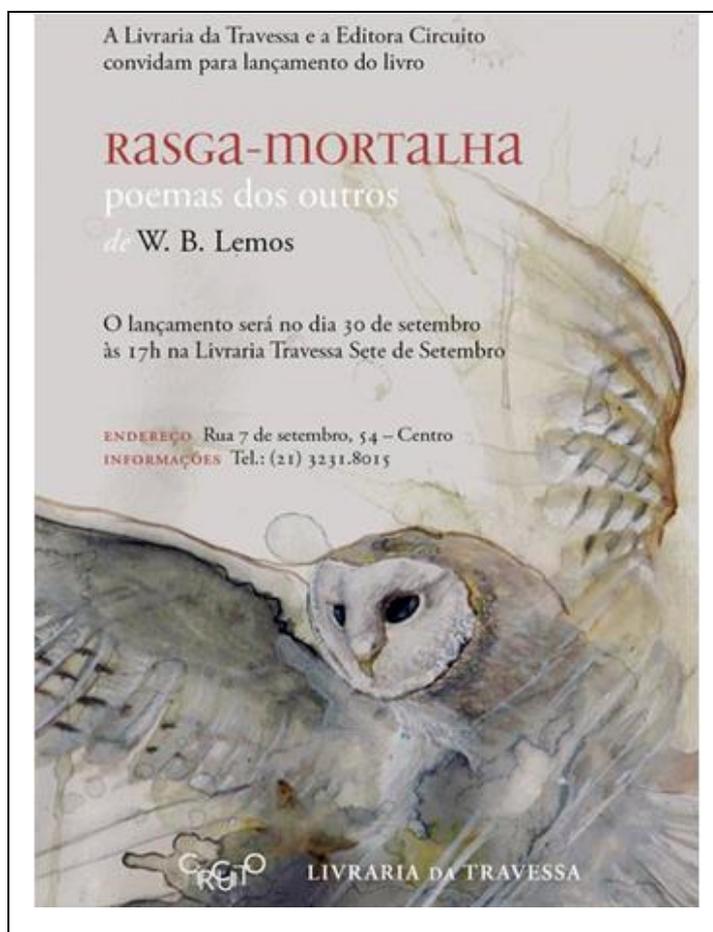
Rasga-Mortalha foi lançado no dia 30 de setembro de 2014 na Livraria da Travessa, filial 7 de setembro, na cidade do Rio de Janeiro em um evento conjunto que também lançava o livro *Lira dos Sentidos* do autor Carlos Henrique Costa. O processo de edição dos seus livros foi concomitante, os autores se conheciam anteriormente em relações de trabalho e no gosto pela poesia. Lemos diz ter vendido uma média de 40 exemplares do seu livro neste dia, (a soma de vendas do livro de Carlos não me foi informada). Em torno de cem pessoas estiveram presentes no lançamento, incluindo o seu professor do Doutorado Roberto Assis – que adquiriu mais de um exemplar para presentear outro professor que não pode estar presente (José Luiz Jobim) –, Renato Rezende, seu editor, amigos, escritores e pessoas que conhecia das suas relações com a cidade na performance de *Esperando Leitor*. Pessoas que ele esperava que fossem, não foram e pessoas que ele esperava que não fossem, foram.

A escolha da Livraria da Travessa não foi por acaso, o autor diz ter uma relação afetiva com esta livraria por frequentá-la desde a sua fundação, há mais de dez anos, além disso, também é notório para ele que o lançamento de um livro que se pretende importante deve ocorrer em um lugar de prestígio do circuito da “boa literatura”. Lemos diz estar quase todos os dias lá, ele afirma que os funcionários o conhecem e que se sente como um “dependente químico” dentro desta livraria, declarando ser uma das únicas pessoas do Rio de Janeiro que recebe um “certo desconto” em suas aquisições porque compra diariamente, e afirma: *eu quis que fosse lá porque há também um valor simbólico, eu tenho consciência que um lançamento em uma livraria é prestigioso, um local de lançamento de livros que eu leio, dos professores da universidade que eu estudo, dos críticos que eu admiro.*

Alguns dias após o lançamento, Lemos perguntou para um dos funcionários da Livraria da Travessa sobre o seu livro e soube que vendia alguns poucos exemplares e que estava em um lugar de destaque, junto com outros lançamentos daquela semana. *O livro estava bem localizado numa prateleira de estante bem visível, quando você lança um livro, a*

Livraria da Travessa dá certa prioridade. Os lançamentos ficam mais acessíveis, mas eu sei que já mudou de posição e foi para outros lugares da livraria.

Figura 7 – Cartaz de lançamento do livro *Rasga-Mortalha: Poemas dos outros*.



Fonte: Foto cedida pelo Esperando Leitor em 2015.

Figura 8 – Lançamento do livro *Rasga-Mortalha: Poemas dos outros*.



Fonte: Foto cedida pelo Esperando Leitor em 2015.

O livro está sendo vendido somente nesta livraria porque a editora Circuito não possui uma distribuição ampla em redes de grandes livrarias em um âmbito nacional. Lemos afirma que faz parte do jogo editorial lançar o livro em uma livraria, no entanto, diz não ser ingênuo com relação ao mercado do livro e percebe que o investimento que fez na publicação da sua obra dificilmente retornará financeiramente. Lemos está interessado no retorno social deste investimento, ele publicou o livro para dialogar com escritores e não para, simplesmente, comercializar um produto. O autor diz ter certo pudor em comercializar seu livro: *eu tenho certo pudor, eu tenho certas questões éticas que não me permitem ver com bons olhos um resultado artístico como um produto comercial, eu não sei como avaliar um objeto de arte. Por isso a minha dificuldade em vender.*

Para Lemos é difícil ver o seu livro com uma etiqueta de preço determinado pelo mercado editorial, para ele, seu livro não possui um valor comercial, sua produção atende a outra demanda. Esta relação se repete quando o sujeito em questão não é o autor, mas sim a pequena editora independente que produz seus títulos motivada por questões não convencionais ao mercado editorial, mas que necessita ter suas obras circulando comercialmente para que o seu investimento seja restituído. O escritor iniciante e a pequena editora transitam entre capitais simbólicos, ligados a motivação particulares da publicação e entre o capital econômico relacionado a distribuição e visibilidade das obras, deste modo, ainda não possuem uma esfera própria de sobrevivência que lhes permitam superar esta dualidade.

3.2.6 Promoção do livro

A editora Circuito possui uma profissional no seu corpo editorial responsável pela assessoria de imprensa, no entanto, W. B. Lemos não teve o lançamento do seu livro assistido por este serviço. Lemos não contratou assessoria de imprensa particular e a publicação do seu livro foi divulgada por sua própria conta nas redes sociais de internet e nas suas relações de convívio com pessoas nas ruas, no local de trabalho e estudo, entre a família e amigos, como ocorre com escritores iniciantes que não possuem uma estrutura de promoção das suas obras.

O lançamento de *Rasga-Mortalha* foi anunciado em uma notinha de canto de página do caderno *Verso e prosa* do jornal *O Globo* em um sábado, dia 27 de setembro de 2014, três dias antes do seu lançamento na Livraria da Travessa. A jornalista Mônica Martelli já o conhecia por ser amiga de sua irmã, por isso divulgou gratuitamente o evento. Lemos diz ter conseguido algum espaço neste jornal principalmente porque o livro havia sido apresentado para Mônica tendo o Ítalo Moriconi como orelhista e o prefácio do João Cesar de Castro rocha, dois escritores e críticos de renome, em sua opinião, estas duas assinaturas colaboraram para que os editores do caderno dessem atenção ao livro.

Outra promoção do lançamento de *Rasga-Mortalha* ocorreu na revista *Veja* no mesmo dia, 27 de setembro de 2014, pela jornalista Thayz Guimarães, em uma nota intitulada “Diversão”. Esta divulgação tem a ver com *Esperando Leitor*, que já havia abordado Thayz nas ruas da cidade. A jornalista recebeu o livro e por conhecer “Esperando”, ela já sabia, de acordo com o autor, do lançamento do seu livro e se lembrava do encontro que tiveram para falar de literatura, anteriormente. Lemos diz que esta foi uma feliz coincidência e que Thayz foi gentil e atenciosa, ao conversarem também sobre o seu exercício ficcional de teatro para além do evento do lançamento do seu livro.

Envolvido em uma rede de relações sociais ampla, a universidade, o escritório e a rua, W. B. Lemos viu a promoção do seu lançamento sendo conduzida por veículos da grande mídia nacional que, tampouco, a editora Circuito recorreria para divulgar alguma de suas obras. Quando Lemos diz terem sido frutos de coincidências, porque não tinha contratado assessoria de imprensa, também revela sua surpresa em ser promovido por mídias que lhe deram atenção, muito porque estas não divulgam informações relacionadas à publicação de obras que transitem fora do mercado editorial tradicional.

Por outro lado, Lemos distribuía a sua obra de mão em mão para personalidades que ele admirava da literatura contemporânea, como havia feito com o escritor Paulo Henriques Brito. Alguns escritores responderam com comentários particulares direcionados a Lemos

sobre o seu livro, como o poeta Alberto Pucheu e Antônio Carlos Secchin. Um destes escritores, o poeta, crítico e filósofo Antônio Cícero, respondeu publicamente sobre a qualidade do seu livro publicando em seu blog um poema de *Rasga-mortalha* chamado “Desdito” no dia 19 de setembro de 2014, mais de dez dias antes do seu lançamento, afirmando simbolicamente que havia um bom livro por vir.

A importância da publicação deste poema em seu blog – que funciona desde 2007 e possui 1342 seguidores – está relacionada a personalidade deste escritor que já alcançou na literatura contemporânea uma posição de consagração por possuir obras publicadas por grandes editoras de prestígio como a Companhia das Letras e a Civilização Brasileira, sendo incluído na antologia *Os cem melhores poemas brasileiros do século* organizada por Ítalo Moriconi, fato que revela uma possibilidade de atenção por parte de Antônio Cícero em considerar positivamente a obra de Lemos que fora apresentada por Ítalo. Lemos havia procurado por Antônio Cícero em uma palestra que ele daria no Oi Futuro de Ipanema antes do lançamento do livro, ele afirma que: *assisti a palestra que foi extraordinária, presenteei-o com o livro, ele foi simpático e me perguntou se, caso gostasse, poderia publicar algum poema no blog. Eu não sabia do blog do Antônio Cícero e eu fiquei contente.* Lemos diz ter ficado satisfeito também porque seu poema havia sido publicado em uma mídia que correspondia ao perfil da sua obra, que estava ao lado, virtualmente, de poetas que ele admirava porque nos mesmos dias Antônio Cícero havia publicado em seu blog um texto do escritor Paul Celan, um poeta que *Esperando Leitor* distribui nas ruas.

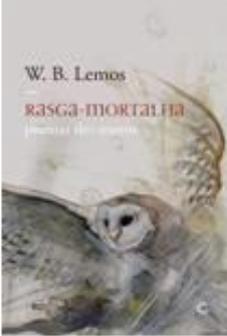
Figura 9 – Divulgação do livro no jornal O Globo.

O GLOBO

Sábado 27.9.2014

| **Prosa** |

Rasga-mortalha - Poemas dos outros
W.B.Lemos



POESIA
Ilustrações de Rodrigo Barrales. Ed. Circuito, 96 páginas.
R\$ 35

Mestre em Literatura Brasileira, Lemos estreia como autor nesta obra, na qual dialoga com escritores diversos, de Baudelaire a Leminski, como aponta o crítico João Cezar de Castro Rocha no prefácio.

Fonte: Jornal O Globo de 27 de setembro de 2014.

Figura 10 – Divulgação do livro na revista Veja.



DIVERSÃO

Os melhores passeios da semana

Feira de moda, lançamento de livro e outros passeios

Por: Thayz Guimarães 27/09/2014 às 00:00

Lançamento de livro

Poucos sabem seu nome, mas muitos já o viram distribuindo oráculos pela cidade. Em *Rasga-mortalha – Poemas dos Outros* (Editora Circuito; R\$ 35,00; 96 págs.), W. B. Lemos, figura curiosa, andarilho literário e palhaço das ruas cariocas, tece uma espécie de diálogo entre poetas de diferentes linhagens, como Pessoa, Baudelaire, Drummond, Bukowski, Leminski, Murilo Mendes e Gertrude Stein.

Livraria da Travessa. Rua 7 de Setembro, 54, Centro, ☎ 3231-8015. Terça (30), 17h/20h. Grátis.

Fonte: Revista Veja em 27 de setembro de 2014.

W. B. Lemos pretendia, na época das entrevistas, em 2015, participar de alguns concursos e prêmios literários como o da Biblioteca Nacional e da ABL em São Paulo devido à repercussão que estes prêmios conferem aos seus ganhadores junto ao circuito de escritores e leitores que Lemos pretendia alcançar com a sua publicação. O autor demonstrou, ainda, possuir uma expectativa de poder publicar futuramente um segundo livro, caso obtivesse a visibilidade de algum concurso ou prêmio, sem precisar custear a edição e não precisando gastar tanto para ter o que escreve editado.

Figura 11 – Divulgação de poema no Blog do escritor Antônio Cícero.

ACONTECIMENTOS

BLOG DE ANTONIO CICERO: POESIA, ARTE, FILOSOFIA, CRÍTICA, LITERATURA, POLÍTICA

19.9.14

W.B. Lemos: "Desdito"

Desdito

Errabundo. Tão somente
Desocupado *habitué* das ruas
de qualquer lugar desmundo.

Desconheço seus nomes,
elas não os têm, sequer destino.
Têm só o que são: ruas.

Errante feito em transe,
posso apenas mal-vagar-me
pelo sem-mapa e advir.

LEMOS, W.B. *Rasga-mortalha. Poemas dos outros*. Rio de Janeiro:
Círculo, 2014.

ANTONIO CICERO



foto por Eucanaã Ferraz

**SOBRE A MODERAÇÃO DOS
COMENTÁRIOS:**

Tenho por regra publicar todos os
comentários, exceto:

- 1) Os que possam ser considerados ilegais ou que violem as cláusulas do contrato com a Blogspot, expondo o blog a ser fechado;
- 2) Os que sejam inteiramente irrelevantes ao texto em questão;

Fonte: Imagem retirada de: antoniocicero.blogspot.com em 2015.

4 EDITORAS ARTESANAIS

Acredito que é preferível tentar conceber que, no fundo, alguém que é escritor não faz simplesmente sua obra em seus livros, no que ele publica, e que sua obra principal é, finalmente, ele próprio escrevendo seus livros. E é essa relação dele próprio com seus livros, que é o ponto central de sua atividade e de sua obra. A vida privada de um indivíduo, suas escolhas sexuais e sua obra estão ligadas, mas porque ela compreende a vida tanto quanto o texto. É que a obra é mais do que a obra: o sujeito que escreve faz parte da obra.

Michel Foucault. Estética: literatura e pintura, música e cinema, 1984.

As trajetórias de duas editoras artesanais serão analisadas, neste capítulo, *Outras Dimensões*, de Rômulo Ferreira, fundada em 2009, e *Mar e Rua*, de David Monsores, fundada em 2012. Este estudo de caso tem o objetivo de compreender as razões que levem escritores a se auto publicarem, o funcionamento da criação de projetos independentes em uma esfera de produção e circulação do livro sem mediações estruturais da cadeia de produção editorial. Trata-se da publicação de obras literárias sem registro no ISBN, sem um selo formal, produzidas artesanalmente em pequenas tiragens e vendidas de mão em mão nas ruas e eventos de poesia na cidade do Rio de Janeiro, sem preços tabelados, não obedecendo aos critérios convencionados pelas entidades CBL e SNEL de editoras.

Estas experiências de produção literária se inserem no conjunto de produtores que buscam construir um universo literário independente através de pequenos empreendimentos. Existem em circuitos quase invisíveis para o mercado editorial tradicional, sua crítica e seu consumo. O caso destes dois selos editoriais dá visibilidade a uma produção considerada “amadora”, que não existe para consumidores que não transitam na esfera onde estas obras circulam; no entanto, esta produção de literatura existe e cresce, atualmente, contemplando uma enorme dinâmica de versatilidade dos agentes envolvidos. Os escritores Rômulo e David foram informantes na Monografia³² de graduação em Ciências Sociais que apresentei na UERJ em 2013, sobre os poetas de rua e fanzines de poesia. Com intenção diferente, voltei a contatar estes escritores e realizamos, novamente, algumas entrevistas, agora, para o

³² Monografia do curso de Bacharelado em Ciências Sociais na UERJ intitulada “Outro eixo em circulação das artes: O poeta volta às ruas”, sob a orientação do Professor Carlos Eduardo Rebello de Mendonça em 2013. Esta pesquisa é sobre os círculos de convivência e produção de fanzines de poesia que distribuam suas obras nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, os “Poetas de Rua”. O foco das análises dessa pesquisa se localiza em uma dimensão política e estética desta produção, concluindo que se tratava de uma tomada de posição diante da cidade por parte do conjunto dos escritores investigados.

Mestrado. Foram realizadas duas entrevistas com Rômulo em junho e julho de 2015, entrevistei também os escritores Douglas Aparecido no dia 29 de julho de 2015 e Fernando Rodrigues no dia 31 de janeiro de 2016. Entrevistei o escritor David Monsore, pessoalmente, no dia 20 de julho de 2015. Tanto Rômulo quanto David me cederam imagens e livros produzidos por eles para esta pesquisa. O cotidiano de produção destes escritores e a distribuição das suas obras nas ruas foram observados por mim, para este trabalho, durante os anos de 2014 e 2015. Algumas entrevistas ocorreram por e-mail porque uma parte dos informantes não residia no Rio de Janeiro em 2015.

4.1 **Descobrir-se escritor e buscar ser lido**

O poeta aponta a lua, o imbecil olha o
dedo.

Ditado popular

Rômulo já gostava de escrever desde cedo quando era “forçado” a ler poesia, a escrever e transcrever versinhos como método de alfabetização numa escola de Ouro Preto, em Minas Gerais. Seu primeiro contato com um poema foi com *As Borboletas*, de Vinícius de Moraes, que falava das suas cores, ao lembrar que este foi o primeiro poema que transcreveu no caderninho de desenhos. Com quinze anos de idade ele começou a criar fanzines – literatura curta que veicula informações particulares não divulgadas nos meios convencionais de comunicação, livretos xerocados, dobrados e grampeados à moda de Cordel – e a editar jornais do grêmio da escola, sempre envolvido com literatura de protesto. Nesta época Rômulo vendia os seus trabalhos nas ruas de Ouro Preto porque gostava de ficar horas sentado nas escadas das ruas conversando com amigos e mostrando suas poesias para as pessoas que paravam para lhe dar atenção. Além disso, Rômulo também começou a vender sua literatura nas ruas como forma de conseguir a sua independente financeira na adolescência: *eu morava com meus pais, eles me davam de tudo, menos cigarros e bebidas e o que eu queria era isso. Então vendia e comprava meu cigarro e minha cerveja*. Desta experiência, que se prolongou durante toda a sua adolescência, Rômulo diz ter percebido que não precisava ter um emprego formal para conseguir dinheiro e ao mesmo tempo, descobriu que o que mais o satisfazia era escrever e publicar sua literatura. Então resolveu que continuaria agindo por conta própria, editando e vendendo seus textos nas ruas como uma

atitude de autonomia diante das opções do mercado profissional que surgiriam como necessidade na fase adulta.

Rômulo foi influenciado por escritores como Guilherme Mansur³³ que também escrevia literatura independente, na mesma época, década de 1990; também conheceu o escritor Nicolas Behr, poeta que distribuía suas obras em Brasília associado à Geração Mimeógrafo da década de 1970, reforçando o seu desejo de permanecer com suas obras na esfera das ruas, dizendo que *ancorei no trabalho dele, lembro que eu passava na Biblioteca Municipal de Ouro Preto só para tocar no “Chá com porrada”³⁴ e ter sorte nas vendas dos meus livretos*. Seus estímulos literários eram bastante ideológicos e de contestação no ato de “sair e mostrar a sua arte”, uma libertação e uma tomada de posição social visto que, como ele afirma, residia em uma cidade “extremamente conservadora” e “provinciana”: *já não era mais uma coisa de vender somente pelo prazer de estar na rua, era pela liberdade, pela ânsia de abrir caminhos, pela minha liberdade financeira e pessoal*.

David nasceu em Vassouras, no interior do Estado do Rio de Janeiro, onde morou até concluir a faculdade de Psicologia. Durante a adolescência, David publicava seus textos em blogs, participando de uma rede de “blogueiros” que se seguiam, comentando sobre suas obras e oferecendo críticas e apoio mútuo em relacionamentos virtuais: *um lia o outro, existia certo ciclo de amizade virtual e de identificação literária*. Em 2012, morando no Rio de Janeiro, David conhece Rômulo. Neste momento, sua vontade era de publicar seus textos, ele gostaria de ter um livro que pudesse circular na cidade que acabara de chegar. No entanto, David “não fazia a menor ideia de como procurar uma editora”, afirma, vendo-se com o manuscrito de *Navios Invisíveis* em mãos e desorientado diante do mercado editorial que pretendia se incluir. David enviou seu original para algumas editoras, entre elas a 7Letras e a Patuá que, de acordo com David, nunca responderam. Com a 7Letras ele insistiu, mandou vários e-mails imaginando que a falta de resposta poderia ter sido causada por alguma falha de envio. Não sabendo como funcionava a recepção e seleção de uma editora e por tanto insistir, foi respondido. A editora alegou falta de tempo para lhe dar uma posição sobre o seu original: depois, nunca mais falaram nada, afirma.

³³ Poeta, editor e tipógrafo, nascido em Ouro Preto, MG. Na Década de 1970 atuou no movimento “Arte Postal”, cria algumas revistas e editoras, entre elas a revista “Tupigrafia” e o jornal “Amilcar”. Edita escritores como Álvaro Andrade Garcia, Haroldo de Campos, Carlos Ávila, Sylvio Back, Jussara Salazar, Régis Bonvicino, Laís Corrêa de Araújo, Paulo Leminski e Alice Ruiz, entre outros. Fonte: www.antoniomiranda.com.br/poesia_visual/guilherme_mansur.

³⁴ Livro “Chá com Porrada” de escritor Nicolas Behr, 1978. Impedido de publicar, por ordem judicial, entre 15 de agosto de 78 a 30 de março de 79, escreveu poemas em telhas frescas, depois queimadas, da série “O que me der na telha”. Fonte: www.nicolasbehr.com.br.

David percebeu que poderia publicar seu próprio livro a partir da observação das performances de Rômulo nas ruas. Já fazia cinco anos que Rômulo morava no Rio de Janeiro e, além dele, havia um grupo de quase dez poetas independentes se encontrando cotidianamente em portas de centros culturais, cinemas e bibliotecas da cidade. *Quando eu vim para o Rio e encontrei o pessoal vendendo poesia na rua, eu olhei aquilo e achei fantástico vendo que eles estavam publicando o que eles escreviam e vendendo na rua, botando a cara à tapa. Daí eu me resolvi a fazer o mesmo*, afirma. Hoje David escreve e se auto publica, sobrevivendo financeiramente da venda das suas obras nas ruas da cidade, nunca tendo exercido a sua profissão de psicólogo, e dizendo que esta atividade de liberdade literária que descobria lhe dava um rumo para sua vida. David se declara escritor e compreende que as atribuições deste papel social não estavam apenas relacionadas à consagração no mercado editorial estabelecido, mas que eram de fato o determinante da sua nova ocupação de poeta a qual preenchia o sentido dado, neste momento, para a sua criação artística. Para David a folha branca o comporta, ali ele pode se expressar, inventar e se descobrir. Percebe que era esta interlocução consigo mesmo que buscava ao cursar Psicologia, dedicando-se exclusivamente para esta função, “se colocando no mundo”, como escritor. Sua observação do mundo é sentida com uma imaginação escrita, tudo a sua volta são letras e palavras: *a partir do momento que eu entendi que eu via as coisas desta maneira e que isto era importante para mim, eu comecei a pensar em publicar e a escrever com regularidade*.

4.1.1 O Livro artesanal

Quando descobriram que gostariam de se dedicar à literatura, Rômulo e David procuraram publicar os seus livros, primeiramente, através de pequenas editoras regularizadas, como fez David ao procurar a *7Letras* e Rômulo quando publicou o livro *Amorfo* pela editora Clube dos Autores³⁵, de São Paulo. David não conseguiu ter o seu livro publicado pela *7Letras* – que não chegou a ler o manuscrito enviado por ele – e Rômulo se arrepende da publicação de *Amorfo*, pois não recebe periodicamente os direitos autorais e não consegue saber se o livro vende ou não. Rômulo diz: *hoje em dia eu não faria esta publicação, ela serviu para que eu passasse a acreditar mais ainda na força das editoras*

³⁵ A Editora Clube dos Autores funciona em São Paulo, publica livros físicos gratuitamente e vende por demanda através de pedidos feitos na internet. Possui mais de 300 autores, fornecendo os registros no ISBN e divulgando a obra depois de publicada, os serviços de revisão, diagramação etc, são de responsabilidade dos autores.

independentes, pois o contato é mais direto, a gente pode negociar as coisas olhando frente a frente, e ainda:

Caí numa fria ao publicar um livro por uma editora de SP, o livro Amorfo. Depois disso nunca mais procurei editora alguma para me publicar. Meu contato com esta editora se deu através de internet, recebi um e-mail, e acabei respondendo, a princípio achei fácil demais montar o livro numa plataforma on line e criar a capa. Fui fazendo e depois enviei o pdf pra eles analisarem. Dois dias depois eles já me solicitaram uma conta, para me enviar os direitos autorais, uma mixaria na verdade. Recebi também o link para a divulgação. Junto com o pedido da conta veio um documento onde eu assinaria virtualmente, e pronto. Pelo que me lembro, nosso contato foi somente este.

Outras Dimensões:

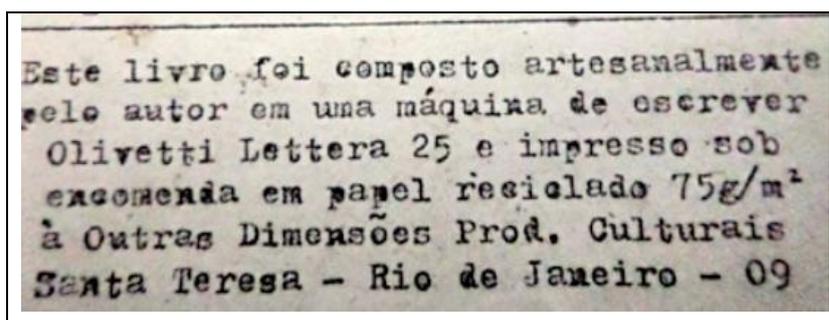
Em 2008, recém chegado ao Rio de Janeiro, Rômulo começou a trabalhar como *office boy* e aprendiz de acabamento na gráfica “JR Gráfica”, localizada no centro da cidade, na rua dos Inválidos, propriedade do pai de uma namorada sua na época. Com este trabalho Rômulo aprendeu profissionalmente a montar livros, experiência esta – ocorrida um ano antes da criação da *Outras Dimensões* – que possibilitou um aprendizado no campo da produção de impressos. Rômulo diz: *lá eu aprendi a montar muitos materiais, comecei a desenvolver estudos e praticar técnicas. Então nasceu a vontade de se criar uma editora onde as pessoas pudessem chegar e apresentar seus livros a baixo custo e de maneira profissional.* Na gráfica os livros eram colados e Rômulo gostaria de produzir livros totalmente artesanais sem cola, preferindo costurá-los. Começou a desmanchar livros antigos que tinha para saber como reconstruí-los, costurando e reproduzindo a técnica de diagramação e montagem da gráfica com a costura do desmancho dos livros.

Em 2009 Rômulo cria a editora *Outras Dimensões* com a escritora Barbara Barroso, com quem era casado. Reuniram os textos que estavam escrevendo e decidiram organizar a sua produção, visto que Rômulo já encadernava por encomenda para amigos. A editora surge, principalmente, para a auto publicação de livros, mas também de fanzines e cadernos artesanais. Rômulo diz que: *A editora seria na verdade uma forma de organizar melhor os trabalhos, eu fazia muita coisa, e precisava organizar tudo até mesmo para mim.* Rômulo e Barbara sempre gostaram do trabalho de “artesão do livro”, ele diz que sempre gostou de “inventar moda” nas suas produções e sabia que um dia podia viver de arte, se dedicando completamente para esta atividade de produção. Rômulo Já havia publicado alguns livros antes de 2009 e todos foram incorporados e reproduzidos pela *Outras Dimensões*.

A primeira publicação oficial depois da fundação da editora foi o livro *Color de Luna*, de Rômulo Ferreira, livro totalmente datilografado em máquina de escrever, também foram produzidos: *Informativo Ameopoema* e *Folha Cultural Outras Dimensões*; *Jornal Poesia Para Todos*, já produzido desde 2007 (ano da sua chegada no Rio de Janeiro). Poesia Para Todos dependia de patrocínios como os das lojas de xerox que “rodavam” os exemplares de graça, circulando por dois anos seguidos com tiragem inicial de 1500 exemplares, com edições bimestrais, tendo sido distribuídos gratuitamente por Rômulo e Barbara mais de 36 mil exemplares deste jornal de poesia em dois anos nas ruas, afirma o escritor. Lançaram também os livros *13 Poemas Manuscritos*, estimando mais de 10 mil exemplares produzidos, além de: *Poesia para Nada*; *O Homem sem Rosto*; *Aprisionado*; *Boa Noite meretriz*; *Olhares de Silêncio*; *Amigos da Natureza*, *Preto Nu Branco*; *Despoesia* e *Outros Textos Pós-Poéticos*; e obras de outros autores como: *Franco de Sonhos*, de Douglas Aparecido; *Egosutra*, de Fernando Rodrigues; *Bisbilhotando*, de Luiz Fernando Pinto, entre outros.

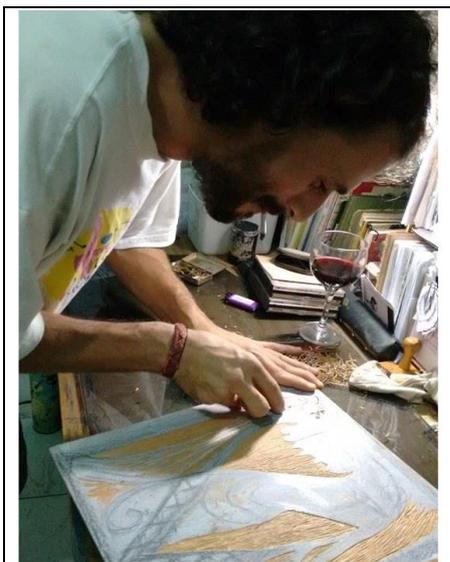
Silhueta Art Zine, um fanzine de Rômulo com 66ª edições, surgiu ainda em Ouro Preto. Este fanzine possui capa de papel reciclado artesanal produzido pelo autor, papel picado de espessura fina, cola e tinta guache batidos no liquidificador, passado em peneira para enformar e seco no varal com pregador, depois lixado e recortado. Em 2005 Rômulo queria criar uma capa diferente e que pudesse ser artesanal. Lembra de um dia que estava tomando café da manhã em casa lendo poesia no saco de pão de uma padaria lá de Ouro Preto, foi quando ao invés de poesia o saco de papel trazia uma receita justamente de papel e era de papel reciclado. Os sacos eram ilustrados com poesia, fotos, histórias, piadas e receitas diversas. O escritor teve um daqueles estalos na mente e saiu correndo atrás dos “ingredientes” para começar a fazer a “papelada”, afirma. As suas primeiras experiências não ficaram boas, mas as pessoas adoraram a ideia quando ela virou capa dos seus fanzines, era algo novo na cidade.

Figura 12 – *Color de Luna*, livro de Rômulo Ferreira.



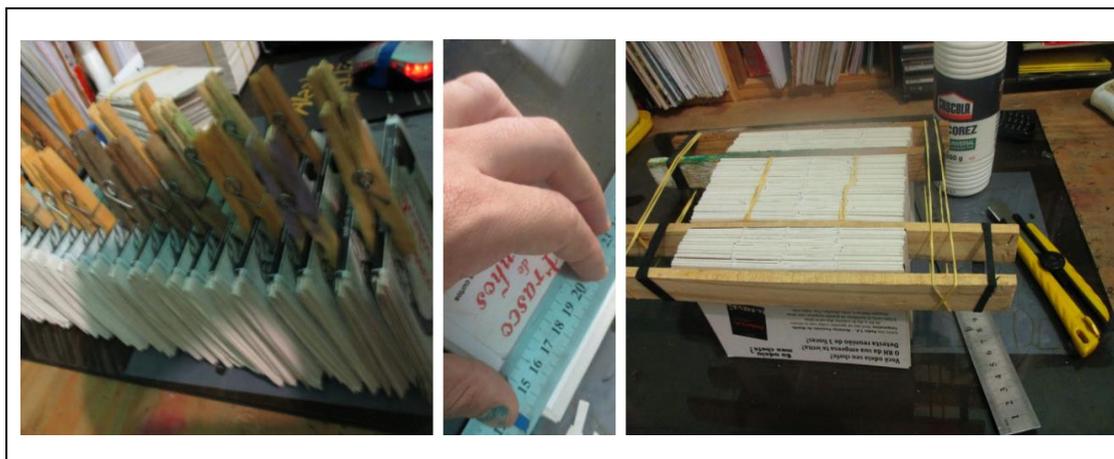
Fonte: Acervo do autor.

Figura 13 – Rômulo Ferreira em seu ateliê produzindo uma tela em Xilogravura.



Fonte: Foto cedida por Rômulo Ferreira.

Figura 14 – Procedimentos da produção dos livros artesanais.



Fonte: Foto cedida por Rômulo Ferreira.

Rômulo enviou cartas com os fanzines de papel reciclado para vários amigos e começou a distribuí-los nas ruas e todo mundo gostou. O autor deu continuidade à produção do papel artesanal até as suas produções se tornarem totalmente artesanais e autônomas. Ele diz: *hoje o papel artesanal está bem consolidado em meu trabalho, tem pessoas que já identificam o meu trabalho de poesia por causa dele. Eu vejo mesmo como um diferencial.* Rômulo cria o *layout* dos livros usando o programa *Corel Draw*, que é convencional para a criação de padrões dos gráficos, edita, faz a paginação, ilustra ou insere as ilustrações produzidas por outros artistas, datilografa, digita e escreve à mão. Depois, na fase da pré-impressão são corrigidos os erros aparentes nos primeiros testes de impressão, acertando também o tamanho das páginas e sua ordenação. Depois de concluídos os testes, o livro é

“fechado” e enviado para a gráfica ou xerox para reprodução, dependendo da edição. Com o miolo já impresso, Rômulo vai costurando cada parte com linha de pipa, em seguida acerta e corta as aparas, dizendo que no final o livro tem aparência de “livro profissional”, sendo feito quase que completamente em casa, fora o processo da reprodução na gráfica ou xerox, sem custos abusivos (em sua opinião), afirmando: *eu valorizo demais estes trabalhos, acho que eles dão vida à literatura.*

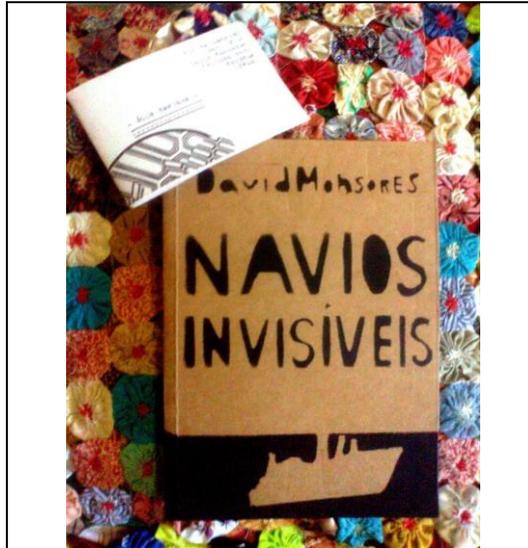
Mar e Rua:

A criação da editora *Mar e Rua* se deu tanto pela vontade que David Monsores tinha de publicar seu livro, quanto também porque ele achava interessante agregar as suas publicações uma identidade visual própria, além disso David queria um nome que traduzisse a sua linha editorial. Conversando com Rômulo e Rogério Snatus (seu amigo e também poeta), David conheceu a *Outras Dimensões* e a *Editora Cazé*, de Rogério. Depois de ser apresentado à criação artesanal e independente de literatura por seus amigos David cria, em 2012, a editora *Mar e Rua*, publicando um romance *Navios Invisíveis* de 2012 e um livro de contos, o *Venceslau Valdomiro* de 2013, todos seus.

Coloquei o nome de “Mar e Rua” porque eu acho que representa muito o Rio de Janeiro. Tem a praia, pra ir pra zona sul eu passo sempre pelo mar. No centro tem essa brisa do mar batendo da Bahia da Guanabara, e a rua é onde estou atuando, então junto estes nomes: mar e rua. É até a ideia do primeiro romance “Navios Invisíveis”, eu gosto muito do mar e ele me suscita muitas ideias e muitos abismos do espírito e a cidade também, então mar e rua.

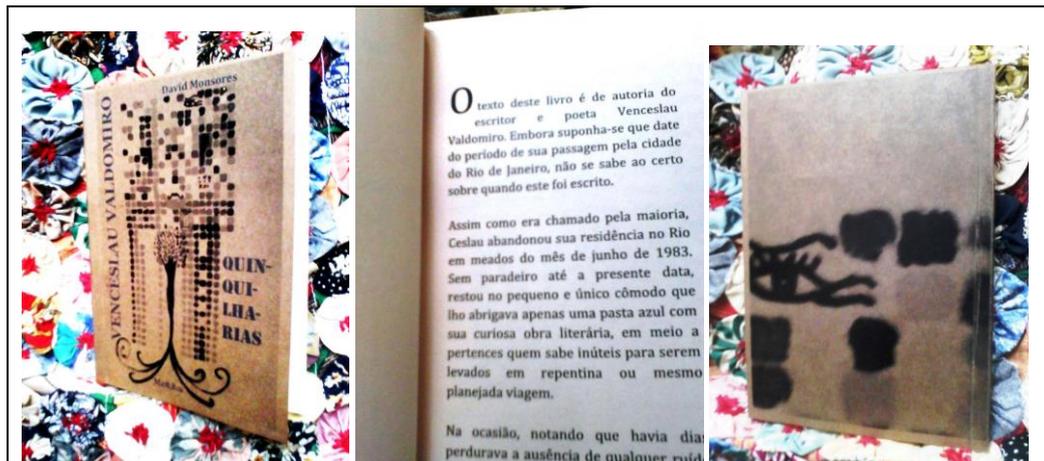
David percebeu uma vantagem prática e técnica na auto produção artesanal do seu livro, visto que para ele o registro tradicional do seu livro não era essencial, não pretendendo comercializá-lo em livrarias, sem esta exigência, David distribuiria seu livro nas ruas da mesma forma que já fazia circular os fanzines quando chegou no Rio de Janeiro, mas agora com uma brochura autêntica. Confeccionar o próprio livro era uma tarefa ainda distante para David quando foi inspirado pela produção de Rômulo, afirmando: *em minha percepção, para produzir um livro em casa a pessoa deveria ser uma espécie de luthier da literatura, mas aí o Rômulo me mostrou as suas técnicas e as brochuras encadernadas que ele estava fazendo, eu achei interessante e decidi publicar o meu livro assim.*

Figura 15 – Capa do livro *Navios Invisíveis* de David Monsores.



Fonte: Foto cedida por David Monsores.

Figura 16 – Capa, miolo e quarta capa do livro *Venceslau Valdomiro* de David Monsores.



Fonte: Foto cedida por David Monsores.

A produção de *Navios Invisíveis* ocorreu entre David Monsores e o escritor Rogério Snatus em sua casa durante três dias consecutivos. David fazia questão que essa edição apresentasse uma aparência “rústica”, afirma, as letras do título na capa são reproduzidas em *stencil*³⁷ e a capa em papel cartão marrom bem denso com a ilustração de um navio vazado na mesma técnica que as letras. Ele gostaria de confeccionar um livro básico em termos de produção visual, algo que fosse possível para ele, já que não se considerava um profissional do ramo da produção gráfica e edição. Além disso, David também gostaria de agregar à

³⁷ A técnica da reprodução de imagens com Stencil consiste em utilizar uma placa como molde para a figura resultando em uma prancha com o preenchimento do desenho vazado por onde passará a tinta. Fonte: arteevicio.com em 2015.

aparência do livro uma dimensão simbólica relacionada a sua produção autônoma, demonstrando visualmente que não se tratava de uma obra feita em larga escala para o mercado editorial tradicional. Seu livro deveria demonstrar a sua percepção do espaço urbano por onde ele seria distribuído, lembrando as características das ruas que o escritor assimilava, cotidianamente:

Eu estava vendo a cidade como uma coisa muito asfáltica, muito insalubre, muito salobra, uma coisa turva e com gosto de asfalto, cimento, barulho e eu não queria nada que fosse bonito, eu queria que a capa ficasse feia mesmo, eu fiz as letras em caixa alta e cortei uma chapa de raio x com tinta preta para lembrar o asfalto. Eu queria dar esta ideia do navio invisível que atravessa o asfalto e que percorre as ruas da cidade, o trânsito e o caos.

Após lançar *Navios Invisíveis*, David já estava impulsionado a publicar o seu segundo livro, pronto um ano depois, em 2013, o *Venceslau Valdomiro*. Este foi produzido em tamanho de bolso medindo 10x15 cm, capa impressa em papel fotográfico e miolo em papel *pólen Bold*, tiragem de 50 exemplares, inicialmente, chegando depois, com as reimpressões, a mais de 200 livros, segundo o autor. A diagramação deste livro foi feita no programa de computador *Word*, precisando fazer “gambiarras” depois para poder gerar um arquivo em pdf para impressão, enviando metade do documento e depois a outra metade, imprimindo a frente e depois o verso para juntar tudo e cortar as arestas no final, porque o *Word* não lhe permitia configurar o livro nos moldes de um programa de editor profissional.

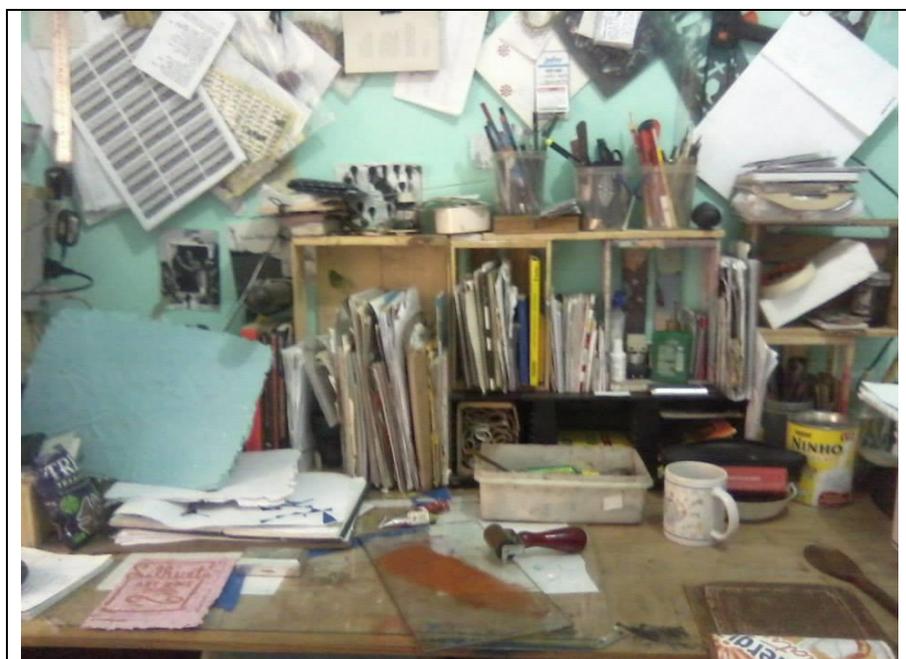
4.1.2 Editor, produtor e autor

Rômulo e David são produtores e editores, não trabalham coordenando equipes e tampouco concentram em si a responsabilidade social e intelectual das produções literárias por eles publicadas, mas publicam e distribuem obras para si e para terceiros, no ambiente da rua, na cidade, nas calçadas, espaço que lhes parece familiar para fins de abordagem e relacionamento com consumidores de cultura. Ao mesmo tempo que são produtores e editores de si e de amigos, também são autores, no sentido de serem mais do que escritores, no sentido *Foucaultiano* do termo; são responsáveis pelos discursos vinculados às suas obras. O modelo de editora que os comporta não corresponde às convenções legais e empresariais estabelecidas pelo conjunto da crítica editorial (as próprias editoras, a crítica editorial especializada acadêmica, os órgãos de pesquisa do setor, CBL e SNEL) no entanto, nesta dissertação, o conjunto dos projetos que compõem a *Outras Dimensões* e a *Mar e Rua* são classificados, aqui, como editoras porque Rômulo e David as tratam assim. Deste modo a

nomenclatura destes grupos editoriais criados por eles está relacionada, primeiramente, a condução de suas atividades, ao seu motivo de ser, não enfatizando, porém, apontando as suas controvérsias estruturais, de acordo com as suas práticas reais de produção e menos pelos modelos convencionais de classificação.

O produtor é aquele que entende e realiza a produção de todas as etapas de desenvolvimento editorial do livro. É aquele que em uma editora é o responsável pela sua produção gráfico-estética, que coordena projetos, que distribui tarefas e as supervisiona. No caso de Rômulo e David, entendendo-os como produtores pela proximidade das suas atribuições com esta descrição, a inexistência de uma equipe não os faz menos produtores, mais os faz, assim, menos editores. De acordo com o produtor da editora *Perspectiva*, Plínio Martins Filho, numa editora, o produtor é, obrigatoriamente, o indivíduo que deve entender tudo o que se refira à transformação do manuscrito em livro, ele afirma que: *ele deve conhecer, em profundidade, o processo integrado de todas as etapas de edição do produto, ou seja, desde a determinação do aspecto estético à escolha do melhor ou mais adequado processo de edição do produto no qual está trabalhando*, (MARTINS FILHO, 1999: 48).

Figura 17 – Ateliê e escritório de edição de Rômulo Ferreira.



Fonte: Foto cedida por Rômulo Ferreira.

Quando Rômulo e David relatam as etapas da produção de suas obras, iniciando na escolha dos papéis, no *design* e ilustração da capa, na escolha da fonte no miolo, nas proporções de tamanho do livro e na quantidade da tiragem que pretendem imprimir, estão

sendo auto produtores dos seus projetos e não apenas editores, selecionam suas próprias obras, distinguindo-as por caráter de contribuição cultural o comercializável, estão fazendo o trabalho de curadoria literária que um editor é responsável por cumprir; estão, com o monopólio exclusivo das suas produções, tornando possível a publicação das suas obras, já que preferem optar por um cunho objetivo de controle da produção e, ideologicamente, sobre o caráter deste controle, se mantendo em uma dimensão – mais que independente –, produzindo com recursos próprios, uma autonomia na relação a produção caracterizada como artesanal e sustentável.

O produtor deve intermediar: preparação de originais, marcação de texto, composição, revisão de provas, fotolitos, impressão e acabamento. Deste modo, precisa dominar todo o processo de feitura do produto editorial para que, conforme os recursos disponíveis e a finalidade do seu produto, saiba escolher a maneira mais adequada e eficiente de produzi-lo. (MARTINS FILHO, 1999: 48).

David diz gostar de produzir seus próprios livros e *fanzines* porque tem a liberdade de criação total em todas as suas etapas de confecção, ele afirma que gosta de pensar na unidade desta produção, *eu sempre posso trabalhar um zine novo e eu gosto de montar o livro e ficar pensando em qual vai ser o desenho da capa, a ilustração, o tipo da fonte, eu acho tudo isso bem interessante sim e fazer um zine novo me faz muito bem, este processo de prepará-lo e tal*. No entanto diz também que não identifica no seu trabalho literário as atribuições de um editor, afirmando também que não gostaria de as possuir: *eu não tenho o conhecimento dos programas de edição e eu também não tenho tempo pra isso porque eu não quero virar um editor e parar de escrever, minha proposta não é esta, mas eu gosto ao mesmo tempo, que fique legalzinho e bonitinho*.

Rômulo Ferreira Considera-se um “agitador literário”, acha importante atuar na produção do livro porque vê no seu trabalho uma versatilidade, consegue escrever, produzir, diagramar, revisar, imprimir etc. e vender as suas obras. No entanto, escreve mais do que produz o livro, afirmando-se como um artista plástico escritor, descrevendo um processo de abertura e conversa do seu papel social com a versatilidade das suas atuações: *A palavra para mim tem um movimento, quase uma dança, e se eu me fechar num conceito do que eu sou, passarei a observar ela com o olhar daquele conceito, sabe, prefiro deixar livre a mente de qualquer roupa, pois pelada ela pode ver melhor as coisas, sentir todas as brisas*.

4.1.3 A publicação para amigos

Rômulo Ferreira dividia os degraus das escadarias de Ouro Preto, na época da sua adolescência (final da década de 1990), com o amigo Douglas Aparecido que também escrevia e, – além de cigarro e bebidas – também buscava, com a venda de literatura na rua, se enturmar, falar de *Rock'n Roll*, política e poesia, estando às voltas com as descobertas sobre filosofia, *punk rock* e literatura marginal. Para Douglas Aparecido Ouro Preto era uma cidade provinciana, no entanto, cosmopolita, pelo fluxo de pessoas do mundo todo que circulavam pela cidade considerada um patrimônio cultural. Rômulo mudou-se para o Rio de Janeiro e continuou “vivendo de literatura” e Douglas ficou em Minas Gerais, preservando ainda na distância um laço de amizade, pois continuavam compartilhando dos mesmos interesses no universo da literatura, comunicavam-se por cartas e prosseguiram escrevendo poesia, estavam sempre atualizados na produção um do outro. Em meados de 2014, Douglas resolveu reunir alguns poemas curtos seus e fazer um *fanzine*, experimentando com a poesia também uma linguagem estética da colagem e xerocagem. Foram reunidos pelo escritor 88 poemas, uma quantidade que superaria as proporções viáveis de um *fanzine*, que, geralmente, possui entre 4 a 12 páginas grampeadas. Decide enviar seu original ao Rômulo pedindo ideias sobre a publicação, formado e se, para este seu texto, talvez “compensasse” produzir “algo mais elaborado”. Rômulo se entusiasmou bastante com o conteúdo e de imediato fecharam a parceria – afirma Douglas, que pôde assim ver realizado o seu desejo de publicar o livro *Frasco de Sonhos*, em 2015, pela *Outras Dimensões*.

Rômulo e Douglas passaram três meses trabalhando na arte gráfica, de acordo com Douglas, foi um processo sem grandes dificuldades já que desde quando se conheceram existia uma sintonia entre os dois muito grande. Douglas diz também já saber o que queria para a edição: um livro em formato pequeno para bolso, se intitulando “frasco”. A tiragem foi de 100 exemplares, sendo esgotada em dois meses pela venda de mão em mão feita pelo autor em Minas Gerais. O livro saiu com 92 páginas, 7cm por 5cm, a edição custou ao autor 300 reais e os livros foram vendidos por 15 reais, foi seu primeiro livro publicado.

A *Outras Dimensões* publicou também o livro *Egosutra* do autor Fernando Rodrigues, um poeta carioca que decidiu encomendar a edição da sua obra com a *Outras Dimensões* porque gostaria de publicar um livro produzido artesanalmente e porque diz acreditar em uma autonomia editorial na literatura. Além disso, escolheu a *Outras Dimensões* também porque confiava na qualidade dos seus serviços, dizendo que *O Rômulo é um artesão do livro. Não só*

propiciando uma relação de interlocução artística entre amantes de poesia. Fernando afirma: *o poeta se vê necessariamente em condição de maturar aquilo que o atingiu, e fazer disso uma obra. O livro é como entregar a linguagem salvaguardada no estado da experiência sublime, sem a carência semântica do uso diário.* Egosutra é um livro composto por vinte poemas escritos em 2011 e 2012 com tiragem de 20 exemplares que custam cerca de dois reais por cada exemplar, sendo vendido pelo preço unitário de 10 reais no dia do seu lançamento em 2013. Fernando pagou a edição e mais algumas cervejas para a “equipe editorial” – os escritores David Monsores e Conrado Gonçalves – que também ajudaram no momento da produção artesanal do livro, produzir o livro foi um verdadeiro processo de aprendizado: *Rômulo e David me instruíram a fazer a diagramação, certo dia nós sentamos num bar na Cinelândia, já com o livro todo impresso. O Rômulo foi montando os livros a partir da organização que fizemos, alguns detalhes foram improvisos do momento.*

A montagem do livro foi a melhor parte, o trabalho de encadernação ficou bonito, na opinião de Fernando, “dando gosto de ver” sua obra ser materializada. O lançamento foi realizado em 2013, em uma das edições mensais do sarau *Ameopoema*, organizado por Rômulo Ferreira e outros poetas que também distribuíam seus livros e fanzines no Rio de Janeiro, e toda a tiragem desta edição foi vendida neste único dia: *Foi poético e adorável. Anunciamos não só esse livro, como outros, sendo lançados e relançados.* Fernando diz que foram poucos exemplares, exatamente porque o livro foi fruto de uma produção independente artesanal e que, por isso, ele poderia escolher se continuaria ou não com aquele trabalho, fazendo talvez uma segunda edição sem a preocupação de escoar antes a primeira, afirmando que: *depois de algumas leituras do livro, já com um certo distanciamento do texto, eu comecei a ter uma certa desconfiança com aqueles poemas, e decidi não fazer mais exemplares, eram poemas de anos anteriores, ficaram no lugar deles.*

A editora *Outras Dimensões* divulga em seu site (eufuireciclado.blogspot.com) as condições para envio de propostas de edição das obras literárias e contratação de outros serviços como de designer, criação de logomarca, revisão de textos, contratação de palestras e eventos relacionados a confecção de livros artesanais, oficinas e organização de concursos literários de autores novos e independentes. O catálogo da editora é composto por 25 obras, entre elas livros e periódicos de autoria de Rômulo Ferreira, livros da autora Barbara Barroso (que também é fundadora da editora em 2009), escritores amigos de Rômulo e interessados em edições artesanais que procuram a *Outras Dimensões* através do contato com os trabalhos de Rômulo nas ruas da cidade ou através do blog – mídia que possibilita a abertura e manutenção de contatos com escritores de outros Estados do país que, além de publicarem as

suas obras pela editora, também participam com alguns poemas de coletâneas organizadas por Rômulo Ferreira. Entre as coletâneas de poesia publicadas em seu catálogo, a *Soco no Olho* e *ACRE* são as obras com maior número de edições e participação de poetas.

A editora faz chamadas públicas para a construção coletiva das coletâneas, recebe poemas de escritores que também estão interessados em se lançarem no circuito literário de publicações independentes. Na terceira edição (atual) da coletânea *Soco no Olho* participaram poemas de 27 escritores: Fernando Rodrigues (autor de *Egosutra*), André Severo, Felipe Araújo, Ana Barbara Vila Nova, Roberto Barrucho, David Beat, Cairo Trindade, Ticiano Diógenes, César Campos, Raquel Gaio, Bruno Kury, Claudia Usai Gomes, Conrado Gonçalves e Amélia Marcionila Raposo (do Rio de Janeiro); Leonel Dutra Lopes (do Rio Grande do Sul); Cris Matsuoka, Caroline Nogueira, Alice Vignoli Reis e Maria Aparecida Coquemala (de São Paulo); Thiago Dias, Paulo Victor Azevedo e Douglas Aparecido (autor de *Frasco de Sonhos*) (de Minas Gerais); Glauber Lauria e Reginaldo Costa de Albuquerque (de Mato Grosso); Wender Montenegro (do Ceará); Geceraldo Carvalho (de Amapá) e Maria Lydia Jácome Simonato (de Pernambuco). Os autores que participaram da coletânea *Soco no Olho* recebem o número de exemplares correspondente ao valor de contribuição que dispuseram para a edição, cada autor retira um número desejado de livros para vender por conta própria em suas cidades, recebendo também os exemplares por correio. Os valores cobrados por esta coletânea não foram informados pelo editor da Outras Dimensões em entrevista nem estão disponíveis no site da editora, por isso, é possível que para cada edição uma negociação diferente relacionada ao seu custo deva ser negociada com cada autor.

Rômulo gosta de editar coletâneas porque elas o fazem lembrar da sua adolescência quando se comunicava literariamente, enviando livros, fazendo críticas, divulgando fanzines, trocando informações sobre publicações independentes e artesanais através de cartas, via correios, numa época em que as cartas sociais custavam 1 centavo o selo. Desde a década de 1990 e até hoje, Rômulo aproveita este meio de comunicação popular para expandir seus laços de amizade literária e profissional em vários Estados do país, característica da divulgação de “materiais” entre fanzineiros durante as décadas de 1980 e 90 no Brasil, de acordo com (SNO, 2015), pesquisador da história do Fanzine no Brasil e no mundo e autor do livro *O universo paralelo dos Zines* publicado em 2015. Organizar coletâneas funciona, afirma Rômulo Ferreira, para divulgar o trabalho da editora nacionalmente e para conhecer autores novos que pretendem lançar seus textos, mas que ainda não possuem um original pronto para publicarem um livro, e ainda diz que: *é difícil, tenho que ficar em cima dos*

autores cobrando os textos, enviando e-mail, corrigindo, etc., mas no final a gente está tão entregue à coisa que nem percebe o mundo que estamos movendo.

A editora *Outras Dimensões* pretende publicar em 2016 a 9ª edição da coletânea de poesia *ACRE* disponibilizando um regulamento para escritores enviarem seus poemas. No texto que apresenta o projeto desta edição Rômulo Ferreira explica sobre as dificuldades que sofre uma editora independente relacionadas a manutenção financeira, diz que desde a primeira edição desta coletânea a sua intenção era a de divulgar o maior número possível de exemplares nas ruas: *“fazendo circular poesia de forma autogestionada”*, no entanto, os custos para publicar as oito edições anteriores se tornaram cada vez maior, superando as contribuições dos autores. *Este ano tentaremos dar saltos maiores que as pernas...*, a *ACRE* não foi contemplada com nenhum financiamento de *Programas de Incentivo à Cultura*. *O que nunca foi novidade. Independente até o osso!* Rômulo diz também que a partir de 2016 a editora passa a somente publicar autores que possam colaborar financeiramente com as edições. A chamada para compor esta nova edição da *ACRE* diz:

Um periódico trimestral de poesia, literatura e artes práticas, onde o lançamento de cada edição é acompanhado de um sarau ou uma ação pública gratuita, para que as pessoas publicadas possam se conhecer e criar novos projetos em comum. O Suplemento Acre é um convite a auto publicação, uma forma que encontramos de conectar pessoas do mundo inteiro através de arte e literatura, com um formato deferente e facilmente engolido pelas ruas, o suplemento acre já se transformou em signo de arte independente e formulação e pensamento nesta cidade em chamas.

A editora disponibilizou junto com o regulamento uma tabela com os valores e as quantidades de exemplares fixos para cada autor encomendar a sua parte da edição, colaborando para a manutenção da coletânea.

Tabela 12 – Suplemento ACRE.

Tabela de apoio ao Suplemento ACRE	
10,00 Reais	1 exemplar
20,00 Reais	3 exemplares
30,00 Reais	4 exemplares
40,00 Reais	5 exemplares
50,00 Reais	6 exemplares
60,00 Reais	7 exemplares
70,00 Reais	8 exemplares
80,00 Reais	9 exemplares

90,00 Reais	10 exemplares
100,00 Reais	15 exemplares
150,00 Reais	20 exemplares
200,00 Reais	30 exemplares
Acima de 300 Reais	30 exemplares e mais uma camiseta personalizada do coletivo Ameopoema

Fonte: eufuirecyclado.blogspot.com em 2016.

Figura 20 – Revista ACRE.



Fonte: www.eufuirecyclado.blogspot.com em 2015.

A convocatória entende como “trabalho aceito para publicação”: poema, conto, resenhas de livros, fotografias em preto e branco, HQ’s, capas de livros, capas de zines, arte postal, xilogravuras, estudos de arte e carimbos; e resume informando que podem ser textos e imagens que se remetam ao olhar poético do mundo e que possa ser reproduzido sem cores.

4.1.4 Vender os livros na rua

Não importa se o jogo do poeta, de que a essência é unir ao sujeito o objeto do poema, sem se enganar, o une ao poeta iludido, ao poeta humilhado por uma derrota e insatisfeito. De modo que o objeto, o mundo, irreduzível, insubordinado, encarnado nas criações híbridas da poesia, traído pelo poema, não o é pela vida inviável do poeta. Só a longa agonia do poeta revela a rigor, finalmente, a autenticidade da poesia.

Georges Bataille. A literatura e o Mal, 1989.

O estudo dos casos apresentados neste capítulo pretende rastrear as saídas para a comercialização literária em outras esferas que não as convencionais, como livrarias, feiras, bancas e a internet. Para ser possível mensurar as correspondências que envolvem quantidade e alcance desta venda, foi necessário um estudo da realização das atividades relacionadas a comercialização do livro em outros ambientes, pois eles não existem, formalmente, através de dados estatísticos fornecidos por órgãos de pesquisa do setor livreiro e editorial como a CBL e SNEL.

A comercialização de literatura nas ruas não é atual e novo, a prática de distribuição de conhecimento escrito na cidade existe mesmo antes do aparecimento das primeiras editoras, que pegaram para si a responsabilidade da distribuição das obras. (HALLEWELL, 1985), desenvolve uma pesquisa histórica sobre a produção e a circulação de obras literárias no Brasil desde o século XVI, quando os jesuítas detinham direitos sobre edições europeias autorizadas a circular no Além-mar. De acordo com as fontes da pesquisa de Hallewell, é possível perceber que a circulação do livro, historicamente, se firma em caminhos ora formais, ora informais, dependendo da edição, da sua legitimação diante das instituições de vendas e produção, da sua admissão nos circuitos de prestígio e etc. É possível entender, a partir destes casos, que a venda de obras literárias na modalidade informal não resulta apenas da recusa do circuito formal de produção e distribuição, mas também resulta da não procura e inserção de autores nos moldes de divulgação de conhecimento das instituições convencionais. No entanto, dentro ou fora do circuito estabelecido como formal, a distribuição de obras literárias precisa obedecer a critérios econômicos de comercialização, que influenciam a conduta da produtora das obras a partir de noções estruturadas por empresas ou grupos de escritores, pois o que está em jogo é a produção de objetos consumíveis pelo mercado, trocados e valorizados por critérios como qualidade, acessibilidade, custo-benefício, preço, etc. Quando autores resolvem vender por conta própria as suas obras, eles estão se imbuindo da responsabilidade e atribuições relacionadas ao mercado, no entanto, com a possibilidade de “afrouxar” as regras deste mercado, existe um mercado de circulação de obras, porém este mercado é relativamente autônomo, (BOURDIEU, 1996).

Para Rômulo e David, a auto publicação e a venda “de mão em mão” nas ruas e nas redes sociais representam uma tomada de posição diante do mercado editorial atual, criando a possibilidade de distribuir literatura por conta própria. No entanto, na opinião dos autores, esta outra esfera não deve ser caracterizada como marginal à tradicional e sim como diversa. Eles pretendem alcançar um reconhecimento literário em através da vendas e circulação das

edições em eventos de literatura, como saraus por exemplo, pretendem se inserir em outras dimensões, por isso não se consideram nas margens.

Quando Rômulo e Barbara fundaram a editora em 2009 eles participavam de feiras para promover os livros, iam às feiras (Feira da rua Lavrario, bairro da Lapa), principalmente, na “cara dura” com seus livros artesanais e caderninhos de papel reciclado que produziam juntos, conversavam com alguns feirantes e “depois de feita a amizade”, passavam a dividir as mesas. Chegaram a ter meia barraca nesta feira ,em 2010, com uma artesã chamada Vânia que era uma admiradora e apoiadora da sua produção. Depois deste ano, Rômulo diz que a “burocracia” da feira os afastou porque precisavam estar registrados como produtores e serem cadastrados em listas de espera para conseguirem sua própria mesa, este fato os desanimou, fazendo com que migrassem para a Feira da Praça São Salvador, no bairro do Flamengo. Nesta feira a receptividade as suas obras era maior, diz o escritor, e a partir desta inserção, que possuía menos exigências que a primeira, a *Outras Dimensões* pode divulgar com mais tranquilidade os seus livros e “fazer muitos contatos”, além de aprender e repassar conhecimento sobre a produção artesanal com outros feirantes, que também frequentavam este espaço.

Além das feiras, que aconteciam mensalmente, a editora também estava presente divulgando o seu trabalho e as suas obras nas portas do Centro Cultural Banco do Brasil, em frente ao cinema Odeon (atual Centro Cultural Luiz Severiano), no Theatro Municipal e na Biblioteca nacional, principalmente, além de portas de universidades (UERJ, UFRJ, UFF E PUC) e ruas do Centro da cidade e Zona Sul. Os livros eram vendidos com preços que variavam entre 10 reais e 25 reais, entregues de mão em mão aos interessados que fossem abordados pelo escritor ou que se aproximassem da “banquinha” de livros e caderninhos artesanais.

Os saraus mais frequentados pela editora *Outras Dimensões* eram o *AMEOPOEMA* (realizado mensalmente na Lapa o na Cinelândia), organizado por Rômulo e outros escritores interessados em poesia e que também distribuía as suas obras nas ruas do centro da cidade, como David Monsores, Nelson Neto, Fernando Rodrigues, Conrado Gonçalves, Nicolle Kris, Paulo Alves, Caro Le, entre outros. Também frequentava o *Sarau do Escritório* (realizado na Lapa), o *Sarau dos Pássaros* (realizado em Paquetá por alguns poetas que também organizavam o sarau Ameopoema, como Fernanda Tatagiba e Esperando Leitor (capítulo 3), entre outros eventos, onde a *Outras Dimensões* também fazia lançamentos de obras novas publicadas pela editora, como no lançamento do livro *Egosutra* de Fernando Rodrigues.

David conta o que aconteceu nas tentativas iniciais de venda do seu primeiro livro, *Navios Invisíveis*, ocasião onde ele e o escritor Rogério Snatos, seu amigo, saíram com a edição “debaixo do braço” em direção a Feira da Lavradio, na Lapa: *a gente saiu rápido de casa cheios de expectativa com a venda dos livros, eles ainda nem tinham secado totalmente porque tínhamos acabado de fazer e estávamos com as mãos cheias de tinta ainda*; eram os cinco primeiros exemplares, David diz que ainda não estavam bons, que aquela era a sua primeira produção e que depois foi se aprimorando. Afirma que: *as pessoas ficavam olhando e achavam a iniciativa mais interessante do que o livro*, no primeiro contato, porque a aparência do livro ainda parecia muito amadora e porque as pessoas não paravam para ler o seu conteúdo na hora da abordagem. Na feira não conseguiram vender nenhum livro, porém, no mesmo dia, à noite, ainda tentaram oferecê-lo no “Bar da Cachaça”, localizado na Lapa, aonde acontece mensalmente a feira:

No Bar da Cachaça uma moça me perguntou se eu era o ‘cara da poesia’ que ela tinha encontrado na rua há um tempo em frente ao depósito de bebidas na Lapa, nesta época ela comprou um fanzine meu e foi lendo no ônibus indo pra Juiz de Fora ou São Paulo, e se emocionou muito, chorou e tal. Me perguntou como eu estava e eu disse tinha acabado de terminar o meu livro e mostrei pra ela a edição pronta, ela disse que estava “massa” e quis compra-lo perguntando o preço, eu disse que estava vendendo por 20 reais, ela estava com uma amiga que também ia querer um, foram na casa dela buscar o dinheiro, ali mesmo na Lapa, voltaram e compraram os livros e pagaram 50 reais pelos dois e aí foi fantástico!

Outra vez, David vendeu na Cinelândia à noite, depois de ter voltado da UFF porque lá ele não conseguiu vender nada: *já não tinha quase ninguém na rua, mas eu quis tentar e comecei a oferecer livro e fanzine. Um casal parou e eu mostrei meu livro e falei sobre o que era, eles perguntaram o preço e compraram e aí eu comecei a vender sempre o livro por aí*. David gostaria muito que os leitores ficassem satisfeitos por terem comprado um livro na rua, sem recomendações da crítica especializada e sem divulgação em jornais e revistas. Para ele era importante que o seu trabalho não os decepcionasse: *tem gente que paga vinte reais em um livreto e eu fico pensando se caso ela não gostar e não entender nada e achar que é uma merda*, por esta preocupação David passou a se dedicar cada vez mais para editar um livro de qualidade literária e visual, contando apenas com os critérios da sua própria percepção literária e estética, já que o autor se auto publica e produz artesanalmente o seu livro, trabalhando de forma solitária nas edições. As pessoas que compram o livro, afirma o poeta, não são apenas algumas conhecidas, pessoas abordadas por ele nas ruas também se interessam, concluindo não haver um público alvo, quando percebe algumas pessoas que se interessam pela sua literatura em um universo de outras que “apenas param para conhecer”.

A dinâmica da sua comercialização não obedece a padrões de comportamento, a exemplo da liberdade sobre as suas condutas nas abordagens, além de uma grande variação nos valores cobrados pelas obras nas ruas, que oscilavam dependendo o horário da venda, do bairro, da quantidade de exemplares restantes em mãos (uma dinâmica administrativa das vendas muito parecida com a de vendedores de qualquer outro produto comercializado informalmente nas ruas). Deste modo a iniciativa destes escritores de escoarem por conta própria a sua produção nestes espaços revela que existe uma possibilidade objetiva de venda de livros em ambientes não convencionais de distribuição e que é possível, também, que um escritor possa divulgar e vender o seu livro sem o aparato de uma editora regularizada, provando ser real a chance de uma obra circular na cidade de forma completamente independente, procurando criar uma espécie de seguimento literário capaz de ultrapassar a percepção inicial, dos abordados, referente à curiosidade.

CONCLUSÕES

A produção literária brasileira ainda não alcançou – no conjunto do setor –, as disposições necessárias para o estabelecimento de um campo literário brasileiro; mesmo que relativo, estando localizada, ainda, no interior de um campo mais genérico de produção de bens culturais. Esta afirmação pode ser confirmada quando as trajetórias analisadas nos estudos de cada caso apontam para uma série de debilidades estruturais relacionadas à gestão da cadeia de produção do livro entre autores, editores, produtores e distribuidores. Estas debilidades também se tornaram evidentes na ocasião da observação dos cursos *Bastidores do Livro* e *O escritor iniciante e o mercado editoria*, onde palestrantes como: Maria Amélia Mello, escritora e editora com experiências nas editoras José Olympio, Record e Autêntica, e Michelle Strzoda, jornalista, escritora e editora com experiências nas editoras Record, Casa da Palavra e Babilônia Cultura Editorial; preocupavam-se com a urgência da formação e especialização de agentes para atenderem ao mercado editorial crescente no país, já que, de acordo com os palestrantes, estes agentes não se encontravam preparados diante das exigências de um mercado profissional. Pude perceber a existência de uma demanda por profissionalização dos produtores do livro que, tradicionalmente, geriam editoras com funcionamentos de empresas de composição familiar compostas de literatos comprometidos com uma produção literária de nichos selecionados. No entanto, com o crescimento do mercado editorial brasileiro nos últimos dez anos (de acordo com a pesquisa do SNEL, de 2015, que aponta um quádruplo crescimento de editoras de pessoa física e um triplo crescimento de editoras de pessoa jurídica, neste período), empresas de grande, médio e pequeno portes vêm alcançando praticamente todos os nichos de consumo disponíveis para investimento – inclusive atendendo aos programas governamentais de incentivo à leitura que são compradores de livro em larga escala.

A produção editorial atual apresenta-se dividida entre orientações empresariais, da reprodução da cultura de massa apoiada por investimento estrangeiro – como a Sextante e a Intrínseca, por exemplo –; tradicionais, relacionadas às empresas produtoras de literatura para um nicho de consumidores exigentes e bem formados – como a Companhia das Letras e a Record, por exemplo –; acadêmicas, publicando teoria para interessados em Ciências Humanas – como a Zahar e a Perspectiva, por exemplo –; universitárias, mantidas e geridas por instituições de ensino atendendo a demanda acadêmica, como a Edusp e a Eduerj, por exemplo –; técnicas, atendendo a um nicho de consumo interessado em obras de referência e instrumentalização – como a Elsevier e a Atheneu, por exemplo –; de didáticos, atendendo a

demanda do ensino básico escolar – como a Ática e a Scipione, por exemplo –; e inovadoras, correspondentes às inserções no mercado editorial de pequenos empreendimentos que atendem a um perfil de produção comprometido com a bibliodiversidade, publicando majoritariamente, literatura brasileira de autores estreantes – como as editoras de pequeno e médio porte associadas à LIBRE, e finalmente, as editoras artesanais, como a *Outras Dimensões*, por exemplo.

Ainda assim, mesmo débil em estrutura de distribuição e público consumista de literatura no país, editoras de pequeno porte se destacam participando e sendo premiadas nos concursos mais importantes para a consagração da literatura brasileira, o Prêmio Jabuti e o Prêmio Literário Biblioteca Nacional, que em 2015 chancelou, entre as nove categorias de premiação do P.B.N, sete vencidas por obras publicadas por editoras de pequeno porte; na edição no mesmo ano do Jabuti, dos 81 ganhadores distribuídos entre as 27 categorias, 17 deles foram de obras publicadas por editoras de pequeno porte; além de 96 obras finalistas deste prêmio, publicadas também por editoras pequenas. Estes dados colaboram para a perspectiva de uma possível abertura de um campo de possibilidades propiciado pelo crescimento de iniciativas de editoras independentes de pequeno porte que vem disputando, nos últimos dez anos, posições de prestígio junto à produção literária de médio e grande porte no país. É possível entender que ao vencerem estas categorias, tais obras produzidas por empresas independentes estão abrindo caminhos para uma democratização no interior dos meios de consagração convencionais no país.

No entanto, esta inserção não resulta, imediatamente, na reorganização estrutural da cadeia da produção do livro orientada por parâmetros profissionais, onde cada agente exerceria somente as suas atribuições na produção, resolvendo a confusão relacionada aos papéis sociais que se misturam entre escritor, editor, produtor, agente, no interior das empresas de pequeno porte, em na tentativa de solucionar os desafios cotidianos, onde, na maior parte dos casos apresentados aqui, esta indeterminação é característica de empresas de escritores que fundam a sua própria editora. A versatilidade é uma fortaleza das editoras artesanais e de pequeno porte criadas para a auto publicação, como nos casos analisados, o hibridismo das funções, dos papéis e dos materiais e técnicas, tanto da produção, quanto da distribuição, venda e promoção das obras são condições agregadoras de capitais importantes para as tomadas de posição que este nicho pretende alcançar ou inventar, sugerir, destacar ou ocupar. As invenções de campos dentro de campos são soluções encontradas por escritores que, ao cancelar-se, precisam de sustentações empíricas relacionadas a um universo, campo, que converse com os seus anseios, parâmetros, discussões, desejos.

Ao inventar o livro “Os Dois Prados”, por exemplo, a editora *Antigo Leblon* procurava se inserir mais profissionalmente no mercado dos “esotéricos” ou “místicos”, ainda que numa proposta de desconstrução do gênero, esbarraram com empecilhos estruturais maiores os desafios da invenção da própria obra ou do próprio campo, depararam-se com os empasses de um campo tradicional de produção de bens culturais quase intransponível para empreendimentos pequenos independentes. Neste caso, a tentativa e a trajetória criativa supera tais obstáculos formais, nelas estão o interesse desta dissertação, nestas saídas, ainda que confusas e tropeçadas. Lemos e a editora *Circuito* transitam na chancela da Universidade, Esperando Leitor é um ator escritor personagem escolarizado que frequenta os circuitos acadêmicos, boêmios, jurídicos e literários aos montes, publicaram um livro caprichado, bonito, padrão, com lançamento em livraria convencional, consagrada no Rio de Janeiro, com a presença de escritores e editores importantes para a cena carioca, no entanto, sem sucesso de vendas. Uma obra que “tinha tudo para dar certo”, deu! Mas não vendeu. Encalhou como encalha um livro finalista do Prêmio Jabuti, por exemplo, que pode vencer uma categoria por qualidade literária, de edição, de escrita, mas que não vende. Lemos e o seu caso apontam as redes possíveis, os caminhos percorridos por um escritor que pretende a publicação formal, que não pretende se auto publicar, que pretende encontrar uma “boa equipe” para lhe atender, que encontra, mas que dentro de uma estrutura de formação precária de um campo relativamente autônomo de produção de literatura no país, as redes ainda apresentam nós soltos. Por fim, Rômulo e Cia, Barbara, David, Douglas, Fernando... “arregaçaram as mangas” e foram para a rua. Escrever, corrigir o próprio texto, fazer a curadoria dos próprios poemas e dos poemas de amigos, receber e enviar cartas com fanzines para diversas cidades do país, se comunicar os interessados por literatura via saraus, feiras, Universidades, portas de bibliotecas, centros culturais, tem sido as suas saídas. As editoras artesanais, sem registros no ISBN, sem participar de grandes prêmios, sem se filiar a associações, ainda que de pequenas editoras, criam as condições relacionadas a formações de leitores, já que abordam na rua sem público alvo, desenvolvem a criatividade sem censuras do mercado de artistas responsáveis por todos os processos de produção e divulgação literária. Estes artistas também “vivem de poesia”, se empregam em seu ramo, criados ali, em casa, na rua, em dimensões profissionalizantes outras.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Indústria Cultural e Sociedade. 5. Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2009.

APARECIDO, Douglas. Frascos de Sonhos. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Outras Dimensões, 2015.

APOELO, Lucho. Os Dois Prados. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Antigo Leblon, 2006.

ARAÚJO, Emanuel. A construção do Livro. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Instituto Pró- Livro, 1986.

BARCELLOS, Marília de Araújo. O Sistema Literário Brasileiro Atual: pequenas e médias editoras. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Letras da PUC-RIO, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A Distinção. 2. ed. Porto Alegre: Editora Zouk, 2013.

_____. As Regras da Arte. 1.ed. Lisboa: Editora Presença, 1996.

_____; CHARTIER, Roger. O Sociólogo e o Historiador. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Autêntica, 2011.

BROCA, Brito. A Vida Literária no Brasil 1900. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2005.

CHARTIER, Roger. A mão do autor e a mente do editor. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

_____. A autoria e história cultural da ciência. 1. ed. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2012.

_____. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CUNHA, W. da. Biblioteca Nacional: Um Jardim de Delícias – Por trás dos Arcazes. 1. Ed. Rio de Janeiro: Livre Expressão Editora, 2009.

DARNTON, Robert. O Iluminismo como Negócio. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras, 2008.

DIDEROT, Denis. Carta sobre o Comércio do Livro. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2002.

EPSTEIN, Jason. O Negócio do Livro. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

EARP, Fábio Sá; KORNIS, George. A economia da cadeia produtiva do livro. 1. Ed. Rio de Janeiro: BNDS, 2005.

FOUCAULT, Michel. O que é o autor? In: Ditos e Escritos: Estética, Literatura e pintura, Música e Cinema. (vol. III). Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária, 2001.

HALLEWEL, Laurence. O Livro no Brasil. 3. ed. São Paulo: Editora EDUSP, 2012.

LEMOS, W. B. Rasga-Mortalha: Poemas dos Outros. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2014.

MARTINS FILHO, Plínio (Org). Livros, editoras e projetos. 2. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial / Com-Arte, 1997.

MICELI, Sergio. Intelectuais a brasileira. 1. ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2001.

_____. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920 – 1945). 1. Ed. São Paulo: Editora Difel, 1979.

FAILLA, Zoara (Org.). Retratos da Leitura no Brasil. v.3. São Paulo: Instituto Pró- Livro, 2011.

FAR, Alessandra El. O livro e a leitura no Brasil. 1. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

FERREIRA, Romulo. Despoesia: Outros textos pós-poéticos. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Outras Dimensões, 2014.

GERLACH, Markus. Proteger o Livro: Desafios culturais, econômicos e políticos do preço fixo. 1. Ed. Rio de Janeiro: Liga Brasileira de Editoras, 2006.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Impressões de Viagem: CPC, Vanguarda e Desbunde 1960/70. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 1979.

LIMA, Érico Braga Barbosa. Quem mais fala dos livros. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Antigo Leblon, 2006.

_____. 26 Poetas Hoje. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2001.

MAGALHÃES, Henrique. O que é Fanzine. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

MARQUES, Reinaldo; VILELA, Lúcia Helena (Orgs.). Valores: Arte, Mercado, Política. 1. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MATTOSO, Glauco. O que é Poesia Marginal. 2 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.

MONSORES, David. Navios Invisíveis. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Mar de Rua, 2012.

_____. Venceslau Valdomiro – Quinquilharias. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Mar de Rua, 2013.

OLINTO, Heidrun Krieger; SCHOLLHAMMER, Karl Erik. (Orgs.). Literatura e Mídia. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Editora Loyola, 2002.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. Retrato de Época: Poesia Marginal Anos 70. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981.

REIMÃO, Sandra. Mercado Editorial Brasileiro. São Paulo: Editora Com-Arte: Fapesp, 1996.

RODRIGUES, Fernando. EGOSUTRA. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Outras Dimensões, 2013.

SCHIFFRIN, André. O Negócio dos Livros. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2000.

SNO, Marcio. O universo paralelo dos Fanzines. 1. ed. São Paulo: Editora Timo, 2015.

SODRÉ, Muniz. Best-seller: a literatura de mercado. 1. Ed. São Paulo: Editora Ática, 1985.

SODRÉ, Nelson Werneck. A história da Imprensa no Brasil. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

Internet:

<http://www.7letras.com.br/sobre>

<http://www.libre.org.br>

<http://www.editorapatua.com.br>

<http://www.confrariadovento.com>

<http://www.azougue.com.br>

<http://www.agentilcarioca.com.br>

<http://www.antigoleblon.com.br>

<http://www.luchoapoelo.com.br>

<http://www.catedra.puc-rio.br>

<http://www.retirodosartistas.org.br>

<http://www.cbl.org.br>

<http://www.snel.org.br>

<http://www.isbn.bn.br>

<https://www.bn.br>

<http://www.anl.org.br/web>

<http://www.editoracircuito.com.br>

<http://www.publishnews.com.br>

<http://www.premiojabuti.com.br>

<http://www.sesc.com.br>

<http://www.eduerj.uerj.br>

<http://www.editora.cosacnaify.com.br>

<http://www.oitoemeio.com.br>

<http://www.cozinhaexperimentaleditora.com>

<http://www.oficinaraquel.com.br>

<http://www.babiloniaeditorial.com.br>

<http://www.estacaodasletras.com.br>

<http://www.memoriaviva.com.br>

<http://www.ibge.gov.br>

<http://www.cultura.gov.br>

<http://www.eufuirecyclado.blospot.com>

<http://www.livrariacultura.com.br>

<http://www.travessa.com.br>

<http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,por-editora--conta-propria-ou-com-a-ajuda-dos-amigos-esta-facil-publicar-um-livro,10000013164?platform=hootsuite>

<http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,editores-comentam-os-erros-mais-comuns-na-hora-de-negociar-a-publicacao-de-um-livro,10000013163>

<http://www.publishnews.com.br/materias/2016/01/20/preo-fixo-livrarias-e-editoras-independentes-um-debate-espanhol>

<http://www.publishnews.com.br/materias/2016/01/13/estatuto-da-pessoa-com-deficiencia-adota-mecanismo-de-incentivo-ao-livro-acessvel>

<http://www.publishnews.com.br/materias/2015/12/22/como-vender-mais-pela-internet>

<http://www.publishnews.com.br/materias/2015/12/22/curso-indica-os-caminhos-para-a-autopublicacao>

<http://www.publishnews.com.br/materias/2015/12/22/em-2015-e-os-nmeros>

<http://www.publishnews.com.br/materias/2015/12/18/curso-aborda-marketing-para-o-mercado-editorial>

<http://www.publishnews.com.br/materias/2015/12/15/brasil-com-mais-bibliotecas-mas-menos-livrarias>

<http://www.publishnews.com.br/materias/2015/12/14/curso-on-line-desmistifica-o-processo-editorial-para-escritores-indies>

<http://www.publishnews.com.br/materias/2015/11/26/por-que-e-book-vende-menos-que-livro-impresso>

<http://www.snel.org.br/entrevista-do-presidente-do-snel-sobre-o-mercado-editorial-digital/>

<http://www.snel.org.br/debatedores-demonstram-preocupacao-com-criese-do-mercado-editorial-brasileiro/>

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/07/1488652-novos-autores-apostam-na-autopublicacao.shtml>

<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/apesar-de-revelar-novos-autores-autopublicacao-ainda-gera-pouco-lucro-14236051>

<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/pequenas-editoras-se-destacam-com-titulos-nas-listas-dos-principais-premios-literarios-do-pais-12967698>

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/11/1701839-editoras-independentes-levam-sete-de-nove-categorias-em-premiacao-literaria.shtml>

<http://www.goethe.de/ins/br/lp/kul/dub/lit/pt12896411.htm>

<http://elastica.abril.com.br/editoras-independentes-transformam-livros-em-objetos-e-se-multiplicam-pelo-brasil>

ANEXO 1

FINALISTAS DO PRÊMIO JABUTI 2015				
CATEGORIAS	EDITORAS ASSOCIADAS À LIBRE	EDITORAS DE PEQUENO E MICRO PORTES (NÃO) ASSOCIADAS À LIBRE	GRANDES E MÉDIAS EDITORAS	EDIÇÃO DO AUTOR
Adaptação	Editora Peirópolis, Editora Autêntica	Editora Biblioteca Azul, Editora Amarylis, Editora Paulinas, Edelbra Editora	Companhia das Letras, WMF Martins Fontes, FTD Educação, Editora Senac São Paulo	
Arquitetura, Urbanismo, Artes e Fotografia	Capivara Editora, Cosac Naify, Editora Terceiro Nome	Editora Tempo D'imagem	Edições SESC de São Paulo, Editora Senac São Paulo, CEPE Companhia Editora de Pernambuco, Editora SESI SP, Editora Unesp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo	
Biografia		Automática Edições Hólos, Editora Mackenzie	Editora Record, Editora José Olympio, Editora Companhia das Letras (2), Editora Civilização Brasileira, Editora Objetiva	
Capa		Entrelinhas Editora, Editorial Três Estrelas	Editora SESI São Paulo, Editora da USP, Companhia das Letras (2), Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Edições SESC de São Paulo, Editora Senac de São Paulo	Título: "Sublimação Ana Nitzan" Capista: Ana Nitzan e Milena Galli
Ciências da Natureza, Meio Ambiente e Matemática		Editora Projeto Cultural, Editora Anolis Books, Dantes Editora	Editora Embrapa (3), Editora Blucher, Editora Senac de São Paulo, Editora Fiocruz	
Ciências da Saúde		Editora Roca	Editora Atheneu (2), Editora Revinter, Editora Elsevier (2), Editora Fiocruz, Editora Manole	

			(3)	
Ciências Humanas	Versal Editores, Andrea Jakobsso n Estúdio Editorial	Cultura e Barbárie Editora, Instituto Socioambiental	Editora Zahar, Editora UNESP (2), Editora Objetiva, Editora Civilização Brasileira, Imprensa Nacional, Editora da USP	
Comunicação		A9 Editora, Editora Bússola, Editora Nversos, Lazuli Editora, Editora Paulus	Editora SESI São Paulo, Editora UEPG, Editora EDUFF, Editora Fiocruz,	
Contos e Crônicas	Cosac Naify (2), Pallas Editora	Editora V – Selo Demônio Negro, Editora Edith, Arquipélago Editorial	Companhia das Letras (2), Editora Record,	
Didático e Paradidático	Callis Editora	Editora Imazon, Editora Ciranda Cultural,	Editora SESI São Paulo (2), Editora Formato, Cortez Editora, Editora Moderna (2), Editora FTD Educação,	
Direito		Editora D'Plácido	Editora Saraiva (3), Editora Revista dos Tribunais (3), Editora Juruá	
Economia, Administração, Negócios, Turismo, Hotelaria e Lazer		Editora Azulsol	Editora Paz e Terra, Editora Companhia das Letras, Editora EDUFF, Editora Embrapa, Editora Elsevier (2), Editora IPEA, Editora PUC-SP, Editora Saraiva	
Educação e Pedagogia		Papirus Editora, Editora Alínea,	Editora da UFBA, Editora da UNB, Cortez Editora, Editora EDUEPB, Editora Vozes, Editora UNESP, Editora Nova Fronteira, Editora Autores Associados, Editora Manole	
Engenharias, Tecnologias e Informática		Editora Livraria da Física,	Editora UNESP, Editora Elsevier, Editora SENAI SP, LTC Editora, Editora EDUEPB, Editora Civilização Brasileira	
Gastrono	Editora	Prax editora	Editora CEPE, Editora	

ma	Terceiro Nome		Melhoramentos (2), LTC Editora, Editora SENAC SP (3), Editora Companhia Nacional, Editora Companhia das Letras,	
Ilustração		Zarabatana Books, Letra 1, Editora Neotrópica, Balão Editorial, Editora Devir	Editora SESI SP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora Global, Companhia das Letras	Título: “Fernando Lopes”. Ilustrador: Fernando de Castro Lopes
Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil	Editora Pallas (2), Editora Cosac Naify, Editora Pulo do Gato	Editora Mov Palavras, Editora Paulus, Abacatte Editorial	Editora Melhoramentos, Editora Casa da Palavra, Editora Companhia das Letras (2)	
Infantil		Editora Cidade Nova, Editora Escrita Fina	Editora DSOP, Editora Rovellet, Editora Globinho, Editora Zahar (2), Editora FTD Educação, Editora Companhia das Letras, Editora Melhoramentos	
Infantil Digital	Editora Peirópolis	Editora Galpão, Editora Escribo educação e Tecnologia, Editora Storymax	Editora FTD Educação (4), Editora Melhoramentos, Editora Ática,	
Juvenil	Editora Biruta	Edições Besourobox, Editora 8Inverso,	Editora Scipione (2), Editora Positivo, Editora Rovellet, Editora FTD Educação, Editora Record, Editora Moderna	
Poesia		Editora Patuá, Lumme Editor, Editora Confraria do Vento (2), Kan Editora, Editora É Realizações, Editora Nversos, Editora Penalux , Editora Lê	Editora Globo Livros	
Projeto Gráfico		Bei editora, Editora Letra 1, Editora Olhares, Editora Museu da Casa	Editora Instituto Ayrton Senna, Imprensa Oficial do ESTADO DE São Paulo, Academia	Título: “Sublimação Ana Nitzan”

		Brasileira, Verso Brasil Editora, Editora Underwates Books, Luste Editores	Brasileira de Letras,	Progeto Gráfico: Milena Galli
Psicologia, Psicanálise e Comportamento		Zagodoni Editora, Editora Livros da Matriz	Edições Loyola, Editora Companhia das Letras, Editora Perspectiva, Editora Susversos, Editora Manole, Editora UFPA, Editora Edufscar, Editora Atheneu	
Reportagem e Documentário	Alameda Casa Editorial, Editora 34	Editora Benvirá, Geração Editorial	Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora Casa da Palavra, Editora Record, Editora Planeta do Brasil, Editora Companhia das Letras, Editora Civilização Brasileira	
Romance	Editora 7Letras, Editora Cosac Naify (2),		Editora Companhia das Letras (4), Editora Record (2), Editora Objetiva	
Teoria/Crítica Literária, Dicionários e Gramáticas	Editora Autêntica	Terracota Editora, Mecenaz Editora, Argos Editora da Unochapecó, Editora Intersaberes (2)	Editora Record, Editora FGV, Editora da USP (2),	
Tradução	Editora Autêntica (2), Editora 34	Editora Biblioteca Azul	Editora Objetiva, Editora UNICAMP, Ateliê Editorial, Editora Companhia das Letras, Editora UFPR, Editora Perspectiva, Editora Objetiva	

Fonte: Jabuti - CBL, 2015.

ANEXO 2

VENCEDORES DO PRÊMIO JABUTI 2015				
CATEGORIAS	LIVRO	AUTOR	EDITORIA	PORTE DA EDITORA
Adaptação	1º Kaputt 2º Grande Sertão Veredas / Graphic Novel 3º O Guarani em cordel	1º Guazzelli 2º Guazzelli e Rodrigo Rosa 3º Klévisson Viana	1º WMF Martins Fontes 2º Biblioteca Azul 3º Amarylis	1º G 2º P 3º P
Arquitetura, Urbanismo, Artes e Fotografia	1º Diálogo com cartas 2º Os Pioneiros da Habitação Social no Brasil: Volume 3º Arte em Cena: A Direção de Arte no Cinema Brasileiro	1º Jocy de Oliveira 2º Nabil Bonduki 3º Vera Hamburger	1º Editora SESI-SP 2º Edições Sesc-SP / Editora Unesp 3º Edições Sesc-SP / Editora Unesp	1º G 2º G 3º G
Biografia	1º Luís Carlos Prestes 2º Nise da Silveira 3º Francisco Julião uma Biografia	1º Daniel Aarão Reis 2º Luiz Carlos Mello 3º Cláudio Aguiar	1º Companhia das Letras 2º Automática Edições – Hólos 3º José Olympio	1º G 2º M 3º G
Capa	1º Freud e a Narrativa Paranoica 2º Raízes Errantes 3º Claudius	1º Carolina Aires Sucheuski 2º Warrakloureiro 3º Christiano Calvet & Cecilia Costa	1º Editora da USP 2º Edições Sesc SP 3º Editora SESI SP	1º M 2º G 3º G
Ciências da Natureza, Meio Ambiente e Matemática	1º Mata Atlântica – Uma História do Futuro 2º Agricultura Conservacionista no Brasil 3º Una Isi Kayawa – o Livro da Cura	1º Fabio Rubio Scarano 2º Luiz Fernando Carvalho Leite 3º Agostinho Ika Muru e Alexandre Quinet	1º Edições de Janeiro 2º Embrapa 3º Dantes Editora	1º M 2º G 3º M
Ciências da Saúde	1º Tratado de Neuropsiquiatria Neurologia	1º Leonardo Caixeta 2º Márcia Marques Jericó	1º Editora Atheneu 2º Roca	1º G 2º M 3º G

	Cognitiva e do Comportamento e Neuropsicologia 2º Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos 3º Atualização em Hemorragia Digestiva	3º Bruno Zilberstein, Flair José Carrilho	3º Editora Atheneu	
Ciências Humanas	1º O Brasil Colonial 2º Políticas Culturais e Povos Indígenas 3º Tortura na Era dos Direitos Humanos	1º João Fragoso 2º Pedro de Niemeyer Cesarino 3º Nancy Cardia e Roberta Astolfi	1º Civilização Brasileira 2º Editora Unesp 3º Editora da USP	1º G 2º M 3º M
Comunicação	1º Gestão dos Jornais Brasileiros na Internet 2º Imagem Contestada 3º Cartas a Lula	1º Renato Fonseca 2º Karina Janz Woitowicz 3º Bernardo Kucisnski	1º Editora SESI SP 2º Editora UEPG 3º Edições de Janeiro	1º G 2º M 3º M
Contos e Crônicas	1º Sem Vista para o Mar. Contos de Fuga 2º Dez Centímetros Acima do Chão 3º Olhos D'água	1º Carol Rodrigues 2º Flavio Cafiero 3º Conceição Evaristo	1º Edith 2º Cosac Naify 3º Pallas Editora	1º P 2º P 3º P
Didático e Paradidático	1º Arte é Infância 2º Almanaque da Banda Gigante 3º Por Toda Parte Volume Único	1º Vivian Caroline Lopes 2º Lu Lopes 3º Solange Santos Utuari Ferrari	1º Ciranda Cultural 2º Editora SESI SP 3º FTD Educação	1º P 2º G 3º G
Direito	1º Direitos Fundamentais das Pessoas em Situação de Rua 2º Justiça Restaurativa e Abolicionismo Penal 3º Violência X Cidade	1º Ada Pellegrini Grinover 2º Daniel Achutti 3º Paulo Afonso Cavichioli Carmona	1º Editora D'Plácido 2º Editora Saraiva 3º Marcial Pons	1º P 2º G 3º M
Economia, Administração, Negócios, Turismo,	1º Estranhas Catedrais 2º A Humanidade Contra as Cordas 3º Inflação e Crises	1º Pedro Henrique Pedreira Campos 2º Eduardo Felipe P. Matias 3º Affonso Celso Pastore	1º Editora da UFF 2º Paz e Terra 3º Elsevier	1º M 2º G 3º G

Hotelaria e Lazer	– o Papel da Moeda			
Educação e Pedagogia	1º Práticas da Interdisciplinaridade e no Ensino e Pesquisa 2º Altas Habilidades/Superdotação, Inteligência e Criatividade 3º Da Autoridade Pedagógica à Amizade Intelectual	1º Arlindo Philippi Jr e Valdir Fernandes 2º Angela Virgolim / Elisabete Konkiewitz (orgs.) 3º Julio Groppa Aquino	1º Editora Manole 2º Papyrus Editora 3º Cortez Editora	1º G 2º M 3º M
Engenharias, Tecnologias e Informática	1º Transportes: História, Crises e Caminhos 2º Robótica Móvel 3º Fontes Renováveis de Energia	1º Vicente de Brito Pereira 2º (Org.) Roseli Aparecida Francelin 3º Ennio Peres da Silva	1º Civilização Brasileira 2º LTC Editora 3º Editora Livraria da Física	1º G 2º M 3º M
Gastronomia	1º Gente do Mar 2º O País Das Bananas 3º À Francesa : A Belle Époque do Comer e do Beber no Recife	1º Ricardo Maranhão 2º J. A. Dias Lopes 3º Frederico de Oliveira Toscano	1º Editora Terceiro Nome 2º Companhia Editora Nacional 3º Cepe Editora	1º M 2º G 3º M
Ilustração	1º Claudius 2º Lobisomem sem Barba 3º Labirinto	1º Claudius Ceccon 2º Wagner Willian 3º Alex Cerveny	1º Editora SESI SP 2º Balão Editorial 3º Editora Neotropica	1º G 2º P 3º M
Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil	1º A Força da Palmeira 2º Os Três Ratos de Chantilly 3º O Livro do Acaso	1º Anabella López 2º Alexandre Camanho 3º Nelson Cruz	1º Pallas Míni 2º Editora Pulo do Gato 3º Abacatte Editorial	1º P 2º P 3º P
Infantil	1º A História Verdadeira do Sapo Luiz 2º A Roupa Nova do Arco-da-velha 3º A Raiva	1º Luiz Ruffato 2º Flávia Savary 3º Blandina Franco e José Carlos Lollo	1º Editora DSOP 2º Editora Cidade Nova 3º Zahar	1º M 2º M 3º G

Infantil Digital	1º Meu Aplicativo de Folclore 2º Via Láctea de Olavo Bilac 3º Flicts	1º Ricardo Azevedo 2º Samira Almeida E Fernando Tangi 3º Ziraldo	1º Editora Ática 2º Storymax 3º Editora Melhoramentos e Engenhoca	1º G 2º M 3º G
Juvenil	1º A Linha Negra 2º Os Olhos Cegos dos Cavalos Loucos 3º Memórias Quase Póstumas de Machado de Assis	1º Mario Teixeira 2º Ignácio de Loyola Brandão 3º Álvaro Cardoso Gomes	1º Editora Scipione 2º Editora Moderna 3º FTD Educação	1º G 2º G 3º G
Poesia	1º Corpo de Festim 2º Clio 3º A Comedia de Alissia Bloom	1º Alexandre Guarnieri 2º Marco Lucchesi 3º Manoel Herzog	1º Confraria do Vento 2º Globo Livros 3º Editora Patuá	1º P 2º M 3º P
Projeto Gráfico	1º Livro dos Ex-libris 2º O Gráfico Amador: As Origens da Moderna Tipografia Brasileira 3º Cidade Imaginária	1º Ana Luisa Escorel 2º Mayumi Okuyama 3º Anico Herskovits	1º Imprensa Oficial do Estado e ABL 2º Verso Brasil Editora 3º Letra 1	1º G 2º M 3º P
Psicologia, Psicanálise e Comportamento	1º O Tronco e os Ramos 2º A Fabricação do Humano. Psicanálise, Subjetivação e Cultura 3º Deus Analisado – os Católicos e Freud	1º Renato Mezan 2º Joel Birman (org) 3º Ricardo Torri de Araújo	1º Companhia das Letras 2º Zagodoni Editora 3º Edições Loyola	1º G 2º M 3º M
Reportagem e Documentário	1º A Casa da Vovó 2º 1964 Na Visão do Ministro do Trabalho de João Goulart 3º Brado Retumbante	1º Marcelo Godoy 2º Almino Affonso 3º Paulo Markun	1º Alameda Casa Editorial 2º Imprensa Oficial do Estado 3º Benvirá	1º P 2º M 3º P
Romance	1º Quarenta Dias 2º Caderno de um Ausente	1º Maria Valéria Rezende 2º João Anzanello	1º Editora Objetiva 2º Cosac	1º G 2º P 3º G

	3° Os Piores Dias de Minha Vida Foram Todos	Carrascoza 3° Evandro Affonso Ferreira	Naify 3° Editora Record	
Teoria/Crítica Literária, Dicionários e Gramáticas	1° Do Mito das Musas à Razão das Letras 2° História da Literatura Universal 3° Gramática da Língua Portuguesa Padrão	1° Roberto Acízelo de Souza 2° Ana Maria Junqueira Fabrino 3° Amini Boainain Hauy	1° Argos Editora da Unochapecó 2° Editora Intersaberes 3° Editora da USP	1° M 2° M 3° G
Tradução	1° Spinoza Obra Completa 2° Vida e Destino 3° O Mundo Como Vontade e Representação, Tomo II	1° J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano 2° Irineu Franco Perpetuo 3° Eduardo Ribeiro da Fonseca	1° Editora Perspectiva 2° Editora Objetiva 3° Editora UFPR	1° G 2° G 3° M

Fonte: Jabuti - CBL, 2015.

ANEXO 3

CATÁLOGO DA EDITORA ANTIGO LEBLON			
ASSUNTOS	TÍTULOS	AUTORES	ATRIBUIÇÕES INTELLECTUAIS E SOCIAIS DOS AUTORES
BIOGRAFIA	1. Memórias de um Petroleiro	1. Luiz Pinho	1. Escritor, Petroleiro, trabalhou nas empresas Petrobrás e Odebrecht.
CONTOS	1. O olhar matreiro do Serafim	1. Rogério Barbosa Lima	1. Escritor, Advogado e fundador da Editora Antigo Leblon.
CRÔNICAS	1. Lucho Apoelo 2. O Antigo Leblon – Uma aldeia encantada 3. Sem caminhos de volta 4. Minha gente saiu à rua 5. O velho e o bar	1. Rogério Barbosa Lima 2. Rogério Barbosa Lima 3. Rogério Barbosa Lima 4. Rogério Barbosa Lima 5. Rogério Barbosa Lima	1. Idem. 2. Idem. 3. Idem. 4. Idem. 5. Idem.
ENTREVISTAS	1. Quem mais fala do(s) Livro(s)?!...	1. Érico Braga Barbosa Lima	1. Escritor, Professor, Engenheiro, Doutor em Letras pela PUC Rio, Coordenador da Cátedra Unesco de Leitura PUC Rio e fundador da editora Antigo Leblon.
FICÇÃO/ENSAIO	1. O homem que tudo leu 2. Novíssima Gramática do velho Português – pelo método estúrdio, mas proficiente de RBL	1. Érico Braga Barbosa Lima 2. Rogério Barbosa Lima	1. Idem. 2. Idem.
POESIA	1. Luzes 2. Estilhaços de babel 3. Estilhaços de babel II 4. Tempo desejo	1. Érico Braga Barbosa Lima 2. Érico Braga Barbosa Lima 3. Érico Braga Barbosa Lima 4. Carlos Costa	1. Idem. 2. Idem. 3. Idem. 4. Escritor e músico.
ROMANCE	1. Caminho de Cabras	1. Rogério Barbosa Lima	1. Idem.

ROMANCE- BIOGRÁFICO	1. Paulo Fortes – Um brasileiro na Ópera	1. Rogério Barbosa Lima	1. Idem.
ROMANCE- POESIA	1. Kama Antropofájika	1. Paulo Bauler	1. Escritor de literatura Contemporânea.

Fonte: Editora Antigo Leblon, 2015.

ANEXO 4

CATÁLOGO DA EDITORA CIRCUITO			
COLEÇÕES	TÍTULOS	AUTORES/(ORGs)	ATRIBUIÇÕES INTELECTUAIS DOS AUTORES
Coleção Circuito	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conversas com curadores e críticos de arte 2. DJs 3. Coletivos 	<ol style="list-style-type: none"> 1. (org.)Renato Rezende e Guilherme Bueno 2. Fred Coelho e Joca Vidal 3. (org.) Renato Rezende e Felipe Scovino 	<ol style="list-style-type: none"> 1. (Renato) Fundador e Editor chefe da Editora Circuito, escritor, artista plástico e curador de exposições de arte contemporânea. (Guilherme) Doutor em Artes Visuais pela UFRJ, Professor na EBA/UFRJ e crítico de arte. 2. (Fred) Pesquisador, escritor, curador, fotógrafo, ensaísta, roteirista, DJ fundador da Phunk! e professor da PUC. (Joca) Produtor cultural, DJ, Economista e pesquisador. 3. (Renato Rezende). (Felipe) Professor Adjunto da EBA/UFRJ e crítico de arte.
Coleção Nomadismos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Suturas. Um Breviário 2. Fala, Poesia 3. Amazônia & Co. 4. A Pequena Voz do Mundo 5. Notas, disparos, sublinhados 6. O capitão Nemo e eu 7. O homem mais portátil do mundo 8. Intervenções críticas 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Daniel Link 2. Tamara Kamenzain 3. Rafael Cippolini 4. Diana Bellessi 5. María Moreno 6. Alfredo Prior 7. Arturo Carrera 8. Josefina Ludmer 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Escritor e crítico literário argentino. 2. Poeta e ensaísta argentina. 3. Escritor, ensaísta e curador argentino. 4. Poeta argentina. 5. Escritora argentina. 6. Escritor, artista plástico e músico argentino. 7. Poeta e escritor argentino 8. Professora de Literatura e escritora argentina.
Experiências de escrita/ficção	<ol style="list-style-type: none"> 1. Almas selvagens 2. Nove tiros em Chef Lidu 3. O Ser-se 4. A grande marcha 5. Entre lobo e cão 6. Pequena coleção de grandes horrores 7. Preces para a amiga submersa 8. Cosmocrunch 9. Auréola 10. Amarração 	<ol style="list-style-type: none"> 1. André Gardel 2. Paula Bajer Fernandes 3. Júnia Azevedo 4. Ewerton Martins Ribeiro 5. Claudia Roquette-Pinto 6. Luiz Brás 7. Lúcia Castello Branco 8. Maria Dolores Wanderley 9. Renato Rezende 10. Renato Rezende 11. Fernanda de Mello Gentil 12. Heleno Bernardi 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Músico, poeta e professor Adjunto em Teoria do Teatro na UNIRIO. 2. Escritora finalista do premio SESC de literatura de 2014. 3. Escritora e redatora em agências de publicidade. 4. Jornalista, escritor e mestre em Literatura pela UFMG 5. Escritora e tradutora brasileira vencedora do Prêmio Jabuti em 2001. 6. Escritor e coordenador de laboratórios de criação literária. 7. Escritora, psicanalista e professora titular em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da UFMG. 8. Escritora, geóloga e professora de Paleontologia na UFRJ. 9. Idem.

	<p>11. Nós Somos Uma Correspondência</p> <p>12. Truques de Autor</p>		<p>10. Idem.</p> <p>11. Escritora, idealizadora e sócia-fundadora da Editora Circuito, doutora em Letras na PUC-Rio e responsável principalmente pelos projetos digitais da editora.</p> <p>12. Escritor, artista plástico e professor do curso Portfólio da ESPM, lecionou na Escola de Comunicação da UFRJ.</p>
Experiências de escrita/poesia	<p>1. Repetir</p> <p>2. O olho do Lince</p> <p>3. A outra morte de Alberto Caeiro</p> <p>4. 1,68 x 1,81</p> <p>5. Em caso de emergência pare o tempo</p> <p>6. Naxos</p> <p>7. N'Ágora ainda</p> <p>8. Os nomes</p> <p>9. Caixa-Preta</p> <p>10. Rasga-mortalha – poemas dos outros</p> <p>11. Lira dos sentidos</p> <p>12. Gazetas esportivas</p> <p>13. Romance</p> <p>14. O Céu da Célula</p> <p>15. Clínica de artista II</p> <p>16. Clínica de artista I</p> <p>17. Os Tigres Cravaram as Garras no Horizonte</p> <p>18. Dezembro</p>	<p>1. Katia Maciel</p> <p>2. Guilherme Zarvos</p> <p>3. Afonso Henriques Neto</p> <p>4. Maria André Leite</p> <p>5. Gab Marcondes</p> <p>6. Elsa Cross</p> <p>7. Naila Rachid</p> <p>8. Rogério Luz</p> <p>9. Mariana Roquette-Pinto</p> <p>10. W. B. Lemos</p> <p>11. Carlos Henrique Costa</p> <p>12. Alex Hamburger</p> <p>13. Caio Meira</p> <p>14. Alberto Saraiva</p> <p>15. Roberto Corrêa dos Santos</p> <p>16. Roberto Corrêa dos Santos</p> <p>17. Augusto Guimaraens Cavalcanti</p> <p>18. Ana Tereza Salek</p>	<p>1. Artista, cineasta, poeta e professora da Escola de Comunicação da UFRJ.</p> <p>2. <u>Escritor, produtor cultural</u>, cientista social e <u>economista</u>.</p> <p>3. Escritor e professor do Instituto de Artes e Comunicação Social da UFF.</p> <p>4. Escritora de 16 anos de idade nascida em Portugal.</p> <p>5. Escritora, artista visual e mestre em música pela UFRJ.</p> <p>6. Escritora, tradutora e ensaísta mexicana.</p> <p>7. Escritora, médica, psicanalista, artista e produtora de arte.</p> <p>8. Escritor, artista plástico e ensaísta, foi professor universitário na UFPB, UFF, UFRJ e UERJ.</p> <p>9. Escritora e artista plástica.</p> <p>10. Escritor, ator formado pela Escola de Teatro Martins Pena e doutorando em Literatura Comparada na UERJ.</p> <p>11. Escritor, jornalista, cantor, compositor e letrista.</p> <p>12. Escritor, artista visual e performático.</p> <p>13. Escritor, pesquisador e tradutor doutor em Teoria Literária e Poética pela UFRJ.</p> <p>14. Escritor, fotógrafo, videoartista e curador do Oi Futuro, no Rio de Janeiro.</p> <p>15. Escritor, crítico literário, professor no Instituto de Artes UERJ.</p> <p>16. Roberto Corrêa dos Santos</p> <p>17. Escritor e doutorando pela Puc-Rio em Ciências Sociais.</p> <p>18. Escritora e graduanda em Letras na PUC-Rio.</p>
Livros de Artista	<p>1. Não-objetos poéticos</p> <p>2. Diário para descolorir</p> <p>3. Catálogo da exposição “Da Escrita Delas Elas”</p>	<p>1. Osmar Dillon</p> <p>2. Alex Frechette</p> <p>3. Curadoria de Fabiana de Moraes e Isabel Sanson Portella</p> <p>4. Renato Rezende e Dirk Vollenbroich</p>	<p>1. Artista visual, arquiteto.</p> <p>2. Artista plástico.</p> <p>3. Catálogo de exposição no Museu da República com apoio da Funarte.</p> <p>4. (Renato Rezende), (Dirk) Artista plástico alemão, produz no campo de vídeo e mídia arte e instalações.</p> <p>5. Diretor do MAR-Museu de Arte do</p>

	<ol style="list-style-type: none"> 4. S.O.S Poesia 5. Pororoca: a Amazônia no MAR 6. Cidades Visíveis 7. Laura Lima 8. Milton Machado – Cabeça 9. A hora da razão 10. Trânsitos 11. The End Factory Project 12. Passagem Secreta 	<ol style="list-style-type: none"> 5. (org.) Paulo Herkenhoff 6. Halley Margon 7. Renato Rezende 8. Ed. Circuito e a Vak Traduções 9. Nuno Ramos 10. Mário Carneiro 11. Adriana Tabalipa 12. Brígida Baltar 	<p>Rio foi Diretor do Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro e Curador-Chefe do MAM.</p> <ol style="list-style-type: none"> 6. Escritor, fotógrafo com menção honrosa no Prêmio Sesc de Literatura 2009) 7. Idem. 8. (Ed. Circuito) 9. Escritor, artista visual, cenógrafo, ensaísta e videomaker. 10. Fotógrafo do Cinema Novo, artista visual. 11. Artista visual e gravadora. Tem sua formação artística em cursos no Museu da Gravura e no Museu de Arte Contemporânea, no Paraná, e no Museu de Arte Moderna e na EAV/Parque Lage. 12. Artista plástica, artista multimídia.
Teoria da Arte	<ol style="list-style-type: none"> 1. Espaços compartilhados da imagem: caderno de reflexões críticas sobre a fotografia 2. Cérebro-Occidente/Cérebro-Brasil 3. Nós, o outro, o distante na arte brasileira contemporânea 4. Distopias Tecnológicas 5. Narrativas Sensoriais 6. Espaços autônomos de arte contemporânea 7. Poesia e Videoarte 8. Experiência e Arte Contemporânea 9. No Contemporâneo: Arte e Escrita Expandidas 	<ol style="list-style-type: none"> 1. (org.) Bruno Vilela e Guilherme Cunha 2. Roberto Corrêa dos Santos 3. Marisa Flório Cesar 4. Juliana Gontijo 5. (org.) Osmar Gonçalves 6. Kamilla Nunes 7. Renato Rezende e Katia Maciel 8. (org.) Ana Kiffer, Renato Rezende e Christophe Bident 9. Roberto Corrêa dos Santos e Renato Rezende 	<ol style="list-style-type: none"> 1. (Bruno) Artista plástico formado em retrato e figura humana por Sunishi Yamada. Ganhador do Premio Funarte 2010. (Guilherme) <u>Designer gráfico</u>, foi professor da ESDI e da UFPE. 2. (Roberto Corrêa dos Santos) 3. Curadora, crítica e historiadora da arte formada pela EBA/UF RJ. 4. Escritora, curadora e professora de arte contemporânea. 5. Pesquisador e fotógrafo, doutor em Comunicação pela UFMG. 6. Pesquisadora e curadora de arte contemporânea. 7. (Renato Rezende), (Kátia Maciel) 8. (Ana) Pesquisadora e professora de arte francesa e contemporânea. (Christophe) Pesquisador e professor de Estudos Teatrais da Universidade de Picardia Jules Verne. 9. (Roberto Corrêa dos Santos e Renato Rezende)
Intervenções e Pensamento vivo	<ol style="list-style-type: none"> 1. A Dialética do gosto: Informação, música e 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Marco Schneider 2. Claudio Oliveira 3. Alex Frechette 4. Rodrigo Savazoni 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA-USP), Pós-doutorado em Estudos Culturais na

	<p>política</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. Do tudo e do todo 3. Diário em progresso 4. Os novos bárbaros – a aventura política do Fora do Eixo 5. Imagens na educação em ciências 6. A reflexão atuante 7. Comunidades sem fim 	<ol style="list-style-type: none"> 5. (org.) Carmen Irene C. de Oliveira e Lucia Helena Pralon de Souza 6. Sergio Cohn 7. (org.) João Camillo Penna e Ângela Maria Dias 	<p>(PACC-UFRJ), produtor editorial e pesquisador.</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. Escritor e pesquisador de arte. 3. (Alex Frechette) 4. Jornalista, escritor e realizador multimídia. 5. (Carmen) Escritora e pesquisadora na área da Educação. (Lucia) Escritora e pesquisadora na área da Educação. 6. Escritor e sócio-diretor da Azougue Editorial. 7. (João) Professor Letras/UFRJ, escritor e pesquisador. (Ângela) Professora Letras/ UFF, escritora e pesquisadora.
<p>Coleção orelhas contemporâ neas</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Artexperiência contemporânea 2. Gravidade 3. Saudades de um punhal 4. Amor: verso: reverso 5. Coreografia 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Renato Rezende 2. Katia Maciel 3. Leila Danziger 4. Sérgio de Oliveira 5. André Parente 	<ol style="list-style-type: none"> 1. (Renato Rezende) 2. (Kátia Maciel) 3. Professora Artes/UERJ, artista visual, escritora e pesquisadora. 4. Professor de Artes no PPGCA/UFF. 5. Pesquisador e professora na ECO/UFRJ.

Fonte: Editora Circuito, 2015.

ANEXO 5

CATÁLOGO DA EDITORA OUTRAS DIMENSÕES		
Coleção	Título	Autor
Poesia	<ol style="list-style-type: none"> 1. Silhueta Art Zine 2. Poesia para Nada 3. O homem sem rosto 4. Aprisionado 5. Color de Luna 6. Boa Noite Meretriz 7. Olhares e Silêncio 8. Preto Nu Branco 9. Despoesia e Outros Textos Pós-Poéticos 10. Livro Mínimo 11. Egosutra 12. Frasco de Sonhos 13. Bisbilhotar 14. Amigos da Natureza 15. Bolsa de Mulher 16. Atmosfera 17. Stella Autora 18. Não te Desesperes Cariátide 19. As coisas perdidas 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Rômulo Ferreira 2. Idem. 3. Idem. 4. Idem. 5. Idem. 6. Idem. 7. Idem. 8. Idem. 9. Idem. 10. Idem. 11. Fernando Rodrigues 12. Douglas Aparecido 13. Luiz Fernando Pinto 14. Barbara Barroso 15. Idem. 16. Brasil Barreto 17. Aurea Barros 18. Glauber Lauria 19. Rafael Nolli
Coletânea de Poesia	<ol style="list-style-type: none"> 1. 13 Poemas Manuscritos 2. ACRE 3. Soco no Olho 	<ol style="list-style-type: none"> 1 (org. Rômulo Ferreira) 2 Idem. 3 Idem.
Periódicos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Informativo Ameopoema 2. Folha Cultural Outras Dimensões 3. Jornal Poesia Para Todos 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Rômulo Ferreira 2. Idem 3. Rômulo Ferreira e Barbara Barroso

Fonte: Editora Outras Dimensões, 2015.